



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

Aline Brustulin Cecchin

**POETAS EM “REUNIÃO”:
O GRUPO MATRÍCULA E A CONSOLIDAÇÃO DE UM SISTEMA LITERÁRIO
REGIONAL NA SERRA GAÚCHA**

Caxias do Sul
2014



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

Aline Brustulin Cecchin

**POETAS EM “REUNIÃO”:
O GRUPO MATRÍCULA E A CONSOLIDAÇÃO DE UM SISTEMA LITERÁRIO
REGIONAL NA SERRA GAÚCHA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Dr. João Claudio Arendt.

Caxias do Sul
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

C387p Cecchin, Aline Brustulin, 1988-
Poetas em “reunião”: o Grupo Matrícula e a consolidação de um sistema literário regional na Serra Gaúcha / Aline Brustulin Cecchin. - 2014.
140 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.
Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2014.
Orientador: Prof. Dr. João Claudio Arendt

1. Literatura – Serra Gaúcha. 2. Literatura sul-rio-grandense. 3. Regionalismo na literatura. I.Título.

CDU 2.ed.:82(816.5)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Literatura – Serra Gaúcha	82(816.5)
2. Literatura sul-rio-grandense	821.134.3(816.5)
3. Regionalismo na literatura	82.09

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236.

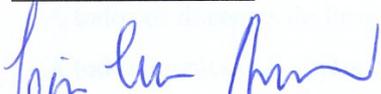
Poetas em “reunião”: o Grupo Matrícula e a consolidação de um sistema literário regional na Serra Gaúcha

Aline Brustulin Cecchin

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e Regionalidade.

Caxias do Sul, 05 de agosto de 2014.

Banca Examinadora:



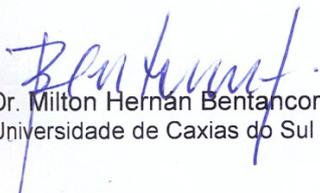
Dr. João Claudio Arendt
Universidade de Caxias do Sul



Dr. Antônio Carlos Mousquer
Universidade Federal do Rio Grande



Dr. Márcio Miranda Alves
Universidade de Caxias do Sul



Dr. Milton Hernan Bentancor
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo consolo da alma nos momento difíceis.

Ao incansável professor e orientador João Claudio Arendt, pela sua permanente disponibilidade e dedicação, exemplo de trabalho, rigor científico e experiência.

Ao sempre presente Tiago, pelo afeto, força, compreensão e conselhos amigos.

Ao Fábio e Marlene, incomparáveis como pais, pelo grande apoio, dedicação e palavras de incentivo.

À Natália, irmã, por sempre acreditar que eu era capaz e por ser um exemplo em sua conduta de estudo e investigação.

À Daniele, grande amiga, por todo o seu apoio e amizade.

À querida Tatiana, pela companhia e dados de pesquisa compartilhados.

À Karen, que me presenteou com um exemplar do livro *Matrícula*.

À Larissa, pelo carinho e grande ajuda.

Aos colegas do grupo de pesquisa LIBRO, pelas trocas de conhecimento que realizamos durante nossos encontros.

A todos os docentes do Programa, cujas aulas tive o prazer de frequentar.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

*Esta armadura me cansa.
Quando é tão cômodo
buscar corolas
intocadas, viagens
que eu quisera ter
feito, sulcos
férteis em cantigas.*

*Tenho medo de viver
tão salvo. Recolho
nos mastros recém-
cansados apenas
vinte e nove portos
sonolentos nos
confins da maresia*

*Melhor seria
sonhar montanhas perdidas,
rever ainda o que resta de imaturo
neste azul. Terei
a coragem
de ir desprotegido.*

*Inútil verificar
se o ofício não é êste.
Os sulcos exaustos
esperam vazios
quase a vida ferida,
forma inatingida
na avidez da coisa nua.*

*Em breve direi tudo.
A luz me deixa triste,
Não há fôlego no que
,xiste. Sinto escor-
rendo pelas montanhas
vozes e rosas quedadas
sôbre a minha vertigem.*

*Por isso, chego
sandálias, rimas
rotas e clementes.
Nunca finda o ofício
de visitar a palavra
com rimas clementes
e rotas, as sandálias.*

(OSCAR BERTHOLDO, *Ofício*, 1967.)

RESUMO

O tema da presente dissertação consiste na investigação acerca da contribuição do Grupo Matrícula para a consolidação de um sistema literário regional na Serra Gaúcha. Ao compreender a literatura como um sistema particular, serão analisados elementos de produção, publicação e circulação em relação ao Grupo. Sob esse viés, fazem parte do sistema escritores, leitores e obras, e também editoras, universidades, livrarias, bibliotecas, análises críticas e outros. Será ainda observado o ambiente literário em que surge a antologia, assim como o ambiente que emerge após a sua publicação. À luz da sociologia da literatura, parte-se da totalidade de um sistema literário e, gradativamente, reduz-se ao sistema literário regional da Serra Gaúcha, para, finalmente, verificar o papel do Grupo Matrícula na consolidação desse sistema. Para tanto, servirão como aporte teórico os estudos sobre região cultural, regionalidades, literatura regional e sistemas literários. Os fatores sociais e culturais específicos de uma região, que agem sobre a produção e recepção da literatura, as instituições que constituem uma paisagem literária regional, assim como as condições de leitura e público literário são elementos investigativos da pesquisa em questão que contribuem para que se compreenda a vida literária na Serra Gaúcha, entre os anos de 1950 e 1980.

Palavras-chave: Grupo Matrícula; Serra Gaúcha; Sistema Literário Regional; Região cultural; Regionalidades.

ABSTRACT

The topic studied in this master's thesis is the investigation about the contribution of Grupo Matrícula to consolidate a regional literary system in Serra Gaúcha. Understanding the literature like a particular system, elements of production will be analyzed, as the publication, and diffusion in relation to the group. Writers, readers, books, publishing houses, universities, libraries, bookstores, and critical analysis are part of this system. The literary landscape, where the anthology arises, will be observed, and, also, the literary configuration after that. Based on the sociology of literature, this research is firstly developed considering a literary system in its totality, and, gradually, it reduces to the regional literary system in Serra Gaúcha, and, finally, it verifies the role of the Grupo Matrícula in the consolidation of a system. The studies about cultural region, regionalities, regional literature and literary systems will be used as theoretical basis. The social and cultural factors of a region that act on the production and reception of literature, the institutions that constitute a regional literary landscape, and, also, the conditions of reading and the literary public are investigating elements of this work. They contribute to understand the literary life in Serra Gaúcha, between 1950 and 1980.

Keywords: Grupo Matrícula; Serra Gaúcha; Regional Literary System; Cultural Region; Regionalities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. PROPOSTA DE ANÁLISE A PARTIR DA SOCIOLOGIA DA LITERATURA	15
1.1 A região entendida como um constructo cultural	16
1.2 Regionalidades: um propósito literário	20
1.3 A literatura regional sob o viés das regionalidades.....	24
1.4 Sistemas literários	27
1.4.1 A literatura como sistema.....	27
1.4.2 Sistema literário regional	33
2. A PAISAGEM LITERÁRIA SERRANA: 1950 A 1980	38
2.1 A definição de poesia serrana	39
2.2 Entre 1950 e 1969: o ambiente literário em que surge o Grupo Matrícula.....	43
2.3 Entre 1970 e 1980: o ambiente literário que emerge após o Grupo Matrícula ...	68
3. O SISTEMA LITERÁRIO REGIONAL E A SUA REDE DE RELAÇÕES.....	81
3.1 Sistema literário regional em relação ao Matrícula.....	82
3.2 A rede de relações internas do Grupo Matrícula.....	84
3.3 A rede de relações externas do Grupo Matrícula	87
3.4 Questões de prestígio e difusão da literatura regional	91
3.4.1 Oscar Bertholdo: poeta do vale.....	94
3.4.2 José Clemente Pozenato: poeta do interior.....	97
3.4.3 Jayme Paviani: poeta do lugar de memória	98
3.4.4 Ary Nicodemos Trentin: poeta do espaço estático	100
3.4.5 Delmino Gritti: poeta do território humano.....	102
3.4.6 O Grupo Matrícula: reunião de poetas da/na Serra Gaúcha	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	114
Referências sobre o Grupo Matrícula.....	114
Referências de aporte teórico	116
Referências dos jornais.....	118
Bibliografia complementar.....	120

ANEXOS	122
Anexo A	123
Anexo B.....	127
Anexo C.....	134

*Aqui, o poeta
faz a transfusão
das coisas secretas.
Aqui nascem
as palavras suprimidas:
surda gestação
das formas líricas.
Aqui, o direito de ser
áspero e ignorar
a sintaxe de usança.(...)
Aqui, os poemas
têm a mesma idade,
a mesma solidão
sei que existe.
Aqui, nêste
vale de urgências,
o sentimento abso-
luto de unidade.*

(OSCAR BERTHOLDO, *Poema de minha verdade*, 1967)

INTRODUÇÃO

No final da década de 1960, ocorreu a publicação de um livro de poemas por um grupo composto por cinco jovens escritores – Oscar Bertholdo, José Clemente Pozenato, Jayme Paviani, Ary Nicodemos Trentin e Delmino Gritti –, o qual posteriormente ficou conhecido pelo título de sua antologia: *Matrícula* (1967). A partir da fortuna crítica pesquisada acerca do Grupo Reunião, como se autodenominou inicialmente, percebe-se que a publicação da antologia foi um marco importante na produção poética do Rio Grande do Sul.

A obra rompeu com a literatura saudosista, ufanista e etnocêntrica que existia na região da Serra e integrou-se à nova geração de poetas que, naquela época, surgia no Rio Grande do Sul. Segundo Arendt (2007, p. 31), a antologia poética do Grupo diferencia-se do panorama já existente por não possuir o sentimento de telurismo regionalista gauchesco ou serrano. A ausência de um programa literário seria o diferencial da obra, assim possibilitando a sua propagação entre leitores de diferentes espaços culturais.

Dentre os cinco escritores do Grupo, quatro inauguraram sua escrita na poesia com a publicação de *Matrícula* (1967), e todos continuaram publicando poemas nas décadas seguintes, mas individualmente. Encontram-se, também, no âmbito da literatura, publicações de romances, novelas e contos, como é o caso de José Clemente Pozenato. Além disso, houve significativa produção dos escritores do Grupo no meio acadêmico, assim contribuindo para a produção crítica e científica da região.

Oscar Bertholdo¹ (1935 – 1991), após a publicação de *Matrícula* (1967), foi, entre os cinco escritores do Grupo, quem mais produziu e publicou poemas. São diversos livros que compõem o seu acervo, destacando-se: *As cordas* (1968), *Corpobre* (1969), *O guardião das vinhas* (1970), *A colheita comum* (1971), *Poemimprovisos* (1974), *Lugar* (1976), *Ave, árvore & tempo de assoalho* (1981), *Informes de ofício e outras novidades* (1982), *Canto de amor a farroupilha* (1984), *Cantigas* (1986), *Arte & poesia* (1987), *Momentos de intimidade* (1987), *Amadas raízes* (1992), *Bocca chiusa* (1996), *Molho de chaves* (2001) e *O fazedor de lonjuras*

¹ Nasceu em Nova Roma do Sul, em 1935. Formou-se em Filosofia em, 1960, pela Faculdade Imaculada Conceição de Viamão, onde também cursou Teologia (CHAVES e RIBEIRO, 2007, p. 271). Foi padre, cronista e poeta.

(2011). O poeta também recebeu diversos prêmios literários, como o do Instituto Estadual do Livro no Rio Grande do Sul/1973 (1º lugar), I Concurso Nacional de Literatura da Caixa Econômica de Goiás/1974 (1º lugar), II Concurso Nacional de Poesia Sobre o Vinho/1985 (2º lugar) e Prêmio Master de Literatura/1986 (2º lugar). Ressalta-se, ainda, que o escritor teve uma participação decisiva na criação do Congresso Brasileiro de Poesia, realizado anualmente em Bento Gonçalves.

Além da antologia poética *Matrícula* (1967), **José Clemente Pozenato**², no âmbito da poesia, publicou *Vária figura* (1971), *Carta de Viagem* (1982), *Meridiano* (1983) e *Cânti Rústegui* (1993). O autor também publicou ficção: *O caso do martelo* (1985), novela policial que foi adaptada para a televisão; *O Quatrilho* (1985), romance que foi adaptado para o cinema por Fábio Barreto, e concorreu ao Oscar em 1996, na categoria de melhor filme estrangeiro; *O caso do loteamento clandestino* (1989) e *O caso do e-mail* (2000), que também são novelas policiais; *A Cocanha* (2000) romance que conta a história da chegada dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul; *A Babilônia* (2006), romance que faz o fechamento da trilogia sobre a história dos imigrantes italianos e seus descendentes. No gênero conto, o autor publicou *O limpador de fogões* (1998). No ano seguinte, publicou *Conversa solta* (1999), no qual reuniu algumas de suas crônicas publicadas no Jornal Pioneiro (Caxias do Sul). O autor também escreveu dois livros para o público infantil: *O jacaré da lagoa* (1990) e *Pisca-tudo* (2001). Sobre a sua produção acadêmica, destacam-se os livros *O regional e o universal* (1974) e *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural* (2003). Além disso, Pozenato trabalhou, durante muitos anos, como professor da Universidade de Caxias do Sul e, nesse tempo, vinculou-se ao projeto Ecirs³, no qual desenvolveu diversos trabalhos e pesquisas sobre a cultura de imigração italiana no Nordeste Sul-riograndense.

Após ter apresentado seus primeiros poemas na antologia poética *Matrícula* (1967), **Jayme Paviani**⁴ também publicou: *Uvas da consolação* (1972), *Onze horas úmidas* (1974), *Águas de colônia* (1979), *O exílio dos dias* (1982), *Agora e na hora das origens* (1986), *Poemas* (1990), *Antes da palavra* (1998) e *As palavras e os dias* (2002). Além de sua produção literária, Paviani tem significativa produção acadêmica, destacando-se: *Estética e*

² Nasceu em São Francisco de Paula, na localidade de Santa Teresa, em 1938. É bacharel em Filosofia, Mestre em Educação e Doutor em Letras pela PUCRS (CHAVES e RIBEIRO, 2007, p. 278).

³ Ecirs: Elementos culturais da imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul. Projeto desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul.

⁴ Nasceu em Flores da Cunha, em 1940. É Licenciado em Filosofia e Bacharel em Direito. Mestre e Doutor em Letras. Fez estudos de Pós-doutorado na Universidade de Padova, Itália, sobre a dialética de Platão e de Aristóteles, em 2000 (CHAVES e RIBEIRO, 2007, p. 282).

filosofia da arte (1973), *Problemas de filosofia da educação* (1990), *Formas de dizer: questões de método, conhecimento e linguagem* (1996), *Filosofia e método em Platão* (2001), *Estética mínima* (1996), *Ensinar – deixar aprender* (2003), *Platão e a república* (2003), *Cultura, humanismo & globalização* (2004).

Ary Nicodemos Trentin⁵ (1942 – 2002) publicou seus primeiros versos na coletânea *Nossa Geração* (1966). O escritor também participou da antologia poética *Matrícula* (1967) e continuou as publicações poéticas individualmente, destacando-se as obras *Investiduras* (1976), *Barcas e arcas* (1981), *Alguma fala e outras tramas* (1984). Além da poesia, Trentin dedicou-se à fotografia documental, após estudos realizados no Centro Internacional de Fotografia (ICP), de Nova Iorque. Nessa área, conquistou vários prêmios, como Kodak (1982), Foto/Sul (1984), Prefeitura de Bento Gonçalves (1985) e Prefeitura de Caxias do Sul (1991). A partir de seus estudos sobre a fotografia, vinculou-se ao projeto Ecirs como fotógrafo e contribuiu de forma decisiva para o acervo de imagens que o projeto possui atualmente.

Apesar de ter escrito apenas um poema em *Matrícula* (1967), **Delmino Gritti**⁶ cooperou significativamente para a publicação do Grupo, visto que colaborou na edição da antologia. Posteriormente, atuou como editor, livreiro e autor. Em 1967, o escritor foi premiado em um concurso literário da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul (1º lugar). Em 2004, foi novamente premiado no Concurso Anual Literário de Caxias do Sul (1º lugar). Gritti também atuou como roteirista, sob direção de Alpheu Godinho, no curta-metragem *Hoje o susto eletrônico*, que foi premiado no Festival de Cinema Jornal do Brasil, em 1969.

Tendo em vista a revisão da literatura realizada para esta dissertação, percebe-se que inexistem trabalhos acadêmicos sobre o Grupo Matrícula enfatizando sua ruptura com os parâmetros literários da época e sua contribuição para o desenvolvimento de um ambiente intelectual na Serra Gaúcha. Em razão disso, o Grupo, como consolidador de um sistema literário regional, constitui um tema ainda não pesquisado. A maior parte dos estudos dedica-se à análise dos poemas sob o enfoque geralmente relacionado a uma sociedade de descendentes de imigrantes italianos. Aspectos estético-literários, como metáforas, metonímias, ritmos, rimas, entre outros, também são frequentes nos trabalhos realizados sobre os cinco escritores.

⁵ Nasceu em Gramado (RS). Licenciado em Filosofia, Bacharel em Teologia e Mestre em Letras pela PUCRS; especialista em fotografia documental pelo Centro Internacional de Fotografia de Nova Iorque (CHAVES e RIBEIRO, 2007, p. 275).

⁶ Nasceu em Garibaldi (RS), em 1942. Licenciado em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul em 1968 (CHAVES e RIBEIRO, 2007, p. 285).

O objetivo geral desta dissertação é o de investigar o papel do Grupo Matrícula para a consolidação de um sistema literário na região da Serra, a partir do mapeamento do ambiente literário entre 1950 e 1980. A sondagem do ambiente literário em que surge o Grupo Matrícula, propondo uma pesquisa dos fatores que contribuíram para a consolidação de um Sistema Literário Regional na Serra Gaúcha, tem como base teórica contribuições da Sociologia da Literatura, especialmente no que diz respeito às relações entre produção, publicação e recepção literárias.

Ressalta-se, ainda, que os objetivos específicos desta dissertação são: definir sistema literário com base na Sociologia da Literatura e aplicá-lo à noção de sistema literário regional; comparar o sistema literário do Nordeste Sul-riograndense, que se constitui a partir da produção do Grupo, com o ambiente literário anterior à publicação da antologia poética *Matrícula* (1967); verificar aspectos relacionados à produção, publicação e recepção da obra *Matrícula* (1967); pesquisar as principais contribuições do Grupo para a consolidação de um Sistema Literário Regional na Serra Gaúcha.

Para alcançar tais objetivos, optou-se por conduzir uma pesquisa de caráter qualitativo, a partir das Teorias Sistêmicas da Literatura e da Teoria dos Polissistemas que serão apresentadas na seção “1.4.1 Sistemas literários”. Ressalta-se que, na busca do melhor método para desenvolver a pesquisa, observou-se que há uma lacuna quanto à abordagem metodológica a ser utilizada para dar conta dos estudos do fenômeno literário regional entendido como um sistema. Dessa forma, as estratégias metodológicas aqui escolhidas são uma alternativa para tratar do assunto.

Destaca-se que esta dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro terá como objetivo refletir acerca de questões teóricas que prepararão o terreno para as análises do segundo e terceiro capítulos. Serão discutidos conceitos como região/região cultural, regionalidades, literatura regional, sistema literário e sistema literário regional.

O foco do segundo capítulo será investigar o ambiente literário em que surgiu o Grupo Matrícula, em comparação ao ambiente literário após a publicação da sua antologia. Para essa análise, será necessária a pesquisa em jornais, bibliotecas e revistas locais, visto que até agora não existe um levantamento completo de dados empíricos acerca do ambiente literário da época do surgimento de Matrícula. Para a melhor compreensão da paisagem literária em questão, optou-se por introduzir no texto algumas imagens digitalizadas encontradas nos jornais pesquisados, de modo que se possibilite ao leitor a visualização de parte dos dados analisados para a elaboração deste trabalho. Serão verificados, também, os desdobramentos

dessa produção em comparação aos dados pesquisados no momento em que o Grupo surge, para, assim, constatar as mudanças da paisagem literária no período de 1950 a 1980.

E, finalmente, no terceiro capítulo, haverá uma retomada do conceito de sistema literário regional e sua articulação com os dados apresentados na dissertação. Além disso, está inserida nesta seção a discussão acerca de questões de difusão e prestígio da literatura regional, bem como a rede de relações interna e externa do Grupo.

Em suma, parte-se da convicção de que não há pesquisas que destaquem a contribuição do Grupo para a consolidação de um sistema literário regional na Serra Gaúcha, ou seja, que pesquisem questões de produção, publicação e circulação da literatura regional no ambiente do Nordeste Sul-riograndense em relação ao Matrícula. Acredita-se que aí resida a relevância do trabalho proposto.

*Era outono quando te levamos.
Pinhões caíam sôbre os caminhos
tombavam as fôlhas dos parreirais.
Graves seguíamos, chapéu na mão, os pretos
sapatos gemendo ao pêso do teu corpo
pelo caminho juncado de pinhões
fôlhas caídas e tênues raios de sol.
Em silêncio prossseguíamos levando-te
fruto outoniço colhido na certa estação.
E tudo tão suave e tão irremediável
nos parecia que sequer pensávamos.
Mas bem sabíamos seres tu o mais ditoso,
que enquanto íamos entre coisas soluçantes
penetravas no gôzo de um campo emudecido.*

(JOSÉ CLEMENTE POZENATO, *Elegia*, 1967)

1. PROPOSTA DE ANÁLISE A PARTIR DA SOCIOLOGIA DA LITERATURA

Atualmente, no âmbito da literatura, percebe-se o grande interesse de pesquisadores em efetuar análises temáticas e/ou estéticas do texto literário. São realizados estudos acerca das personagens, da linguagem, da ambientação, da qualidade do texto, da relação entre a história e a obra literária – neste último caso, muitas vezes, apenas o necessário para o entendimento do texto literário em si. Não desmerecendo tais abordagens, esta dissertação tem como propósito realizar a análise de elementos externos ao texto literário, como a difusão da literatura, o papel de eventos literários (feiras do livro e concursos de poesia), a atuação da crítica literária, entre outros.

Da mesma forma, ouvem-se discursos sobre a existência das literaturas mineira, sertaneja e gaúcha, por exemplo, mas sem o aprofundamento conceitual satisfatório acerca do que seja uma literatura regional e, até mesmo, local. No Brasil, os trabalhos desenvolvidos por estudiosos como Alfredo Bosi (2000) e Afrânio Coutinho (1967), entre outros, a nível nacional, e Regina Zilberman (1982), Donald Schüller (1987) e Guilhermino Cesar (1971), a nível estadual, são de extrema importância, mas não conseguem abarcar todos os escritores que integram os diversos sistemas literários regionais inseridos nas esferas nacional e estadual.

Contudo, esta proposta não se resume apenas à verificação de escritores e à esquematização de obras produzidas e anos de publicação referentes ao final da década de 1960, em Caxias do Sul. A análise dos dados tem por objetivo verificar como se organizava o ambiente literário no qual os escritores, especialmente do Grupo Matrícula, produziram e publicaram os seus textos. Esta pesquisa não será composta de análises internas (temas, personagens, ambientação etc.), mas de análises externas (editoras, concursos, feiras do livro etc.) em relação ao texto literário. Para que a pesquisa seja efetiva, é necessária a reflexão sobre os dados encontrados a partir de um campo teórico composto pelos conceitos de região/região cultural, regionalidades, literatura regional e sistema literário regional. Neste capítulo, o objetivo será o de discutir esses conceitos, na respectiva ordem, para elaborar um campo conceitual que preparará as análises posteriores.

1.1 A região entendida como um constructo cultural

Neste trabalho, entende-se região como um espaço em que haja um conjunto de elementos culturais e relações homogêneas ou não, independentemente de sua caracterização como espaço rural ou urbano. Diferentemente de muitos estudos, para os quais as regiões são apenas consideradas áreas rurais, aqui, tem-se como pressuposto que qualquer espaço pode vir a ser uma região. Então, o objetivo não é o de manter o estigma rural da região, mas, ao contrário, o de abrir os horizontes sobre a reflexão acerca dos elementos que contribuem para a solidificação de uma região, seja ela rural ou urbana.

A tentativa de definir região é muito mais complexa do que se possa imaginar. É preciso desconstruir a ideia de região apenas como entidade geográfica, reformulá-la e entendê-la como uma *rede de relações*, conforme José Clemente Pozenato (2003). Ao considerar que as interações que ocorrem no mundo social compõem uma região, esta, portanto, deve ser entendida como um feixe de relações construídas, e não naturais. Os sujeitos pertencentes à determinada região, na maior parte dos casos, naturalizam seus hábitos culinários, relacionamentos, trabalho, entre outros. No entanto, esses costumes provavelmente sejam resultantes de um projeto de valorização da cultura local, às vezes, motivado até pelo desenvolvimento do turismo.

Entre muitos exemplos encontrados na Serra Gaúcha, destaca-se um elemento culinário que os descendentes dos imigrantes de italianos cultivam no seu imaginário local: a polenta. Esta deveria ser feita em uma panela de ferro (*caliera*), mexida com uma colher de madeira com um tamanho considerável (*mescola*), servida em uma tábua de madeira (*panaro*) e cortada com fio (*spago*). Entretanto, ao frequentar a casa de famílias de descendentes de imigrantes italianos que consomem polenta em suas refeições quase que cotidianamente, percebe-se, na maioria dos casos, que o feitio do alimento já sofreu consideráveis alterações. Ele é preparado em uma panela de inox, mexido com uma colher de plástico e, depois de pronto, é servido em um recipiente de vidro com o auxílio de uma simples colher. Esse exemplo merece destaque aqui, pois, de forma inconsciente, os sujeitos da região, ao mesmo tempo em que ‘naturalizam’ o hábito culinário de fazer polenta através de seus discursos, ‘desnaturalizam-no’ com as facilidades oferecidas pelos tempos modernos, substituindo os instrumentos e procedimentos de feitio do alimento. Conclui-se que o cozimento da polenta, na panela de ferro, e a forma de servir, na tábua, não são naturais, mas apenas os recursos disponíveis na época da chegada dos imigrantes italianos à Serra Gaúcha.

É importante ressaltar o papel desenvolvido pelos projetos de valorização da cultura de imigração italiana no Nordeste Sul-riograndense, que normalmente incidem em cultivá-la, mitificá-la e estatizá-la. Os trabalhos desenvolvidos na área do turismo na região são muito fortes e, na maioria das vezes, de caráter idealizador, alimentando o imaginário local sobre o “verdadeiro” feitiço da polenta, por exemplo.

Além de ser construída e entendida como uma rede de relações, a região também deve ser considerada um processo mutável de des-articulações em rede, conforme Rogério Haesbaert. A partir das trocas simbólicas de uma determinada região, emergem constantes articulações e/ou desarticulações, contribuindo para o aparecimento do ‘novo’. O mesmo autor ainda amplia a ideia e afirma que há dois elementos principais que estimulam a reconstrução da região:

“Construção” que, no nosso entendimento, em hipótese alguma é fruto apenas da ação antropocêntrica da produção intelectual, mas se insere num mundo material que, ao mesmo tempo que é constantemente reconstruído e/ou reapropriado socialmente, também se constrói a si mesmo, na irredutibilidade da própria dinâmica da natureza (HAESBAERT, 2010, p. 14).

Segundo Haesbaert, tanto a ação do homem quanto o mundo material exercem forças sobre uma região. É preciso também considerar o conjunto de forças naturais que atuam sobre ela e interferem na relação entre sujeito e mundo material. Então, entende-se que, na região, há forças que inter-atuam umas sobre as outras e possibilitam a sua re-articulação/reconstrução. Destaca-se ainda que o autor, em sua discussão, apresenta o termo ‘arte-fato’. Para ele, a região faz parte do dinamismo social, que, com a convergência e/ou divergência da atuação das diferentes forças já citadas, re-elabora, re-articula e/ou re-constrói o espaço regional.

Considerando as afirmações feitas, pode-se perceber que o presente trabalho não tem como pressuposto entender a região como um espaço meramente geográfico, mas como um espaço cultural. Todavia, ressalta-se que, para desenvolver esta dissertação, parte-se do conceito de região geográfica, ou seja, da região do Nordeste Sul-riograndense, conhecida também como Serra Gaúcha.

Para atender às necessidades deste trabalho, é preciso entender também o que se propõe através do termo cultura, para, assim, evitar equívocos quanto ao conceito de região cultural. A cultura é percebida, segundo Clifford Geertz, como um conjunto de relações produzidas pelos sujeitos que possuem algo em comum. Assim, para o autor, a cultura deve ser compreendida como um texto. Observe-se:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p. 4).

Neste estudo, a cultura é associada a um conjunto de ligações estabelecidas entre as regionalidades de uma região. Portanto, a cultura regional configura-se através de teias de relações que são percebidas como as particularidades de determinada região. Ao se articularem, as particularidades podem promover o surgimento de novas regionalidades que também irão articular-se, criando, assim, uma rede infinita de relações que compõem uma região cultural.

Rafael José dos Santos, ao discutir questões de regionalidade, afirma que os produtos, as paisagens e os repertórios são elementos que podem ou não ser imprescindíveis na formação de uma teia cultural. Segundo o autor, esses elementos não permitem dizer que uma cultura é insular; ao contrário, eles ajudam a constituir um texto (teia de relações internas), bem como podem abranger outros âmbitos, ou seja, ter um alcance além da região em si. Nas palavras do autor,

Os produtos, as paisagens, e os repertórios culturais podem ser constitutivos da teia da cultura, mas não a definem como totalidade autocontida e insular. A cultura inclui esses elementos, mas abrange também os sentidos de suas produções e as relações sociais das quais essas produções emergem, e sua inter-relações e, hoje podemos dizer também, trans-relações como outras configurações culturais (SANTOS, 2009, p. 13)

A partir dessa afirmação, Santos conclui que uma cultura é fator determinante para “escrever” (configurar) uma região. Esse conceito desconstrói o antigo pensamento de que a cultura se insere na ou circunscreve a região. Entender a cultura como agente que contribui para a formação de uma região, e não como apenas mais uma parte constituinte ou uma atuação limitadora sobre ela, é imprescindível para considerar a região não como algo fechado em si, mas caracterizada enquanto uma teia de infinitas relações (internas ou externas) que podem ser estabelecidas ou extinguidas.

Humberto Félix Berumen, por sua vez, acredita que as regiões diferem umas das outras, pois estão inseridas em espaços socioculturais distintos. Por isso, é possível reconhecê-las a partir de um conjunto de valores compartilhados por pessoas de um mesmo território. O mesmo autor também cita outros elementos que podem contribuir para a identificação de uma região cultural:

La región socio-cultural se reconoce a partir del conjunto de valores compartidos por los habitantes de un mismo territorio; por las formas de vida que identifican a una comunidad y la distinguen de las demás; por la existencia de un pasado histórico común; y, en fin, por todo aquello que da cuenta de la existencia de una identidad cultural y que se traduce en actitudes, tradiciones, costumbres, símbolos y creencias que son comunes a un grupo humano (BERUMEN, 2005, p. 56).⁷

Dessa forma, percebe-se que, assim como Pozenato e Santos, Berumen também entende a região como espaço cultural e não como um mero espaço geográfico no qual apenas os aspectos físicos devem ser estudados. A partir da ideia de região cultural, o que interessa é o estudo dos fenômenos culturais que aí se estabelecem e que não precisam convergir para o espaço geográfico.

Pedro Luis Barcia elenca os elementos constitutivos de uma região cultural ao reelaborar a proposta presente no Dicionário de Sociologia de Fairchild:

1. El factor espacio, cierta unidad geográfica, y comunidad de flora y fauna.
2. Un centro de referencia y flexibilidad de límites.
3. Un cierto grado de homogeneidad en relación con algunas características básicas.
 - 3.1 Historia: tiempo histórico interno, memoria intrínseca de ello.
 - 3.2 Costumbres, usos, instituciones, economía.
 - 3.3 Lengua: peculiaridades regionales (fonéticas, léxicas, etc.)
 - 3.4 Concepción del mundo, percepción de la realidad.
 - 3.5 Sustratos míticos y patrimonio legendario.
 - 3.6 Sustratos indígenas
4. Aspectos estructurales o funcionales que le dan posición dominante a la región.
5. Una unidad de punto de vista desde el que se da coherencia a la región.
6. El mínimo posible de contradicciones, conflictos, superposiciones en su seno.
7. Una interrelación entre sus constituyentes que los asuma y asocie. (BARCIA, 2004, p. 37)⁸

A maioria dos elementos apontados por Barcia são significativos para a identificação de uma região cultural. Segundo Ruben George Oliven (2006), uma região cultural pode se definir a partir da inserção em outro âmbito (do regional para o estadual, por exemplo), ou, até

⁷ A região sociocultural se reconhece a partir do conjunto de valores compartilhados pelos habitantes de um mesmo território; pelas formas de vida que identificam uma comunidade e a distingue das demais; pela existência de um passado histórico comum, e, em fim, por tudo aquilo que dá conta da existência de uma identidade cultural e que se traduz em atitudes, tradições, costumes, símbolos e crenças que são comuns a um grupo humano. (Tradução minha)

⁸ 1. O fator espaço, certa unidade geográfica e comunidade de flora e fauna. 2. Um centro de referência e flexibilidade de limites. 3. Certo grau de homogeneidade em relação a algumas características básicas. 3.1 História: tempo histórico interno e memória intrínseca do mesmo. 3.2. Costumes, usos, instituições, economia. 3.3. Língua: peculiaridades regionais (fonéticas, léxicas, etc.). 3.4. Concepção do mundo, percepção da realidade. 3.5 Substratos míticos e patrimônio legendário. 3.6 Substratos indígenas. 4. Aspectos estruturais ou funcionais que dão posição dominante à região. 5. Uma unidade do ponto de vista que dá coerência à região. 6.O mínimo possível de contradições, conflitos e superposições em seu seio. 7. Uma interrelação entre os seus constituintes que os assumam e os associe. (Tradução minha)

mesmo, através da diferenciação entre regiões culturais (região de imigração italiana *versus* região de imigração alemã).

Outro aspecto relevante, a partir dos elementos apresentados por Barcia, é que a região poderá variar conforme o seu observador. Hoje em dia, já se ouve falar em “Mapa linguístico da região de imigração italiana”, que poderá ou não estar de acordo com a região geográfica pré-estabelecida. Nesse caso, normalmente, há semelhanças, mas nada impede que existam diferenças, também. O mesmo ocorrerá ao se pensar em região literária, cujos limites regionais poderão ser diferentes da região linguística. Portanto, pode-se dizer que a região “está nos olhos de quem vê”, mudando conforme o ponto de vista do observador.

Complementando o conceito de região cultural, Jürgen Joachimsthaler (2009) acredita que a região se constitui a partir de condensações e sobreposições que ocorrem no espaço cultural. Esse fenômeno contribui para a formação das identidades regionais e proporciona o autorreconhecimento dentro do próprio espaço cultural e, ainda, o reconhecimento de quem está inserido em outra região cultural.

O estudioso entende que uma região sofre sobreposições e condensações de diferentes elementos culturais (crenças, culinária, linguagem etc.). As diferentes regiões influenciam e sofrem influências umas das outras, muitas vezes, sem que os sujeitos percebam. Dessa forma, é possível afirmar que não há regiões naturais, mas um conjunto de elementos que, através da dinâmica dos indivíduos, tornaram-se característicos de determinada região cultural. Existem também forças internas e externas (políticas, econômicas, simbólicas etc.) à região, que possibilitam a uma região cultural estar em constantes transformações, formando, assim, um constructo cultural mutável.

Já de posse do que neste trabalho se entende como região, ainda é preciso aprofundar a questão dos elementos que compõem uma região cultural, também chamados de regionalidades.

1.2 Regionalidades: um propósito literário

Conforme bibliografia consultada, parece que não cabe mais falar de regionalidade em sua flexão no singular, visto que é o conjunto de elementos regionais (regionalidades) que definirão determinada região. Entende-se que apenas uma particularidade não pode definir uma região, mas um conjunto de especificidades. Salienta-se que, na bibliografia que apresenta o termo no singular, a não flexão do termo será mantida como tal, com fins de fidelidade às citações disponibilizadas nesta seção.

Pozenato, que pode ser considerado precursor dos estudos acerca da regionalidade, destaca que há um equívoco quando se denominam “as relações do fato literário com uma dada região” (p. 155) como regionalismo. Segundo o autor, dever-se-ia reservar esse conceito para o âmbito da regionalidade:

O regionalismo pode ser identificado como uma espécie particular de relações de regionalidade: aquelas em que o objetivo é o de criar um espaço – simbólico, bem entendido – com base no critério da exclusão, ou pelo menos da exclusividade. Esse critério se manifesta, no caso da produção literária, pelo uso de dialeto, quando não de uma língua, de estrita circulação interna (POZENATO, 2003, p. 155).

Nota-se que regionalismo é um tipo de literatura engajada em um programa que tem como objetivo a idealização da região representada na obra como, por exemplo, José de Alencar, em *O sertanejo* e *O gaúcho*, e Simões Lopes Neto, em *Contos gauchescos* e *Lendas do Sul*. Entretanto, as obras regionalistas também possuem regionalidades, que possibilitam ao leitor perceber que há um conjunto de especificidades que fazem parte da região representada na obra.

Haesbaert acredita que, para entender a regionalidade, é preciso também pensar nos processos de regionalização que podem ser considerados a partir das ações vividas e produzidas pelos agentes sociais – “fundadas em uma regionalidade” (2010, p. 6) – ou, também, tendo em vista os parâmetros de pesquisa utilizados pelo pesquisador. Nas palavras de Pozenato, a regionalização é “na realidade um programa de ação voltado para o estabelecimento ou o reforço de relações concretas e formais dentro de um espaço que vai sendo delimitado pela própria rede de relações operativa que vai sendo estabelecida” (2003, p. 155).

Acredita-se que os processos de regionalização, denominados por Haesbaert, ou a regionalização, assim chamada por Pozenato, desenvolverão seus meios de atuação a partir do programa político vigente. Portanto, ele será de caráter mais limitador e excludente, se o programa for regionalista, contudo, será mais abrangente e aberto, se estiver voltado para as relações de regionalidade. Além disso, é importante lembrar que, apesar de serem discursos com propósitos distintos, ambos constroem a representação de uma região. O regionalismo comporá a representação de uma região mais conservadora e ideologizada, enquanto as relações de regionalidade estarão configuradas no âmbito contrário.

João Claudio Arendt propõe que seja adotado o termo regionalidades, no plural. Para o autor, as regionalidades são as particularidades que compõem uma região cultural:

Regionalidades são, assim, especificidades que integram e constituem uma paisagem cultural – e aqui entendemos a região não como espaço limitado do ponto de vista dos seus significados, mas, ao contrário, como paisagem ampla, como potência cujo valor final é de precisão difícil (ARENDETT, 2012, p. 90).

Nessa linha de reflexão, em uma entrevista realizada no dia quinze de maio de dois mil e treze, José Clemente Pozenato reafirmou o que já havia escrito no seu livro *O regional e o universal* (1974): que não se devem englobar todos os textos de ambiência regional no regionalismo. Ele propõe a categoria regionalidade para abarcar aqueles textos que não são de caráter idealizador: “A primeira vez que eu escrevi sobre isso foi em 1974 em *O regional e o universal*, no qual eu afirmava que não era mais para chamar de regionalismo e sim uma regionalidade. O regionalismo é um propósito ideológico e a regionalidade um propósito literário” (BRUSTULIN e ARENDETT, 2013, p. 327).

Ao pesquisar a ideia de região a partir de escritores do século XIX, Santos propõe que as práticas de regionalidade não podem ser analisadas se não estiverem relacionadas com o seu contexto de produção. Assim, entende-se que determinada particularidade cultural pode ser muito importante para pensar uma determinada região; no entanto, ela poderá não fazer diferença alguma para pensar outra região, porque esta será composta por novas especificidades. O autor amplia o conceito de regionalidade para “relatos e práticas de regionalidade”, entendendo-os como “chaves de interpretação”. Ou seja:

Práticas de regionalidade não constituem conjuntos de objetos passíveis de serem pensados fora de seus contextos particulares de significação. Não se trata de instituir tipologias de narrativas, de discursos ou de fazeres que possam ser abstraídos dos contextos culturais – dos quais eles são constituintes e nos quais eles são constituídos – para então, em procedimentos analíticos, transformarem-se em unidades a serem submetidas a exames analíticos ou a conexões causais. Relatos e práticas de regionalidade são como as “piscadelas” do famoso exemplo de Ryle, utilizado por Geertz (1978), constituindo, assim, a densidade cultural a ser apreendida e interpretada. Relatos de regionalidade são chaves de interpretação (SANTOS, 2009, p. 16).

Os relatos de regionalidade são ainda melhor entendidos com o exemplo pessoal que Santos apresenta. Ele expõe que a vista da janela de seu escritório, em sua casa, é uma parreira de uvas no quintal do vizinho. O mesmo autor explica que, se a parreira não estivesse localizada em uma região de colonização de imigrantes italianos, na qual até os dias atuais são produzidos uva e vinho e, além disso, se o seu vizinho não fosse descendente de imigrantes italianos e não tivesse passado a sua infância no interior, esse relato não seria um bom exemplo de regionalidade. O autor afirma que a parreira do seu vizinho é um significativo “elemento de regionalidade”, pois, nesse caso, ter-se-ia a região praticada, bem como alguém

que a interpreta (2009, p.17). Então, além das particularidades regionais praticadas, é preciso que haja pessoas que façam as interpretações necessárias e estabeleçam significados para as regionalidades, tornando-as relatos de regionalidade.

As regionalidades contribuem para a construção de uma região cultural. Sabendo que elas mudam ao longo do tempo, é preciso ressaltar que isso implicará, também, na mudança da configuração da região em análise. Dessa forma, quando, na primeira seção deste capítulo, se afirma que a região é um constructo cultural, e não natural, quer-se dizer que este estudo é baseado nas regionalidades e seus relatos. Além disso, cabe salientar que os elementos regionais contribuem para a formação de modelos identitários que também dependem das particularidades regionais para configurar a(s) identidade(s) regional(s). Arendt destaca a mobilidade das regionalidades:

Regionalidades também podem ser tomadas como índices das fronteiras culturais que se movem no tempo e no espaço. Enquanto especificidades, elas levam os indivíduos a aceitar ou a rejeitar os valores vigentes em uma escala regional. Em outros termos, ao habitar uma região, é possível identificar-se positivamente com algumas regionalidades e, ao mesmo tempo, entrar em conflito com outras (ARENDR, 2012, p. 96).

Assim, conforme Arendt, as regionalidades não são fixas, mas estão em constante movimento ao longo do tempo e do espaço, sofrendo transformações. E o ser humano promove essas mudanças, pois os indivíduos podem aderir ou não às especificidades culturais regionais. Ainda segundo o autor, “regionalidades implicam atitudes de resistência ou de participação, de hostilidade ou de aliança, de rejeição ou de aceitação, atuando ora como obstáculo e limites, ora como continuidades e elos de ligação” (ARENDR, 2012, p. 96). Observa-se, então, que as regionalidades interagem com os indivíduos de forma dialética, fazendo com que, através da oposição ou da passividade, as particularidades sofram múltiplas transformações no tempo e no espaço.

Pozenato destaca que tanto o conceito de região, quanto a tentativa de definição de uma região, são representações simbólicas, ou seja, são construídas por alguém. Baseado nos estudos de Pierre Bourdieu, o autor afirma que os discursos regionalista e científico têm como objetivo construir a realidade a qual eles se referem, sendo considerados, assim, performativos. Para o autor, o discurso regionalista tem como pressuposto “constituir a identidade de uma região”, e o discurso científico, por sua vez, objetiva “descrever as relações regionais” (POZENATO, 2003, p. 152). Portanto, uma região se definirá conforme as relações de regionalidade escolhidas para a análise. As regiões da Serra e da Campanha, por exemplo,

não existem enquanto não forem observadas as práticas de regionalidade que proporcionem a sua configuração.

O estudo sobre as relações de regionalidades ainda está “dando os seus primeiros passos”. A pesquisa é tão recente que o termo ainda não existe nos dicionários de língua portuguesa. Contudo, acredita-se que a observação e a análise das particularidades intrínsecas a uma obra podem ser um futuro renovado para os estudos do regionalismo, por não tratarem como menores os textos literários que se inserem em um programa regionalista, mas observarem o significado dessas especificidades e a forma como compõem o texto para a representação de determinada região.

1.3 A literatura regional sob o viés das regionalidades

Observa-se nas histórias da literatura de Afrânio Coutinho (1967), Massaud Moisés (1989), Alfredo Bosi (2000) e de outros críticos que todas as obras de ambiência rural são tratadas como regionalistas. Contudo, é preciso esclarecer que, nesta pesquisa, entende-se, da mesma forma que Pozenato, que a literatura regionalista faz parte de um programa que tem como compromisso a exaltação do ambiente representado em que ocorre a narrativa. A literatura regional não possui necessariamente um caráter idealizador, mas é configurada a partir de particularidades, ou seja, de regionalidades que possibilitam a identificação de uma região representada. A literatura regional também pode estar vinculada a um programa literário regional, estadual ou nacional. É preciso perceber que, na maioria dos casos, há um programa literário vigente, ao qual os escritores buscam adaptar-se para terem o reconhecimento de seus textos. Já a literatura regionalista, além de estar vinculada a um programa literário, busca representar a região, também através das regionalidades, de forma ufanista e idealizada.

Ainda hoje, não há diferenciação entre literatura regional e literatura regionalista nas histórias da literatura. Os autores destacam, ao apresentar escritores como Graciliano Ramos⁹ e Guimarães Rosa¹⁰, por exemplo, que eles não teriam um caráter regionalista em suas obras, mas estariam além do seu tempo, por vencerem as barreiras regionalistas. O máximo que

⁹ Daí parecer precária, se não falsa, a nota de regionalismo que se costuma dar a obras em tudo universais como *São Bernardo* e *Vidas secas*. Nelas, a paisagem capta-se menor por descrições miúdas que por uma série de tomadas cortantes; e a natureza interessa ao romancista só enquanto propõe o momento da realidade hostil a que a personagem responderá como lutador em *São Bernardo*, retirante em *Vidas Secas*, assassino e suicida em *Angústia* (BOSI, 2000, p. 402).

¹⁰ O regionalismo, que deu algumas das formas menos tensas de escritura (a crônica, o conto folclórico, a reportagem), estava destinado a sofrer, nas mãos de um artista-demiurgo, a metamorfose que o traria de novo ao centro da ficção brasileira. A alquimia, operada por João Guimarães Rosa, tem sido o grande tema da nossa crítica desde o aparecimento dessa obra espantosa que é *Grande Sertão: Veredas* (BOSI, 2000, p. 428-429).

esses críticos conseguem avançar é caracterizando os escritores como regionalistas universais. E o que é ser universal? Talvez, para essas obras que vão além do regionalismo, poder-se-ia dizer que elas possuem um caráter mais humanizador, mas isso ainda é de difícil precisão.

É importante salientar que esta seção não tem como propósito motivar um olhar pejorativo sobre a literatura regionalista, como é a postura, muitas vezes, assumida pela crítica literária brasileira. Sabe-se que a reflexão acerca do tema ainda é necessária para que haja uma reavaliação da teoria e do método a serem utilizados. Dessa forma, a partir da escolha dos textos teóricos que fundamentam esta pesquisa, acreditamos ser mais coerente falar em literatura regional, para atender às necessidades teóricas e metodológicas da proposta.

Literatura regional é um conceito que também causa equívocos no meio acadêmico brasileiro. Portanto, tentar-se-á, a partir do referencial teórico escolhido, esclarecer o significado da expressão. Primeiramente, é preciso desmitificar a ideia inicial de que a literatura regional é necessariamente rural e de má qualidade estética, porque o termo regional abrange tanto a obra de ambiência rural quanto urbana, contanto que possa ser identificado certo grau de homogeneidade nas relações de regionalidades do texto literário. E quanto ao valor estético das obras, certamente textos de boa ou má qualidade estética também comporão um acervo literário regional, de modo que ser regional não é sinônimo de falta de qualidade.

Segundo Barcia (2004), toda obra é regional, tendo em vista que as obras nascem em um tempo, em um lugar e em uma região. O autor ainda afirma que a universalização do regional é o resultado final do tratamento das realidades imediatas. Diferentemente de Barcia, acredita-se que não é necessário que o regional se transforme em universal. Apesar de o autor fazer um avanço teórico e perceber a diferença entre a literatura regionalista e a literatura regional, ele volta-se para o movimento dialético e problemático do regional *versus* universal. Talvez, outra possível resolução para a questão (regional *versus* universal) fosse substituir o termo “universal” por “suprarregional”, dessa forma tentando definir melhor uma obra que transborda¹¹ o âmbito regional.

Já para Arendt, baseado nos estudos desenvolvidos por Stüben, a literatura regional é aquela que está distante dos grandes centros de cultura e, geralmente, encontra-se em posição insular em relação a outras regiões. Assim, “o conceito de literatura regional é reservado por Stüben para o âmbito da escritura literária restrita à região” (ARENDDT, 2011, p. 227).

Berumen (2005), por sua vez, apresenta algumas premissas que podem contribuir para se entender o fenômeno literário regional. Em primeira instância, o autor afirma que a

¹¹ Termo utilizado por Scheichl *Apud* Arendt, 2011.

delimitação territorial do fenômeno literário regional não precisa necessariamente coincidir com o espaço geográfico, ou, até mesmo, com as fronteiras econômicas ou políticas. Em muitos casos, os aspectos econômicos convergem para o ambiente literário regional, por exemplo. Entretanto, segundo Berumen, cada situação é um caso particular, que deve ser analisado em sua totalidade.

A segunda premissa destacada pelo mesmo autor é a impossibilidade de a literatura regional ser concebida à margem da realidade social, na qual está inserida. Dessa forma, toda a reflexão no âmbito dessa modalidade literária deve considerar a singularidade estética do fenômeno regional e também os processos histórico-sociais determinantes, dos quais a literatura é considerada parte ativa. Como terceira premissa, Berumen destaca que é necessário, a partir do conceito de região cultural, localizar o lugar e a função da literatura dentro de cada região em seus diferentes momentos históricos.

O autor ainda afirma, como quarto aspecto, que é preciso observar que a literatura produzida fora do centro varia consideravelmente em relação aos parâmetros nacionais. As histórias da literatura não conseguem abarcar todas as variedades literárias de um país, mas apenas aquelas que estão no eixo central. Portanto, Berumen frisa a importância dos estudos literários regionais, nos quais se poderia pesquisar sobre história, grupos culturais e obras, além da relação entre literatura regional e literatura nacional.

Finalmente, o autor cita a quinta premissa dos estudos regionais na literatura, a partir da qual se deve tentar fazer a articulação das quatro primeiras premissas apresentadas e estabelecer traços convergentes e divergentes entre os elementos pesquisados, lembrando-se de inseri-los em um sistema literário, do qual, na maioria das vezes, não tinham como “transbordar”.

Com base na Sociologia da Literatura, todos os aspectos mencionados por Berumen contribuem para se entender de forma mais clara quais aspectos metodológicos devem ser observados durante um trabalho de pesquisa sobre literatura regional. A partir disso, já é possível perceber que o estudioso concebe os estudos literários regionais como um sistema e não uma mera classificação de autores e obras. Ressalta-se que a discussão sobre sistema literário regional será realizada na próxima seção deste capítulo, com o objetivo de esclarecer e finalizar o campo teórico já proposto. Assim, conclui-se que é necessário precisar a área sociocultural dentro das diversas manifestações que dão conta do sistema literário, visto que é através das relações sociais que os indivíduos estabelecem os limites da região.

A literatura considerada regional pode ser analisada em diferentes âmbitos: por sua temática que revele determinadas especificidades regionais, a partir das regionalidades internas; e/ou até mesmo pela sua difusão e prestígio, que têm a ver com a produção e a recepção do texto literário, que também podem ser denominadas regionalidades, mas de caráter externo em relação ao texto literário. A combinação desses três fatores – produção, recepção e temática – segundo Joachimsthaler (2009), formam o que o autor denomina como uma paisagem literária. Tanto análises internas ao texto literário (temáticas), como análises externas (produção e recepção), contribuem para perceber a configuração da literatura em determinada região. Esta dissertação deter-se-á apenas na análise das especificidades extraliterárias, considerando a literatura regional como um sistema de leis próprias que influencia e sofre influências de outros sistemas.

1.4 Sistemas Literários

Nesta seção, tentar-se-á promover a reflexão acerca da literatura regional como um sistema. Para isso, em um primeiro momento, serão discutidas questões sobre o que consiste um sistema literário e, após, passar-se-á para a reflexão sobre sistema literário regional. Diferentemente das seções anteriores, esta é composta por duas partes, com fins de facilitar o entendimento dos conceitos propostos, visto que ambos têm forte relação um com o outro.

1.4.1 A literatura como sistema

Antonio Candido acredita que as áreas social e literária possuem uma ligação, de forma que a análise da obra em sua relação com o ambiente social seria muito importante, desde que a estética do texto não fosse esquecida. As características sociais do texto importam “não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se assim, interno” (CANDIDO, 2000, p. 4). Então, as influências sociais que a obra recebe transcendem para uma dimensão mais ampla, ou seja, transformam-se em algo real/imaginário dentro do texto.

Para o estudioso, se a obra sofre influências do ambiente social em que surge, então, ela também exerce influência sobre o meio em que está inserida, depois de concluída e divulgada. Sinalizar datas, lugares, fatos históricos, ou seja, detalhar aspectos sociais da obra não é suficiente para perceber o caráter sociológico do texto, afirma Candido. É preciso analisar também as relações sociais que se estabelecem entre o texto e a sociedade, tendo em vista a estrutura formada pela obra literária. O autor destaca que:

Quando fazemos uma análise desse tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo (CANDIDO, 2000, p. 7).

Além dos fatores sociológicos que migram para o interior do texto literário, o autor atenta para o cuidado que se deve ter ao atribuir autonomia e integridade à obra. É preciso que limites sejam estabelecidos, pois o texto literário é ficcional e não tem como função representar acontecimentos reais, mesmo que, em muitos casos, faça-o melhor do que a própria historiografia.

Candido apresenta seis modalidades de estudos sociológicos na literatura e, apesar de todas elas se deslocarem para os elementos sociais, ainda é muito difícil saber em que medida eles influenciam a construção literária. É preciso que tanto o crítico quanto o leitor tenham consciência de que o trabalho artístico pode deformar a realidade e ser extremamente convincente acerca dos “fatos” durante o enredo. Esse cuidado deve ser tomado, pois o social passa por um processo de interiorização do autor, sendo esse o processo que caracterizaria a autonomia do texto literário. A interiorização possui relações muito fortes com a visão do mundo do escritor, dessa forma, conduzindo o texto à sua total autonomia estética. Candido afirma que isso ocorre porque os elementos de ordem social são filtrados através de uma concepção estética particular de cada produtor.

O estudioso ainda apresenta as quatro etapas que, na sua opinião, existem na produção artística: o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-se segundo os padrões de sua época; escolhe certos temas; escolhe certas formas; e cria uma síntese que age sobre o meio. Como pode ser observado nos elementos que suscitam o processo de produção, é necessário ao artista muito mais do que conhecer o mundo social para escrever.

Candido também acredita que o autor escolhe se quer produzir uma arte de agregação ou de segregação. No primeiro caso, compõe-se o sistema simbólico vigente e utiliza-se o que já está estabelecido na sociedade. Por outro lado, a arte de segregação tem a preocupação de renovar o sistema simbólico e acaba alcançando um público menor de leitores, ao menos inicialmente.

Ao verificar a posição do artista no espaço social, a influência dos recursos técnicos sobre o valor dado à obra e a maneira com que é configurado o público, Candido constata que há um “movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas” (2000, p. 24). Dessa forma, a obra nasce a partir do movimento

dialético entre artista e o meio social a sua volta. Existe a necessidade de o indivíduo criar ou apresentar a obra e, como consequência, ele pode ou não ser reconhecido pela sociedade como criador; e, a obra (marcada pela sociedade) é um veículo para as aspirações individuais do escritor. Quanto à configuração da obra, os valores e as ideologias sociais que influenciam o modo de pensar do artista serão contribuições para o conteúdo do texto. Além disso, as técnicas de comunicação têm um importante papel sobre as obras, tal como os jornais, que promoveram o surgimento e/ou a transformação de gêneros textuais (crônicas e romances).

Finalmente, o artista direciona a sua obra a um público que não conhece. O alvo receptor da arte poderá influenciar de forma decisiva a produção do artista. Atualmente, observam-se escritores que se ajustam às normas do romance comercial por almejam reconhecimento e lucros financeiros imediatos, frutos da indústria literária. O meio e o momento social são decisivos na escolha de uma obra pelo leitor; os sujeitos sofrem influências sociais que acabam por “cristalizar-se em sua rotina”, fazendo, assim, com que poucos sejam capazes de escolher livremente o que desejam.

Refletiu-se até aqui sobre as principais articulações, propostas por Candido, entre a literatura e a sociedade, que possui ampla conexão com a noção de sistema literário, porque tem como pressuposto ser um conjunto de obras ligadas por denominadores comuns que possibilitam identificar os elementos recorrentes em determinada época literária. Candido ainda explica:

Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura um aspecto orgânico da civilização. Entre elas se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros (2009, p. 25).

O sistema literário apresentado por Candido é basicamente composto por produtores, receptores e produtos que possibilitam o contato humano entre escritores e leitores, através de um canal de comunicação (obra literária). Essa intercomunicação permite o encontro das diferentes visões do mundo e “realidades” promovidas pela exteriorização dos sentimentos, opiniões e dúvidas do escritor e pela possível identificação do leitor com o texto literário.

As teorias sistêmicas da literatura, também consideradas teorias empíricas da literatura, propostas por Siegfried Schmidt (1993), têm como pressuposto analisar o texto literário diante da sua ação comunicativa – produção, mediação, recepção e análise teórica dos textos. Inserido na teoria da comunicação literária, segundo Schmidt, está o conceito de

“pragmática”, que envolve apropriação, cooperação, atos de fala, recepção e linguagem, ampliando as possibilidades de perguntas acerca da expressão literária. O teórico ainda afirma que a pragmática consiste no estudo dos signos e dos seus usos em diferentes contextos, o que constitui a famosa teoria dos atos de fala. A pragmática, na linguística, ocupa-se da análise desses atos em relação aos diferentes contextos.

A pragmática da comunicação literária é entendida como um campo interdisciplinar que recorre à definição de “literário” do ponto de vista de sua ação comunicativa. Essa teoria centra-se na relação texto-contexto, na qual o literário não se define no terreno das propriedades retóricas, mas no uso da linguagem comum dos participantes de uma específica modalidade, que gera determinadas relações entre receptor(es) e emissor(es). As teorias sistêmicas da literatura têm por objetivo não se deter apenas no texto em si, mas, especialmente, nas trocas que ocorrem entre autor (que codifica uma mensagem com alguma intenção), obra (um discurso literário) e leitor (que interage com o texto e constrói o seu sentido). Para Tanius Karam,

Si bien la comunicación literaria, solo de manera extensa puede compararse con una interacción cotidiana, la imagen del intercambio, el acuerdo, los valores compartidos, resulta de utilidad para analizar las interrelaciones de los procesos de producción-expresión-interpretación que viene siendo el objeto en el que nos centramos (2005, s/n).¹²

Ainda segundo Karam, nas teorias sistêmicas da literatura, o literário não é uma condição *a priori* dos textos, mas um acordo entre os indivíduos que participam da interrelação entre autor, obra e leitor. Os aspectos extraliterários, aos quais não era atribuído alto grau de importância, tornam-se essenciais nesse viés reflexivo. Dessa forma, a pragmática da comunicação literária pode contribuir para que se compreendam não só as condições das relações entre o texto literário e os indivíduos envolvidos, mas também as regras nos âmbitos global e/ou regional do texto.

Já a teoria dos polissistemas, segundo Itamar Even-Zohar (1990), parte da condição de que a literatura constitui um sistema que interage com outro(s) sistema(s), todos incluídos em um sistema de maior âmbito: o sistema cultural. A palavra “polissistema” explicita a concepção de sistema como algo dinâmico e heterogêneo, que enfatiza a multiplicidade das intersecções e a grande complexidade das estruturas envolvidas. Assim, Even-Zohar acredita que o texto existe enquanto possibilitar, de forma intrínseca, a sua relação com outros

¹²Embora a comunicação literária somente de maneira extensa possa ser comparada com uma interação cotidiana, a imagem do intercâmbio, o acordo, os valores compartilhados resultam de utilidade para analisar as interrelações dos processos de produção-expressão-interpretação que vêm sendo o objeto no qual nos centramos. (Tradução minha)

elementos que também façam parte do sistema e, por esse viés, serão definidos o funcionamento e o significado do texto em um contexto específico, normalmente, de transição cultural e literária.

Ainda para a teoria dos polissistemas, sistema é o conjunto de atividades, denominadas literárias, que regem redes de relações que consistem nos mecanismos de produção e de fatores e agentes envolvidos nesse circuito. Para Even-Zohar, o sistema literário pode ter duas conceituações distintas:

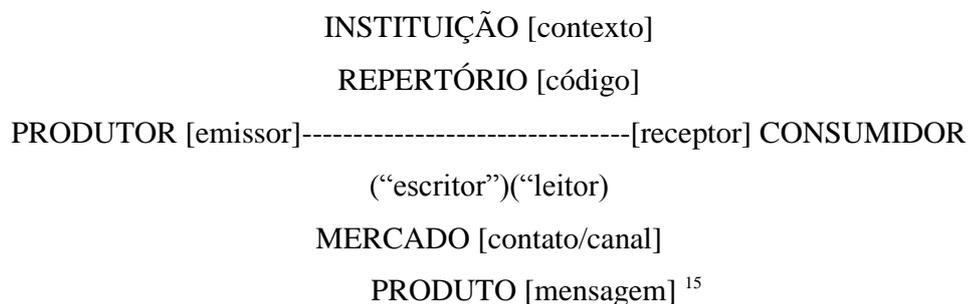
The network of relations that is hypothesized to obtain between a number of activities called "literary," and consequently these activities themselves observed via that network.

Or:

The complex of activities, or any section thereof, for which systemic relations can be hypothesized to support the option of considering them "literary". (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 28).¹³

O autor também afirma que diferentes sistemas possuem leis distintas que os regem, assim como o cinema não possui as mesmas redes de interrelações centrais de um sistema literário¹⁴. Portanto, para Even-Zohar, são as leis de um sistema específico que explicam a sua natureza e comportamento.

Da mesma forma que Schimdt, que se baseia na teoria da comunicação literária e apresenta as relações entre autor, obra e leitor, Even-Zohar faz uso dos estudos linguísticos desenvolvidos por Jakobson (1956–1980). Ele adapta o esquema de comunicação e linguagem, produzido pelo linguista, para a literatura, entendida, também, como um sistema de comunicação. Veja-se:



¹³ A rede de relações hipotetizada entre uma certa quantidade de atividades chamadas “literárias”, e consequentemente, essas atividades observadas através dessa rede.

Ou:

O conjunto de atividades – ou qualquer parte dele – para que relações sistêmicas que fundamentam a opção de considerá-las “literárias” podem ser hipotetizadas. (Tradução minha)

¹⁴ Para mais exemplos, verificar o texto original de Even-Zohar (1990, p.28-29).

¹⁵ FONTE: EVEN-ZOHAR, Itamar. The Literary System. In.: _____. *Poetics Today* (International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication).11:1 1990.

O próprio Even-Zohar explica como o sistema literário deve ser entendido a partir das teorias dos polissistemas:

Moreover, this framework requires no *a priori* hierarchies of importance between the surmised factors. It suffices to recognize that it is the *interdependencies* between these factors which allow them to function in the first place. Thus, a CONSUMER may "consume" a PRODUCT produced by a PRODUCER, but in order for the "product" (such as "text") to be generated, a common REPERTOIRE must exist, whose usability is determined by some INSTITUTION. A MARKET must exist where such a good can be transmitted. None of the factors enumerated can be described to function in isolation, and the kind of relations that may be detected run across all possible axes of the scheme (1990, p. 34).¹⁶

O teórico desenvolve especificamente as funções das categorias que, segundo ele, compõem esse sistema. Conforme Maurício Alves da Costa, baseado na teoria desenvolvida por Even-Zohar,

O sistema literário começa pelos *produtores* (dramaturgos, poetas, romancistas, contistas, tradutores) no papel de emissor; tem uma *instituição* que regula as relações e dita as regras (editoras, universidades, críticos, redes de comunicação de massa) ocupando a posição do contexto do esquema de Jakobson (sendo essa a adaptação mais forte na teoria de Even-Zohar), um *mercado* que possibilita a distribuição do produto (distribuidoras, livrarias, bibliotecas, redes de comunicação de massa, Internet) na posição do canal de comunicação; os *consumidores* (leitores) na posição do receptor, o *repertório* comum, que permite a compreensão do produto, na posição do código (modelos produtivos compartilhados pelo produtor e pelo consumidor. a língua, por exemplo) e um *produto* (o texto literário e seus modelos de produção, por exemplo) na posição de mensagem. A discussão de cada um desses conceitos exige detalhamento (2007, p. 23).

Dessa forma, percebe-se que as teorias sistêmicas da literatura, propostas por Schmidt, a teoria dos polissistemas, apresentada por Even-Zohar, e as reflexões acerca da relação entre literatura e sociedade e sistema literário que Candido elucida complementam-se no entendimento da noção de sistema literário como um sistema de comunicação, composto, basicamente, por escritores, receptores e produtos.

Além disso, Candido ainda explica que, a partir da integração de vários escritos ao sistema literário, ocorre a formação da continuidade literária, ou seja, a propagação das

¹⁶ Além disso, este quadro requer que não existam *a priori* hierarquias da importância relativa dos supostos fatores. Basta reconhecer que são as interdependências entre estes fatores o que os permite funcionar. Assim, um CONSUMIDOR pode "consumir" um PRODUTO produzido por um PRODUTOR, mas para o "produto" ser gerado (o "texto", por exemplo), deve existir um REPERTÓRIO comum, cuja possibilidade de uso está determinada por uma certa INSTITUIÇÃO. E deve existir também um MERCADO no qual ele possa ser transmitido. Na descrição dos fatores enumerados, não se pode dizer de nenhum deles que funcione separado, e a classe de relações que podem ser detectadas cruza todos os possíveis eixos do esquema. (Tradução minha)

determinações desse sistema ao longo do tempo. Isso implica a literatura ser entendida como um “fenômeno de civilização” e, dessa forma, os parâmetros de um sistema são transmitidos para limitar normas de pensamento e comportamento que podem ser aceitas ou rejeitadas. As obras surgem em uma perspectiva escolhida, em determinado momento no tempo, dentro de um sistema literário, e podem influenciar a produção de outras obras, assim, formando uma tradição com o passar dos anos.

Ressalta-se, ainda, que é importante analisar a partir de qual momento começaram a surgir escritores preocupados em produzir obras, de forma ininterrupta, que se integraram a um processo de formação literária. Candido cita como exemplo desse compromisso com a literatura brasileira os mineiros que, no século XIX, produziam divididos em grupos uma “tradição contínua de estilos, temas, formas ou preocupações” (2009, p. 29-30).

Quando o autor apresenta a literatura como “fenômeno de civilização”, ele se refere ao caso específico brasileiro, no qual a produção literária designava o grau de liberdade da nação e impulsionou a produção de uma literatura nacional e, até mesmo, nacionalista. Os textos produzidos nesse período tinham como objetivo destacar a nação em sua positividade, com uma literatura empenhada dentro de um programa de leis próprias, um sistema literário.

Sob o mesmo viés de Candido, para Even-Zohar e Schmidt, fatores como produção, recepção e obra compõem um sistema literário. Outros elementos também podem fazer parte de um sistema (editoras, bibliotecas, universidades etc), contudo, é preciso saber que a crítica especializada, a história, o mundo social e cultural e os elementos de análise poderão variar significativamente nos diferentes sistemas.

1.4.2 Sistema literário regional

A partir da conceituação de sistema literário, tem-se o objetivo de refletir acerca dos elementos que estruturam um sistema literário regional. Ressalta-se que a noção de sistema literário e sistema literário regional foram as bases teóricas que condicionaram o nosso método de pesquisa. Portanto, é importante entender com clareza esses conceitos, para compreender o percurso deste estudo.

Arendt (2011) propõe um transbordo da literatura regional. Ela é percebida como um sistema e deve ser entendida nos seus âmbitos de difusão e prestígio, que podem ser de alcance regional, ou, até mesmo, transregional ou suprarregional. Aqui, tem-se como objetivo explorar a paisagem literária em determinado espaço e tempo e sua consolidação como sistema.

Ainda Arendt, baseado nos estudos desenvolvidos por Stüben, apresenta aspectos socioculturais regionais que influenciam diretamente a recepção e a difusão das obras, ou melhor, a construção de uma vida literária em determinada região. Tendo como foco o ambiente intelectual, do final da década de 1960, em relação aos fatores apresentados por Stüben e ampliados por Arendt, que contribuem para o surgimento de uma literatura regional, destacam-se os seguintes elementos que poderão ser investigados: a universidade como instituição de formação de autores e público e como local de pesquisa científica; jornais e revistas; editoras; livrarias; bibliotecas; fortunas críticas; concursos literários; oficinas de criação literária; circunstâncias étnicas; situação linguística; consciências regional e nacional; grupos de leitura; clubes culturais; recepção da literatura em outras regiões, entre outros.

A partir das considerações sobre literatura regional, ressalta-se, segundo Berumen (2005), que essa categoria deve ser percebida como um sistema de conflitos e determinações próprias, e não como um simples conjunto de obras e autores. É preciso entendê-la em sua paisagem literária, ou seja, em seu âmbito de produção, difusão e temáticas.

Ao considerarmos a literatura como um sistema, é necessário identificar a área sociocultural (e a região cultural) na qual se originam as diversas manifestações que pertencem ao eixo literário. Dessa forma, não interessa para a análise estabelecer limites territoriais precisos, mas compreender como se articulam as manifestações que promovem esse sistema.

Berumen apresenta, ainda, algumas contribuições dos estudos literários localizados em uma região cultural, tais como: superação das análises centralistas que privilegiam apenas parte da literatura de um país a partir de uma perspectiva homogênea e uniforme; compreensão de como a literatura contribui para a construção do imaginário social, dessa forma, surgindo grupos identitários; análise de como a literatura se insere e participa do processo de formação histórica e social de uma região; compreensão da maneira como se articulam os sistemas literários regionais dentro do sistema literário nacional (relações e contradições); e, finalmente, estabelecimento de determinantes sociais, nos quais a literatura regional é produzida, difundida, valorizada e interpretada.

Assim como Berumen, Arendt apresenta as categorias propostas por Stüben acerca dos estudos das literaturas regionais alemãs, quais sejam: “literatura *em* uma região, literatura *de* uma região ou *oriunda* de uma região, literatura localizada *na* região, literatura regional, literatura regionalista, literatura provinciana e literatura pátria [Heimatliteratur]” (ARENDR, 2011, p. 224). Ainda conforme o autor, há uma consciência regional que permeia os temas

das produções literárias e também influencia os modos de recepção das obras, instrumento de estudo das pesquisas sobre as histórias literárias regionais.

Arendt também entende a literatura regional como um sistema que compõe uma paisagem literária e que se constitui a partir da temática, da produção e da recepção do texto literário regional. O autor afirma que:

A interação entre recepção, produção e temática deverá nortear os estudos dessa natureza, porque, dependendo do tipo e do nível das relações de regionalidade de uma obra, ela poderá receber significados diferenciados e diferenciadores. Da mesma forma, a conjugação dos fatores produtivos, de recepção e temáticos contribui para o delineamento das paisagens literárias, dentro das quais se perfila todo tipo de obra, desde a mais trivial até a mais complexa, no que tange às relações de regionalidade (ARENDR, 2011, p. 227).

Para complementar os estudos de Arendt acerca da composição de uma paisagem literária, Jens Stüben apresenta elementos socioculturais que podem constituir/consolidar a “vida literária em uma região” (ARENDR, 2011, p. 228). Esses elementos podem ou não fazer parte da constituição/consolidação de uma paisagem literária regional, ou seja, quase nunca as mesmas particularidades serão priorizadas pelas regiões culturais e, se forem as mesmas especificidades, provavelmente, elas terão graus de importância diferentes. Stüben apresenta possíveis elementos investigativos:

- condições políticas e históricas;
- relações econômicas e desenvolvimento demográfico (agricultura, industrialização, urbanização);
- meio social (em macro e microestrutura);
- comunidades religiosas;
- realidade étnica, histórico-colonial, geográfico-cultural, sociocultural e histórico-mental, questões de autopercepção coletiva, especialmente:
 - significado dos centros culturais dentro e fora da região, métodos de comunicação, relações culturais;
 - situação linguística (particularidades da fala e da escrita, área de emprego da língua, processos de intercâmbio entre dialetos e idiomas contíguos, bi ou plurilinguismo);
 - consciência regional, identidade nacional, étnica e cultural (existência de regiões fronteiriças e minorias, multiculturalismo), e seu reflexo na literatura;
 - tradições culturais, convenções, hábitos e costumes;
 - estruturas de pensamento, padrões de (auto)interpretação, atitudes, valores, padrões de comportamento, ideologias;
 - percepção do próprio e do outro pelos grupo da população (estereótipo);
- educação;
- escolas, universidades (como locais de formação dos autores e seu público, como locais de pesquisa das ciências humanas);
- ensino da língua, formação literária;
- métodos e meios de difusão da literatura (‘vida literária’), instituições culturais, imprensa;
- jornais, revistas, calendários, almanaques;
- antologias;
- publicação, comércio livreiro;
- bibliotecas, bibliotecas circulantes;

- associações de escritores, sociedades culturais, círculos de leitura, salões, saraus;
- teatro, cabaré, *media* modernos;
- crítica literária e teatral;
- parâmetros político-culturais;
 - política cultural estadual, censura,
 - política cultural regional e local,
 - instituições de incentivo à literatura,
 - processos de transferência cultural (histórica ideária e literária), interconexões entre diferentes culturas/idiomas e literaturas dentro e fora dos limites regionais e estaduais, efeitos sobre autores e público, especialmente:
 - recepção da literatura alemã de outras regiões (vizinhas), simultaneidade ou não simultaneidade de correntes literárias nas regiões isoladas;
 - recepção da literatura de língua estrangeira (no original e em tradução);
 - recepção possibilitada por tradução em línguas estrangeiras pelos leitores não alemães dentro e fora da região;
 - influências sobre a literatura de regiões vizinhas, sobre a literatura alemã em geral e sobre as literaturas de outras línguas;
 - capacidade de intermediação de autores alemães e estrangeiros como mediadores entre os povos e culturas (STÜBEN, 2013, p. 54-56).

Apesar de os estudos de Stüben discorrerem sobre a literatura alemã, todos os elementos citados, com pequenas alterações, podem consolidar a vida literária de qualquer região cultural. O mesmo autor também destaca elementos que permeiam as análises temáticas das obras de literatura regional, dessa forma, tendo como foco as regionalidades internas de um texto literário em suas relações regionais, ou, até mesmo, suprarregionais.

A partir dos estudos alemães, Arendt (2011) formulou algumas conclusões importantes: editoras e periódicos desempenham um papel fundamental para o “transbordo” ou não do texto literário; os públicos da literatura regional e suprarregional se estabelecem por intermédio de editoras, eventos literários, periódicos, entre outros; o registro das especificidades de uma região, através da literatura, contribui para manter a diversidade cultural e evita o seu desaparecimento; é preciso desprender-se da dicotomia regional *versus* universal e deter-se nos processos de produção e recepção do texto literário para descortinar as paisagens literárias nos âmbitos regionais.

Fica evidente que editoras, jornais, revistas, feiras do livro, concursos literários, fortunas críticas e outros elementos comporão a presente pesquisa. Então, a ideia de sistema tem a ver com a pesquisa da paisagem literária da época, constituída pelos elementos investigativos citados por Stüben, em sua relação com os meios de difusão e prestígio do texto literário, que sofrem significativas transformações ao longo do tempo e do espaço.

*Minha infância foi tão simples
como as coisas. Uma flor
brotava na soleira da porta
para dizer-me bom dia.*

*Eu era feliz
o mundo estava completo.*

*Hoje a presença dessa flor
não sei em que soleira de porta.
Só ficou na parede de minha alma
a paisagem pintada
quem sabe por quem.*

*E minha história resume-se
nesta história do homem de óculos
que eu gosto de contar:
era uma vez um homem de óculos
que devagar e sem ruído
foi roubando a minha infância...
felizmente era um poeta.
E a poesia ficou sendo uma canção de exílio,
além dos mares de meus olhos negros fica a
[pátria
minha infância,
minha infância montou num cavalo de pau
e nunca mais voltou.*

(JAYME PAVIANI, *Infância*, 1967)

2. A PAISAGEM LITERÁRIA SERRANA: 1950 A 1980

Neste capítulo, tem-se como objetivo analisar o ambiente literário em que surge *Matrícula* e o ambiente literário que se configura após a publicação do Grupo. Para entender como se articulava a paisagem literária do final da década de 1960, na Serra Gaúcha, foi necessário fazer um levantamento de dados a partir da pesquisa em jornais de produção e circulação locais, como *Pioneiro*, *Caxias Magazine*, *Nosso Mundo*, *O Tempo*, *A Encrenca* e *Correio Riograndense*, entre 1950 e 1980. Durante o processo de pesquisa, foram selecionados todos os materiais que poderiam contribuir para a constatação ou não da existência de uma paisagem literária na Serra. A escolha do período de tempo – 1950 a 1980 – foi feita tendo em vista o ano de publicação da antologia poética *Matrícula* (1967), para, assim, observar se houve transformações, ao longo dos anos, no ambiente literário em que o Grupo publicou.

Fazem parte do *corpus* de pesquisa colunas literárias, lançamentos e divulgação de resultados de concursos literários, informações sobre a publicação e lançamento de livros, notícias sobre a biblioteca pública, feiras do livro e a Academia Caxiense de Letras, o surgimento da Universidade de Caxias do Sul, a presença de crítica literária, sugestões de leitura, entre outros.

Segundo Even-Zohar (1990), apesar de os textos serem, muitas vezes, o produto mais visível do sistema, a partir da teoria polissistêmica, eles não são mais entendidos como únicos ou mais importantes. É preciso perceber que há uma interdependência entre os elementos que contribuem para a consolidação de determinado sistema literário. Consumidores, eventos (seminários, palestras, feiras do livro, concursos), produtores (escritores), instituições (universidades, academias, editoras) e mercados (livrarias) são exemplos de elementos que fazem parte de um sistema literário, além dos textos ficcionais.

Stüben (2013), baseado nos estudos desenvolvidos por Nobert Mecklenburg, apresenta três perguntas que contribuem para problematizar ainda mais as pesquisas voltadas para a sociologia da literatura. São elas: “Quais fatores e constelações sociais e culturais específicos de uma região agem sobre a produção e recepção da literatura? Quais são as instituições da vida literária em uma região? Há nela condições de leitura e público literário específicos?”

(2013, p. 54). A partir desses questionamentos, delimitaram-se aqui os dados pesquisados para a verificação do ambiente literário serrano no período proposto.

Ainda, conforme o autor, esse tipo de pesquisa deve levar em conta:

(...) especialmente o que concerne a autores e seu público, portanto, na representação tanto das condições de surgimento da literatura, quanto dos pressupostos de sua recepção. Trata-se de esmiuçar a infraestrutura regional cultural e a interdependência de produção, distribuição e recepção da literatura condicionada por ela, “o perfil da região” como “paisagem literária produtiva e receptiva” (STÜBEN, 2013, p. 54).

As relações entre produtores e consumidores influenciam significativamente, além da paisagem literária, a configuração das regiões. Destaca-se, ainda, que essas relações são diferentes tendo em vista a região da qual fazem parte, de modo que as influências entre região e ambiente literário acontecem reciprocamente. Neste capítulo, será possível observar as condições atuantes entre literatura e região na Serra Gaúcha.

2.1 A definição de poesia serrana

Guilhermino Cesar (1971) ressalta que o ano de 1928 foi o mais significativo para a poesia modernista do Rio Grande do Sul. O crítico justifica a sua afirmação através de exemplos de vários escritores que se destacaram neste ano, entre eles, Tyrteu da Rocha Viana, Rui Cirne Lima, Vargas Neto, Theodomiro Tostes, Manoelito de Ornelas, Ernani Fornari e Augusto Meyer.

Donaldo Schüler (1982) também considera o ano de 1928 um marco para o Rio Grande do Sul, pois é nesse período que surge uma renovação na poesia modernista do estado. Diferentemente de São Paulo, que desencadeou um movimento renovador em 1922, o autor afirma que o Rio Grande do Sul recebeu as influências modernistas do centro do país e também da Europa e, apesar de sofrer modificações ao longo dos anos seguintes, não perdeu sua marca local.

Schüler classifica os versos produzidos no estado em três tendências principais: 1. Poesia Referencial, 2. Poesia não referencial e 3. Poesia ontológica. Salienta-se que a primeira tendência divide-se em sete categorias: Poesia campeira, Poesia serrana, Poesia litorânea, Poesia urbana, Poesia amazônica, Poesia negra e Poesia do exílio. Este trabalho deter-se-á na definição de Poesia serrana, visto que o Grupo Matrícula concentrou-se em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, durante a publicação de sua antologia poética.

A poesia serrana é primeiramente produzida por Ernani Fornari¹⁷, ao lado de Olmiro de Azevedo¹⁸. Para Schüler, Fornari destaca-se com a publicação do livro de poemas *Trem da Serra* (1926), e Olmiro de Azevedo, especialmente, com o poema *Veio d'água* (1925), que dá título ao seu primeiro livro.

Para o mesmo crítico, a poesia serrana caracteriza-se pela sua subjetividade. A presença de contradições contribui para que o texto torne-se conturbado e menos sólido. Existe a adesão da sensualidade, acoplada ao misticismo, e das indagações, ao invés da ingenuidade. Os desencontros também se tornam comuns, dessa forma, fazendo emergir nos poemas a oposição *Eu versus Tu*.

Especificamente sobre a obra *O trem da serra*, percebe-se que o trem parte de Porto Alegre/RS para a região da Serra colonizada por imigrantes italianos. Ao contrário do que se imaginava, a civilização e a rusticidade não se opõem, pois a locomotiva sofre um processo de integração aos lugares por que passa. Conforme Schüler:

O afeto das pessoas dá-lhe (ao trem) alma, recebe-o com festiva familiaridade. Incorporado nos hábitos, o trem torna-se o centro de convergência de todos os interesses: liga, irmana, une. A passagem do trem é festivamente saudada. O grau de intimidade entre o homem e o trem se percebe na imagem que confunde a locomotiva com o cavalo, o animal, por excelência companheiro antropomorfizado dos rio-grandenses (1982, p. 27).

Portanto, o mundo civilizado, representado pelo trem, incorpora a rusticidade encontrada na Serra. Além disso, Fornari traz outro recurso em sua poesia: o movimento, percebido através dos olhos do viajante, nos quais as paisagens que ele observa da janela “sucedem-se rápidas e se conjugam” (1982, p. 29), e também lhe trazem à memória os tempos de criança.

Para Schüler, a produção de poesia serrana por Olmiro de Azevedo é apenas uma fase de sua carreira como escritor. No entanto, o crítico ressalta a importância da sua obra e elenca características essenciais, como a dicotomia entre o sim e o não, a ligação do homem com a pátria, o exílio, a crise da poesia e do eu-lírico, as frustrações e os esbanjamentos na escolha dos temas e a inquietação. Ainda segundo o crítico:

¹⁷ Nasceu em Rio Grande (RS), em 1899. Em 1931, matriculou-se na Faculdade de Direito de Pelotas, cujo curso não concluiu. Ernani Fornari construiu uma rica obra literária, entre poesia, teatro e romance (<http://www.projetopassofundo.com.br/>, acesso em 08 jan. 2014).

¹⁸ Nasceu em Cruz Alta (RS), em 1895. Olmiro de Azevedo desempenhou diferentes profissões, dentre elas, a de advogado, jornalista, poeta e prosador (<http://www.projetopassofundo.com.br/>, acesso em 08 jan. 2014).

A existência anônima e tranqüila da poesia e do veio d'água são a fonte do vigor das matas, das pastagens, das aldeias, dos vinhedos, dos rebanhos. Olmiro de Azevedo, com o seu vivo olhar de forasteiro, desperta um mundo ignorado mesmo para os que cotidianamente com ele vivem. E não o faz com os efeitos bombásticos que destroem o objeto que exaltam, perdendo-se na insignificância. Os poemas descritivos que despertam uma região singela representam apenas um momento da poesia de Azevedo. Ele tem a vocação da profundidade e a exerce mesmo onde outros se perderam na repetição rasa de fórmulas (1982, p. 32).

Azevedo, através da palavra poética, produz novos significados ao que está sendo observado pelo eu-lírico. Longe de fazer apenas simples descrições, os versos do escritor apresentam, com profundidade, detalhes da vida que no cotidiano não são observados. Além disso, ressalta-se o alto rigor estético dos poemas, que não se detêm em receitas prontas de produção, mas contemplam com intensidade a renovação da escrita e das temáticas.

Constata-se que tanto Fornari quanto Azevedo inserem em suas reflexões poéticas a complexidade do homem. Schüler afirma que Fornari consegue transpor a viagem para o âmbito dos conflitos humanos, e Azevedo escreve sobre as questões humanas, assim, exigindo esforço do leitor para perceber as indagações apresentadas pelo eu-lírico.

Em suma, as características arroladas até aqui configuram o que Schüler denomina Poesia Serrana. Todavia, apenas isso não é suficiente. Percebe-se, durante a leitura dos textos apresentados, que a região física (Serra) está representada nos poemas e é muito importante para a configuração dessa tendência poética. A Poesia Serrana é entendida por Schüler em seu âmbito temático e estético, não sendo analisados os elementos relacionados à difusão e ao prestígio, ou seja, os níveis de circulação dos textos poéticos.

Diferentemente dos poetas que publicaram na década de 1920, os escritores de *Matrícula* (1967) aparecem na história da poesia do Rio Grande do Sul no final da década de 1960. Apesar de o Grupo ter representado em seus poemas, muitas vezes, a região física do Nordeste Sul-riograndense e também ter escrito poemas de alta qualidade estética, Schüler (1987) não denomina os textos do Grupo como Poesia serrana. A poesia dos cinco escritores é caracterizada como “Humanista”. Entretanto, em nota preliminar, o crítico afirma que, apesar da divisão em períodos da literatura produzida no estado, o debate continua em aberto, pois reconhece que “Humanismo” é uma classificação muito ampla e insuficiente.

Schüler organiza a produção literária que, em sua opinião, corresponde à categoria do “Humanismo” em oito subdivisões diferentes, entre as quais estão: Tradição, Quixote, Lirismo épico, Vanguarda, Nossa geração, Matrícula, Em mãos e Poesia do corpo e da vida. Não cabe neste trabalho ressaltar as características de cada um dos escritores citados pelo

crítico; no entanto, destaca-se a presença dos grupos de poetas e prosadores, além do Matrícula, que compõem essa categoria:

O Rio Grande do Sul, cuja presença no cenário político tinha sido, no passado recente, bem mais notória do que no mundo das letras, reativou-se. Formam-se e se dissolvem grupos literários. *Quixote*, o primeiro, congrega, em 1948, Paulo Hecker Filho, João-Francisco Ferreira, Heitor Saldanha, Vicente Moliterno, Sílvio Duncan, Pedro Geraldo Escosteguy, Fernando Castro entre outros. Um ano depois, 1949, surge *Fronteira* com João-Francisco Ferreira e Paulo Hecker Filho. Este último reaparece, em 1951, com a revista *Crucial*, acompanhado de José Paulo Bisol, Lineu Dias e Vera Mogilka. Na década seguinte, 1967, surge um grupo vigoroso na zona de imigração italiana, apresentando um livro coletivo, *Matrícula*, que acolhe contribuições de Oscar Bertholdo, José Clemente Pozenato, Jayme Paviani, Ary Nicodemos Trentin e Delmino Gritti. Um ano antes, 1966, vem a lume *Nossa Geração*, uma coletânea de poetas universitários, em que figuram os nomes de Ary Nicodemos Trentin, Ernesto Wayne, Isaac Starosta e Paulo Roberto do Carmos. *Em mãos* reúne, em 1976, Umberto Guaspari Sudbrak, Humberto Gabbi Zanatta, Dilan D'Ornellas Camargo, José Eduardo Degrazia, Selvino Heck, Cesar Pereira. O mesmo grupo, acrescido de Angelo Dall'Alba mais os prosadores, retorna em *De corpo presente*, no ano de 1979. O Instituto Estadual do Livro, em co-edição com a editora Mercado Aberto, lança, em 1984, *Geração 80*, em que aparecem os poetas Alda Ghisolfi, Jussara Quadros, Marco A. Zingano, Paulo Seben de Azevedo e Wesley Coll (SCHÜLER, 1987, p. 239-240).

A partir das investigações desenvolvidas pelo autor, observa-se que, entre o final da década de 1940 e 1980, surgem diversas publicações realizadas por grupos de escritores no Rio Grande do Sul. Sobre o Matrícula, especificamente, Schüler destaca que os cinco poetas contribuíram para emergir o movimento mais “constante, coerente e inovador” (1987, p. 240) na literatura produzida no estado. E, assim, “implantando na efervescência agrícola, industrial e cultural da região serrana, dá à preocupação com as raízes densidade ontológica” (1987, p. 240).

Em breve análise dos poemas de Oscar Betholdo, Jayme Paviani, José Clemente Pozenato e Ary Nicodemos Trentin, tanto daqueles veiculados em *Matrícula* (1967) quanto daqueles publicados individualmente, Schüler apresenta algumas características marcantes nos versos de cada poeta. Sobre Bertholdo, afirma que há nele forte presença de símbolos maternos como montanhas, mamãs, raízes, entre outros. Além disso, a dúvida e os conflitos do eu-lírico, que, muitas vezes, parece encontrar-se no exílio, contribuem para a subjetividade e profundidade a das reflexões.

Jayme Paviani é considerado um poeta que obscurece os seus versos através da palavra. Segundo o crítico, o eu-lírico opõe-se à palavra que parece privá-lo nas situações da vida, entrando “em conflito com a palavra instalada na fenda entre o eu e os seus contornos.” (1987, p. 297). Sobre os versos de José Clemente Pozenato, Schüler afirma que eles se

apresentam irônicos e refinados, dessa forma, lembrando Sócrates. Crítico à cultura urbana, o poeta sugere “que o homem rústico poderia ter guardado verdades que escapam à acuidade cidadina” (1987, p. 299). E, finalmente, Ary Nicodemos Trentin é visto como autor que valoriza os sentidos e o corpo: “Dois são os movimentos na poesia de Trentin (...), buscados em Guimarães Rosa, de ida e regresso, de prospecção e de retenção” (1987, p. 295). Em momento algum, ao fazer a síntese da produção de quatro dos cinco escritores do Grupo Matrícula, Schüler denomina a poesia deles como serrana, apenas admitindo a representação da paisagem da Serra Gaúcha em alguns poemas.

Então, assim como a temática e a qualidade estética categorizam os textos, os seus meios de produção, publicação e circulação também podem ser analisados, sendo que necessariamente não precisam ter resultados em comum, ou seja, uma obra pode receber uma denominação por seu tema e forma, e outra pelos seus meios de difusão e prestígio. Como esse é o caso do Grupo Matrícula, Schüler considera a produção do Grupo como “Humanista”, tendo em vista suas qualidades estéticas e temáticas. Ao verificarmos fatores como difusão e prestígio, constatamos que os poemas poderiam fazer parte da categoria da Poesia serrana. Entretanto, o mais importante nessa proposta de análise é compreender o que há de singular no fenômeno literário que se encontra no espaço regional. Além disso, é necessário perceber como se organizavam as redes de produção, distribuição e recepção do sistema, sendo a categorização, “o nome da etiqueta” (BERUMEN, 2005, p. 64), o menos importante.

2.2 Entre 1950 e 1969: o ambiente literário em que surge o Grupo Matrícula

Na literatura, muitos trabalhos de pesquisa que estabelecem relações entre literatura e imprensa já foram desenvolvidos. Tânia Regina de Luca (2005) destaca a estudiosa Terezinha del Fiorentino que pesquisou as influências que a imprensa exerceu sobre os meios de produção, circulação e recepção da prosa de ficção de São Paulo, no início do século XX. Sergio Miceli investigou as relações entre a imprensa e os escritores, no mesmo período, com a intenção de perceber quais eram as tarefas desempenhadas por esses intelectuais. Flora Süssekind buscou compreender as marcas deixadas no processo de produção dos escritores influenciados pelas exigências dos jornais e revistas. Monica Velloso pesquisou como um grupo de escritores, entre o século XIX e XX, construiu o pensar sobre a nacionalidade, através dos jornais, tendo em vista o humor e a irreverência. E, por fim, Nicolau Sevcenko

procurou compreender o ambiente intelectual e a atmosfera cultural do Rio de Janeiro no início da República.

Além das discussões apresentadas, a relação entre a literatura e a imprensa pode estar concentrada nas revistas e periódicos como veículos de apresentação de novas propostas estéticas, conforme afirma Luca. Angela de Castro realizou uma importante pesquisa que tem como objetivo compreender as “diferentes formas de organização e ação dos intelectuais”, a partir da revista *Lanterna verde e festa*. Lilia Schwarcz se dedicou a pesquisar “as publicações editadas por museus, faculdades de Medicina e institutos históricos entre as últimas décadas do Império e as primeiras da República” (LUCA, 2005, p. 126).

A pesquisa em periódicos é ainda uma fonte muito rica de informações para aqueles que pretendem investigar os meios de produção, circulação e recepção da literatura e suas relações com a imprensa. Socorro de Fátima Pacífico Vilar (2007), ao desenvolver o seu projeto de pesquisa de pós-doutorado com base nos jornais e periódicos (literários e não literários) paraibanos do século XIX, por exemplo, afirma que esse tipo de fonte de pesquisa é de grande relevância para os estudos literários:

Primeiramente, porque favorece o conhecimento daquelas práticas que não foram valorizadas pelos historiadores; depois, porque desenham com maior verossimilhança a “vida literária” de um tempo distante, bem diversa da que propõem os livros e manuais, porém mais próximas da “realidade” daquela época (2007, p. 3-4).

Quanto à literatura, os jornais contribuem para a recuperação dos mais diversos textos literários (poemas, romances, crônicas, contos...), além de possibilitarem a leitura de determinada paisagem literária, no tempo e no espaço. A partir das reflexões anteriores, serão apresentados os dados pesquisados¹⁹ que podem contribuir para a configuração de um sistema literário regional na Serra Gaúcha.

Entretanto, cabe ressaltar que o uso de jornais como fonte de informação exige certa cautela do pesquisador. É preciso esquivar-se das análises ingênuas que tornam o jornal uma fonte de informação que está a serviço do pesquisador e, também, daquelas que encaram os periódicos apenas como um instrumento subalterno às classes dominantes. A professora Ana Maria Camargo afirma que:

¹⁹ Parte dos dados apresentados e analisados nesta seção fazem parte da pesquisa que está sendo desenvolvida pela bolsista de iniciação científica Tatiana Bohn Müller (PROBIC/Fapergs), participante do projeto de pesquisa “Para uma história da leitura e da literatura em contextos regionais”, sob coordenação do professor Dr. João Claudio Arendt.

A pouca utilização da imprensa periódica nos trabalhos de História do Brasil parece confirmar nossas suposições. Alguns, talvez, limitem seu uso por escrúpulo, já que encontram, tão em evidência e abundância, as “confirmações” de suas hipóteses – e com a mesma facilidade, também, argumentos contrários. A maioria, porém, pelo desconhecimento, pela ausência de repertórios exaustivos, pela dispersão das coleções. Quando o fazem, tendem a endossar totalmente o que encontram, aproximando-se de seu objeto de conhecimento antes de filtrá-lo através da crítica mais rigorosa. (CAMARGO, 1971, p. 226)

Ainda que a autora, através de sua fala, desencoraje muitos estudiosos ao trabalho com os jornais, ela destaca, sob esse viés, que foram realizadas pesquisas, a partir da imprensa, com a responsabilidade que acredita ser necessária. Dentre eles, a autora aponta Gilberto Freyre que “por meio dos anúncios dos jornais estudou diferentes aspectos da sociedade brasileira do século XIX, a produção de vários pesquisadores, formados segundo padrões de excelência acadêmica e que ocupavam lugar de destaque no meio universitário” (LUCA, 2005, p. 117) e, também, Nelson Werneck Sodré, “um dos primeiros a abordar a história da imprensa brasileira desde os seus primórdios até os anos 1960”. (LUCA, 2005, p. 117).

Ressalta-se também que a escolha dos jornais enquanto objeto de estudo deve ser realizada a partir de dois critérios considerados fundamentais, principalmente, para os trabalhos de pesquisa que possuem os jornais como única fonte de investigação e análise. Conforme Luca:

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como “mero veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (2005, p. 118)

É preciso perceber que os periódicos fazem parte de um jogo de interesses que têm como objetivo interferir nas opiniões e escolhas dos indivíduos de uma sociedade. Portanto, ele não é um objeto isento de responsabilidade política, histórica e cultural, exigindo cuidados do pesquisador para que sejam evitados equívocos.

Além disso, Even-Zohar, baseado nos estudos de Ejxenbaum, assinala que existem forças que atuam na criação ou no desaparecimento de leis que regem a produção e a recepção dos textos literários, fazendo emergir, assim, o conceito de “vida literária”. Nas palavras do autor:

Therefore, what became most important for him was to find out the kind of relations obtaining between the laws which govern the production of literary texts, as extractable from these texts, and the forces which generate these laws, promote them, or make them disappear. It is in such a way that the notion of “literary life” (*byt*) emerged, not as an “environmental” factor in the sense of “background” (which

may erroneously be deduced from the title of the English translation of his above-mentioned first paper on the subject), but as *part and parcel* of the intricate relations which govern the aggregate of activities which make “literature” (1990, p. 30).²⁰

Dessa forma, acredita-se que os mais variados elementos podem fazer parte de um sistema literário. Considera-se também de pouca relevância indicar qual atividade do sistema possui maior destaque, pois todas estão relacionadas entre si. E são essas relações que devem ser observadas para a compreensão do sistema. No entanto, cabe ressaltar, que os periódicos podem ser um elemento dominante da rede de relações, de modo que possam reger, promover ou, até mesmo, fazer desaparecer leis do sistema literário serrano.

Juntamente com as publicações dos jornais sobre literatura, para analisar a vida literária da região, poderão se fazer úteis informações da área da educação, bem como os eventos culturais mais diversos, como apresentações de teatro e dança, visitas a museus e inaugurações de galerias de arte. Sabe-se que o enfoque será maior nas publicações sobre literatura, no entanto, conforme o aporte teórico que está sendo utilizado²¹, não é possível ignorar os demais elementos citados, já que eles também contribuem para o desenvolvimento e subsistência da vida literária de uma região.

Mais de setecentas publicações poderiam contribuir para esta pesquisa. Foram escolhidas as mais significativas, de acordo com os objetivos já apresentados²². Os dados pesquisados, sempre que possível, foram organizados de forma cronológica e/ou temática. Iniciar-se-á, então, a apresentação das informações coletadas de 1950, para, assim, chegar até o final da década de 1960.

Tendo como base os documentos pesquisados, compreendidos entre 1900 e 1970, observa-se que, com exceção dos anos de 1914 e 1915, em que surge o jornal *A encrenca*, não há muitas publicações relacionadas à literatura ou à vida intelectual antes do final da década de 1940. Em 1950, embora ainda não se tenha um grande fluxo de informações que contribuam para a pesquisa, já se percebe um pequeno movimento, que iria se intensificar anos mais tarde.

²⁰ Portanto, o mais importante para ele foi averiguar a classe de relações existentes entre as leis que regem a produção de textos literários, deduzidos de tais textos, e as forças que geram estas leis, as promovem ou as fazem desaparecer. Foi desse modo que emergiu a noção de “vida literária” (*byt*), não como fator “ambiental” no sentido de “contextual” (como pode concluir-se erroneamente do título da tradução inglesa do primeiro ensaio sobre o tema citado antes), mas como parte essencial das intrincadas relações que regem o agregado de atividades que constituem a “literatura”. (Tradução minha)

²¹ Se necessário, vide *1.4.2 Sistema Literário Regional*, para retomar os elementos socioculturais que podem contribuir para a consolidação de uma “vida literária” em determinada região.

²² Para rever os objetivos iniciais, vide *Introdução*.

A presença de poemas nos periódicos é um dos elementos mais relevantes dessa década, levando a crer que havia um conjunto de escritores produzindo, e o jornal poderia ser o principal canal para a publicação dos textos de alguns desses autores. Os poemas que exaltam o gaúcho do Pampa (imagem 3) e os seus costumes são muito comuns nesse período e estão presentes em quase todos os exemplares. Além disso, quadrinhas e lemas aparecem ao lado desses textos, evidenciando a representação da tradição gauchesca. A escrita de versos com outras temáticas (amor, morte etc.) também existe nessa época, como pode ser visto nos exemplos a seguir (imagens 1 e 2):

Imagem 1 – Poema publicado no jornal *Caxias Magazine*, em setembro de 1958.

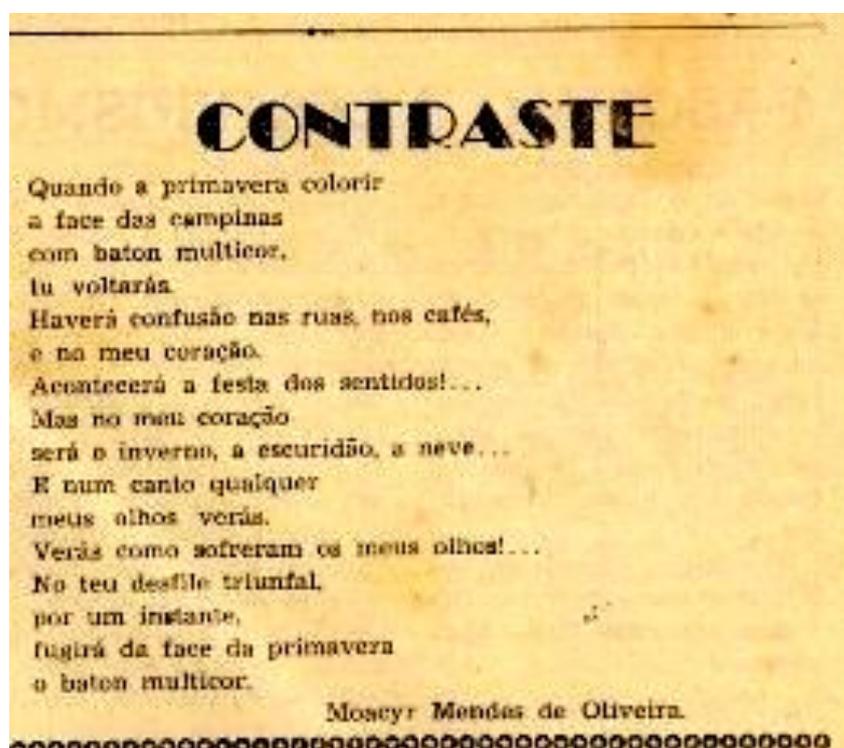


Imagem 2 – Poema publicado no jornal *Caxias Magazine*, em setembro de 1958.

PARA MINHA MORTE

Carlos Chenier

Que a morte, seja para mim cruel tormento.
Que eu morra quando mais queira viver
bebendo uma taça de champanha.
Que eu morra bêbado e agonizante.
Que eu morra quando mais amor por mim houver
e quando mais amor tiver.
Que eu morra delirante,
quando a noite que amo
venha entrando e eu a possa surpreender.
Que eu morra bebendo uma taça de champanha
olhando uns olhos claros de mulher, à beira mar.
Que eu morra no instante
em que eu melhor possa viver.

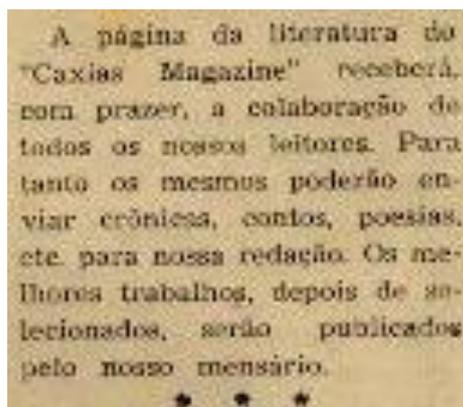
Imagem 3 - Poema publicado no jornal *Caxias Magazine*, em julho de 1959.²³

Os textos são produtos da literatura, entretanto, segundo Even-Zohar (1990) não são necessariamente exclusivos dela. Além disso, o autor entende como produto de um sistema literário não apenas o texto em si; ele inclui nessa categoria o que chama de “fragmentos”, ou seja, outras atividades desenvolvidas que contribuam para a consolidação de um sistema literário. A produção de fortuna crítica e a promoção de eventos como concursos e palestras são exemplos de “fragmentos”. É preciso, ainda, levar em consideração que o texto não é, necessariamente, o principal produto de determinado sistema, mas quase tudo o que é desenvolvido em um sistema literário tem como ponto de partida e/ou de chegada o texto e os seus meios de produção, publicação e circulação.

²³ Todas as imagens digitalizadas neste trabalho podem ser encontradas em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/Principal.aspx?l=pesquisa&s=pesquisa&Simple=1>. Acessos realizados em jan./fev. de 2014. No final desta dissertação, é possível encontrar as referências completas das imagens digitalizadas (Referências dos jornais).

Observa-se, também, que os jornais da época promoviam, intencionalmente ou não, o incentivo à produção literária, convidando os leitores a enviarem os seus escritos. O jornal *Caxias Magazine* disponibilizava um espaço para a publicação de crônicas, contos e poemas. Sabe-se que aquilo que um escritor mais deseja é um espaço para publicar, e o periódico, muitas vezes, proporcionava isso aos autores caxienses:

Imagem 4 – Nota publicada no jornal *Caxias Magazine*, em setembro de 1958.²⁴



Além da presença de textos literários, constatou-se que na década de 1950 aumentou a publicação de notícias que tratavam sobre educação e arte em geral. Há informações acerca da criação de novas faculdades em Caxias do Sul (imagem 5), apresentações promovidas pelo “Atelier de Teatro” e divulgação de eventos, como a primeira feira do livro de Caxias do Sul (imagem 6).

²⁴ Transcrição: “A página da literatura do “Caxias Magazine” receberá com prazer, a colaboração de todos os nossos leitores. Para tanto, os mesmos poderão enviar crônicas, contos, poesias etc. para nossa redação. Os melhores trabalhos, depois de selecionados, serão publicados pelo nosso mensário”.

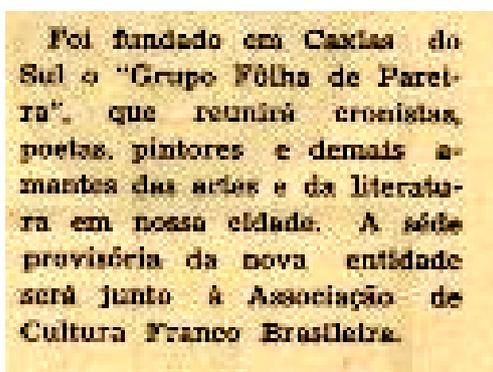
Imagem 5 – Notícia publicada no jornal *Caxias Magazine*, em dezembro de 1959.²⁵Imagem 6 – Notícia publicada no jornal *Caxias Magazine*, em dezembro de 1958.²⁶

²⁵ Transcrição: “Segundo colheu nossa reportagem, cresce dia a dia a campanha de novas faculdades em Caxias do Sul. Já no próximo ano, ao que tudo indica, teremos 4 escolas superiores funcionando em nossa cidade. Faculdade de Economia, já em funcionamento, Instituto de Belas Artes, que a partir do próximo ano passará para o plano federal, Faculdade de Direito, cuja aprovação pelo Ministério da Educação está dependendo de pequenos detalhes e a Faculdade de Filosofia, que é de propriedade da Cúria Diocesana. Assim, graças ao trabalho da iniciativa privada, nossa cidade contará com 4 escolas de nível superior. Se fôssemos esperar pelo governo nada teríamos ainda. Parabéns as entidades, que sem objetivar grandes lucros, estão tornando Caxias do Sul um centro universitário”.

²⁶ Transcrição: “Por iniciativa do sr. Guilherme do Valle e patrocínio da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, será realizada, no próximo mês de janeiro, a primeira “Feira Popular do Livro de Caxias do Sul”. A medida visa não só incentivar a leitura por parte do povo, mas também levar estes livros por preços acessíveis. Idênticos empreendimentos já foram levados a efeito com grandes sucessos nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, bem como na capital gaúcha”.

A pequena amostra de notícias e notas, assim como os textos literários retirados do jornal *Caxias Magazine*, é apenas o princípio de muitos eventos que ocorreriam com o passar dos anos. Essa “movimentação intelectual/literária” ficaria ainda mais em evidência ao se identificar a notícia sobre a fundação de um grupo de escritores (poetas e cronistas) e pintores em Caxias do Sul. Sabe-se que este foi um período de efervescência industrial na cidade, o que, possivelmente, promoveu o desenvolvimento cultural e intelectual na região como um todo. Um estudo sobre essa temática ainda está por ser realizado.

Imagem 7 – Nota publicada no jornal *Caxias Magazine*, em dezembro de 1958.²⁷



Foi fundado em Caxias do Sul o "Grupo Folha de Parreira", que reunirá cronistas, poetas, pintores e demais amantes das artes e da literatura em nossa cidade. A sede provisória da nova entidade será junto à Associação de Cultura Franco Brasileira.

O fato de surgir o Grupo Folha de Parreira é de grande relevância, pois dá indícios de que havia intelectuais se articulando para promover a literatura e as artes plásticas na cidade. Encontram-se também nos jornais informações, especialmente literárias, vindas de outros estados, como Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia. Os exemplos a seguir são sobre o 1º Festival Brasileiro de Poesia (Porto Alegre) e sobre o livro *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado (Bahia), respectivamente:

²⁷Transcrição: “Foi fundado em Caxias do Sul o “Grupo Folha de Parreira”, que reuniu cronistas, poetas, pintores e demais amantes das artes e da literatura em nossa cidade. A saída provisória da nova entidade será junto à Associação de Cultura Franco Brasileira”.

Imagem 8 – Notícia publicada no jornal *Caxias Magazine*, em setembro de 1958.²⁸

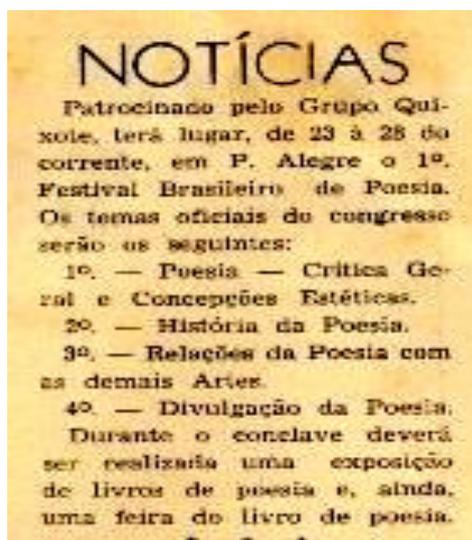
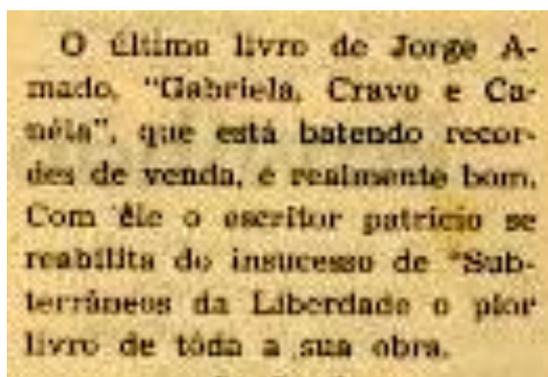


Imagem 9 – Nota publicada no jornal *Caxias Magazine*, em outubro de 1958.²⁹



Esses dois exemplos demonstram que havia contato entre os intelectuais da Serra com os intelectuais da Capital do estado do Rio Grande do Sul, bem como com aqueles de outras regiões do país. Na década de 1960, as notícias externas à região serrana tornam-se mais frequentes, o que pode ser considerado um ponto de contato com aquilo que estava sendo publicado nos demais estados, especialmente nos centros urbanos. Isso permite o diagnóstico

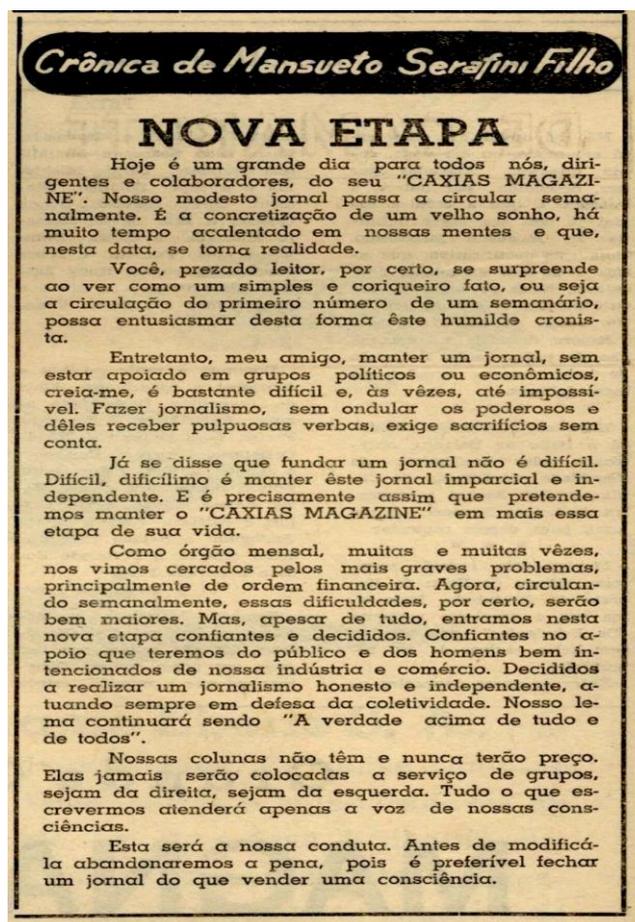
²⁸ Transcrição: “Patrocinado pelo Grupo Quixote, terá lugar, de 23 a 25 do corrente, em P. Alegre, o 1º Festival Brasileiro de Poesia. Os temas oficiais do Congresso serão os seguintes: 1º – Poesia – Crítica Geral e Concepções Estéticas. 2º – História da Poesia. 3º – Relações da Poesia com as demais artes. 4º – Divulgação da Poesia. Durante o conclave deverá ser realizada uma exposição de livros de poesia e, ainda uma feira do livro de poesia”.

²⁹ Transcrição: “O último livro de Jorge Amado, “Gabriela, Cravo e Canela”, que está batendo recordes de venda, é realmente bom. Com ele o escritor patricio se reabilita do insucesso de “Subterrâneos da Liberdade”, o pior livro de toda a sua obra”.

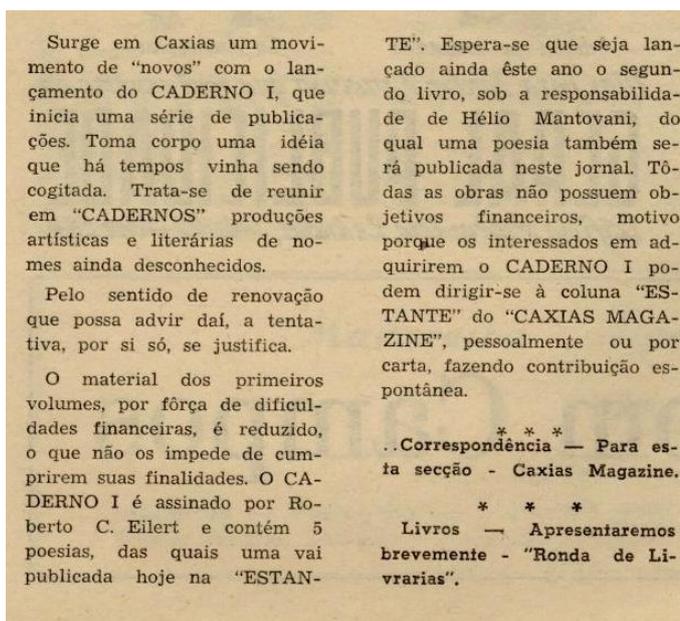
de que a Serra não era insular em relação ao que estava acontecendo no âmbito da literatura e da arte no resto do estado e do país.

Em agosto de 1960, o jornal *Caxias Magazine*, em nova fase, passa a ser publicado semanalmente. A partir dessa informação, observa-se que na medida em que aumenta o número de exemplares dos periódicos, também aumenta o número de notícias e notas sobre literatura e arte em geral, e de publicação de contos, crônicas e poemas:

Imagem 10 – Crônica publicada no jornal *Caxias Magazine*, em agosto de 1960.



No mesmo periódico, encontramos uma nota sobre a divulgação de um livro de poemas produzido por escritores locais – *Caderno 1* –, na qual o jornal *Caxias Magazine*, com a possível intenção de divulgar e incentivar a produção dos novos poetas de Caxias do Sul, informa sobre as dificuldades financeiras enfrentadas pelo organizador Hélio Mantovani e solicita doações dos leitores. Além disso, a organização do jornal decide disponibilizar uma coluna, denominada "Estante", para a publicação e divulgação de poemas que estariam reunidos nos cadernos.

Imagem 11 – Nota publicada no jornal *Caxias Magazine*, em agosto de 1960.Imagem 12 – Poema publicado no jornal *Caxias Magazine*, em dezembro de 1960.

As imagens 11 e 12, podem assinalar indícios de uma possível articulação entre o jornal e os poetas da época, já que a equipe editorial dos periódicos colocava à disposição dos escritores colunas literárias, e estes enviavam suas produções para publicação. Além do *Caxias Magazine*, especialmente ao longo da década de 1960, o jornal *Pioneiro* criou espaços para a publicação de poemas:

Imagem 13 – Poema publicado no jornal *Pioneiro*, em agosto de 1966.

Poetas como Zulmiro Lino Lermen, Cyro de Lavra Pinto e Lydia Mombelli da Fonseca publicavam quase semanalmente no *Pioneiro*. Há também outros poetas, que tinham um intervalo maior entre uma publicação e outra, entre os quais se destacam: Douglas Maloch, Acimar Kastro, Nicolau Klinger e Ana Maria Cilaghi. Acredita-se que, parte dos escritores que divulgavam seus textos nos jornais, nunca publicaram livros.

No jornal *Nosso Mundo*, a publicação de poemas de escritores locais também aparece, mesmo que em menor número. Constantino e Lisete Skrebsky são os poetas com maior quantidade de textos no jornal.

Imagem 14 – Poema publicado no jornal *Nosso Mundo*, em junho de 1968.

João

João, das mãos vermelhas
Com bálhas nos dedos
varrendo o quintal.

João jovem
que ilusões grandes
sonhando antigas
sonhando em chão incolor
em verito maluco,
longe levando sonhos de João...

No tempo,
escasso tempo
lutando na rua
braços de João
lustrosos e grandes
tão grande era o João.

Dava voltas a vida
levando vida às gentes
levando gente da vida.

Flôres que vinham,
mudavam-se
iam
voltavam...

Cotria a terra no tempo
escorria o tempo do espaço.

João-promessa
João-corre-corre
João-tarefa
João-quinta
João-sonho
(tanto sonho, promessa de vida, que...)
um dia sim!
JOÃO VIDA!

Vivendo,
sempre vivendo:
— Vai-se...

Um dia,
andando na estrada,
no chão
não mais
andanças
nas pedras antigas
ausentes.

Não-João,
não mais.
Não mais João,
pesado
levado levando,
sentiu, era João
... de trapos na mala
dos sonhos em trapos
nem mais ilusão

Entrava no peito
estranha saudade
criança malvada
fazendo doer...

— Olha a barba do João
Tão velha, já gasta
arrastando no chão.

Feito,
e pronto
Foi sorriso
foi lágrima
é adeus,
mais nada,
o João,
que foi feito de sonhos
... e morreu.

Lisete Skrebsky

3º lugar no concurso de Contos, Crônicas e Poesias

Poesia

Constantino

Vejo um homem
que caminha
entre outros homens.
É terrivelmente só
mas não consegue desligar-se
dos outros homens.

Cão da raiva
cão da fome.

Comida pro home!
Comida pro home!

Vejo um homem num bar
sentado numa mesa.
Outros homens,
outras mesas.
Vejo um homem só.

Cão do ódio,
cão da revolta.
Solta o salário do home!

Vejo uma mulher
abandonando o homem que eu vejo
e vejo o homem chorando...
as crianças que vão,
e vejo o patrão
batendo a porta.

Que mundo!...
Cheio de gente
e o homem está só.

Tome 5 cruzeiros velhos,
não dá para comprar uma bala,
mas as crianças pensam que sim.

Contente?

Sim,
desgraçadamente é um homem só.

Fome
sêde
frio.

Cão da raiva,
cãozinho...

Fome
sêde
frio.

Revolta!
não há outro caminho.

Cooperativa Vinícola Sto. Antônio Ltda.



Rua Machado de Assis, 160
End. Teleg. "SOVINHOS" C. Postal 23
Caxias do Sul — Brasil

Entrepôsto — SÃO PAULO
Av. Azevedo, 288 — TATUAPÉ
Mantém pôsto de venda a varejo
na própria sede.

Entre os escritores que enviavam seus poemas periodicamente para o jornal, estão, também, Elsa Hofstaetter da Silva, Nelson da Lenita Fachinelli e Tereza Michelsen. Esses

nomes situam-se na década de 1960 e são pouco conhecidos, porque provavelmente apenas publicaram seus versos nos jornais da época. Em *O tempo*, há muitos poemas que não indicam o autor, fato que colaborava com os escritores que preferiam não se identificar.

Imagem 15 – Poema publicado no jornal *O Tempo*, em julho de 1961.

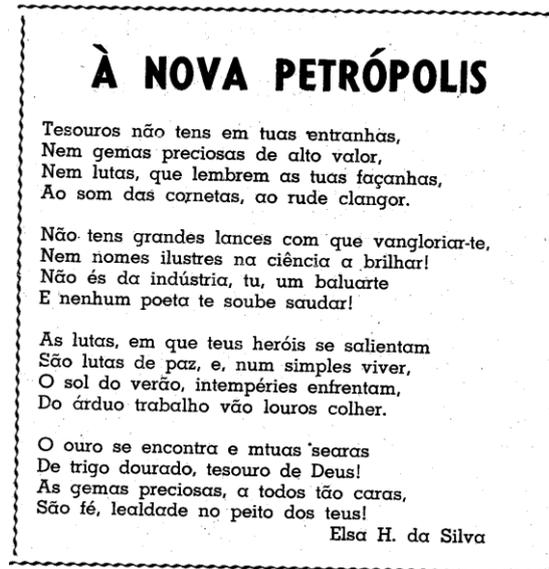
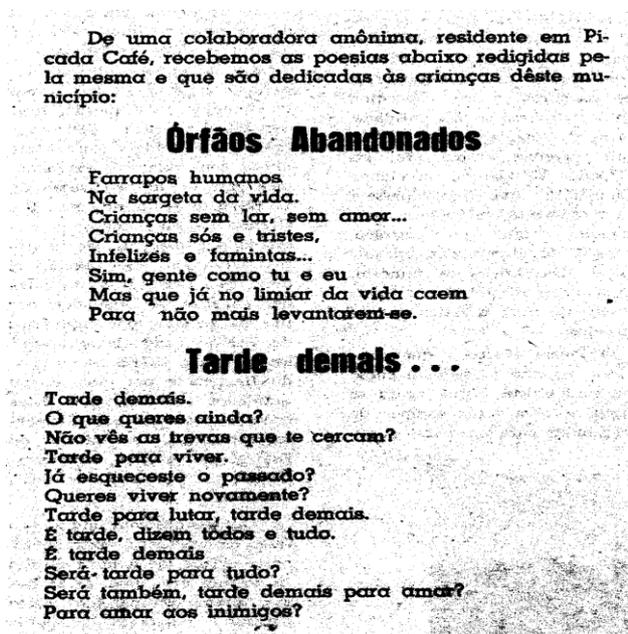


Imagem 16 – Poema publicado no jornal *O Tempo*, em fevereiro de 1964.



Além do espaço destinado à publicação de textos literários, especialmente poemas, para, provavelmente, motivar a produção literária na região, também foram promovidos diversos concursos, como poderá ser observado a seguir. Acredita-se que um dos principais eventos literários dessa época foi o 1º Concurso Anual de Contos, Crônicas e Poesias, voltado para escritores residentes em Caxias do Sul, o qual surgiu no ano de 1967. O concurso, que ainda acontece anualmente, objetivava incentivar a produção literária no município, inclusive nos anos seguintes, financiando os custos de publicação dos textos premiados.

Imagem 17 – Notícia publicada no jornal *Pioneiro*, em maio de 1967.

Elaborado o Regulamento de Concurso Literário Municipal

O Departamento Municipal de Turismo, em meados do mês de abril passado, elaborou o regulamento que regerá o Concurso de Contos, Crônicas e Poesias, de iniciativa do Poder Público Municipal, por força da lei n.º 1.427, aprovada pela Câmara de Vereadores e de autoria do vereador e jornalista dr. Mansueto de Castro Serafim Filho.

Somente poderão concorrer candidatos residentes em Caxias do Sul e os trabalhos respectivos devem ser inscritos, em livro especial, no Departamento Municipal de Turismo, até às 17 horas do dia 30 de agosto do corrente ano.

Os trabalhos deverão ser, obrigatoriamente, assinados com pseudônimo e, em envelope lacrado, a parte, deverá constar a identificação do corrente.

Não há limitação de temas ou formas neste concurso de Contos, Crônicas e Poesias.

Até o dia 30 de agosto de 67, os trabalhos deverão ser entregues no DMT. Até o dia 15 de setembro, será dado o veredito pela comissão julgadora e na comemoração da Data Farroupilha, serão entregues os prêmios respectivos: ao primeiro colocado em cada uma das modalidades — Contos, Crônicas e Poesias — um salário mínimo; aos segundos colocados, dois terços de um salário mínimo e aos terceiros colocados um terço de um salário mínimo.

Serão identificados somente os trabalhos premiados e uma vez publicado o resultado do concurso, todos os trabalhos serão devolvidos, no prazo de 30 dias, após os quais, não sendo procurados, serão destruídos.

Esta é, pois, uma oportunidade, principalmente para os autores novos e os inéditos, testarem o valor de suas produções literárias, nos gêneros previstos no concurso.

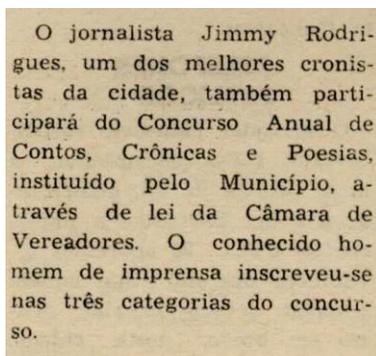
O Concurso Anual Literário incentivou (e continua incentivando) a escrita de poemas, contos e crônicas em Caxias do Sul. E, conforme a informação colhida na imagem anterior,

“esta é, pois, uma oportunidade, principalmente para os autores novos e os inéditos, testarem o valor de suas produções literárias”.

Há nos diversos periódicos notas e notícias acerca de outros concursos que também fizeram parte dos eventos de incentivo à produção literária em Caxias do Sul e região, dentre os quais destacam-se: Concurso Literário da Semana do Exército (1966); Concurso de Redação do CTG Rincão da Lealdade (1962); Concurso de Crônicas sobre a Festa da Uva (1960); Concurso Literário Estudantil (1967); Concurso de Redações Sobre o Dia dos Pais (1967); Concurso de Poesia sobre a Semana Farroupilha (1967); e Concurso de Crônicas sobre a “Feira da Ternura” (1968).

Os periódicos ainda contêm informações sobre o andamento desses concursos, tais como o número de inscritos, os escritores participantes, as datas de divulgação dos resultados e a entrega dos prêmios. Todas essas notícias podem ter contribuído para criar um “clima de concurso” na Serra, já que a frequência com que apareciam no jornais lembrava a todos que o concurso estava acontecendo e poderia motivar os escritores a se inscreverem.

Imagem 18 – Nota publicada no jornal *Caxias Magazine*, em maio de 1967.



O jornalista Jimmy Rodrigues, um dos melhores cronistas da cidade, também participará do Concurso Anual de Contos, Crônicas e Poesias, instituído pelo Município, através de lei da Câmara de Vereadores. O conhecido homem de imprensa inscreveu-se nas três categorias do concurso.

Nessa breve nota, está expresso que “um dos melhores cronistas da cidade” – Jimmy Rodrigues – participaria do Concurso Literário Anual. Esse recurso parece muito importante, porque, possivelmente, incentivaria jovens escritores a participarem de um evento literário em que um cronista reconhecido atestava a seriedade e a grandeza do evento. Entretanto, não se tem como saber se este foi o objetivo de quem escreveu a nota.

Even-Zohar, na sua teoria dos polissistemas, destaca a importância das “instituições” na consolidação de um sistema literário. Para o autor, elas são responsáveis pela manutenção da literatura como atividade sócio-cultural, além de regerem as normas que devem ser mantidas, aquelas que devem ser incorporadas e as que devem ser rejeitadas pelo sistema. Portanto,

In specific terms, the institution includes at least part of the producer, “critics” (in whatever form), publishing houses, periodicals, clubs, groups of writers, government bodies (like ministerial offices and academies), educational institutions (schools of whatever level, including universities), the mass media in all its facets, and more (1990, p. 37).³⁰

Apesar de Even-Zohar não citar os concursos literários dentro da categoria das instituições, foi possível observar que, assim como os jornais serranos, esses eventos tinham o papel de manutenção da produção literária em Caxias do Sul. O concurso era uma excelente oportunidade para os novos escritores e também para aqueles que não tinham como financiar suas obras divulgarem e testarem o grau de prestígio do seu trabalho.

Destaca-se, ainda, a presença de colunas que apresentavam dicas literárias, o que parece ser um incentivo à leitura para a população.

Imagem 19 – Coluna publicada no jornal *Caxias Magazine*, em maio de 1966.



Observa-se, nos “Destaques da Semana”, que os leitores do jornal são convidados a assistir a um filme, a ouvir uma música e a ler um livro. As dicas de leitura, juntamente com os textos publicados nos jornais, podem ter contribuído para a formação de um grupo leitor de literatura na comunidade, da mesma forma que os concursos literários tinham como meta a formação de escritores.

Então, tendo em vista os dados coletados e apresentados, já é possível perceber na região da Serra a presença de escritores, obras e leitores configurando a base para a

³⁰ Em termos específicos, a instituição inclui pelo menos parte dos produtores, “críticos” (em qualquer formato), casas editoriais, periódicos, clubes, grupos de escritores, corporações do governo (como gabinetes ministeriais e acadêmicas), instituições educativas (escolas de qualquer nível, incluindo as universidades), os meios de comunicações de massa em todas suas facetas etc. (Tradução minha)

consolidação de um sistema literário regional. Além disso, as instituições (concursos e jornais), mencionadas anteriormente, regem não apenas a produção literária, mas também o consumo. Acredita-se que o jornal se apresenta como instituição “responsável” pela divulgação de dicas de leitura e pela abertura de espaços para a publicação de contos, crônicas e poemas; e os concursos incentivam a produção literária e também a circulação dos textos.

Segundo o aporte teórico utilizado, há outros elementos que fazem parte de um sistema literário. Em relação à região serrana, resalta-se a importância das editoras e livrarias locais. Elas estão diretamente ligadas, pois as casas editoriais têm o papel de financiar o livro, além de serem responsáveis pela diagramação do texto, revisão, desenho de capa e, principalmente, pela distribuição dos exemplares ao mercado livreiro.

Nos periódicos pesquisados, pode-se verificar que existiam editoras e livrarias no âmbito da região. As propagandas de livrarias são muitas, dentre as quais se destacam: Livraria Best Seller; Livraria Leonardo da Vinci; Livraria São Paulo; Livraria Calcagnotto; Livraria Rossi; e Livraria Ramos. Observe-se um exemplo:

Imagem 20 – Anúncio publicitário publicado no jornal *Caxias Magazine*, em dezembro de 1963.



É no mínimo interessante o fato de a livraria aparecer nos periódicos quase sempre através do gênero propaganda, dessa forma, tentando atrair a população para o comércio livreiro. Even-Zohar compreende as livrarias dentro do âmbito do “mercado”. Para o autor, o mercado é o conjunto de fatores envolvidos no comércio de produtos literários e na promoção de tipos de consumo. Assim, livrarias, clubes de leitura, editoras, salões literários e bibliotecas são importantes para o desenvolvimento do mercado (consumo) de um sistema literário.

Sobre as editoras, conforme as pesquisas realizadas, constatou-se que, além das edições independentes, existiam na região a Editora Martins, Paulinas, Marista Ltda. e Gráfica Mary.

Imagem 21 – Notícia publicada no jornal *Pioneiro*, em agosto de 1966.

No final da década de 1960, também surge a Universidade de Caxias do Sul, que abriu muitas portas para a consolidação do sistema literário regional. Entretanto, anterior ao seu surgimento, a então denominada Faculdade de Caxias do Sul já trazia relevantes contribuições para o sistema literário, através de ações como a criação do Centro de Estudos Linguísticos e Literários (1965), com o intuito de estimular os novos talentos, a criação da revista *O Tempo* (1965) e a organização de seminários, congressos e grupos de estudos para discussões teóricas. Ao tornar-se universidade, outros eventos importantes merecem ênfase, como a criação de um grupo de teatro com estudantes da universidade (1968), a criação do Núcleo de Arte (1967) e a chegada na cidade, através de verbas públicas, de bibliotecas especializadas, além de todo o desenvolvimento intelectual que uma universidade produz na comunidade regional.

Imagem 22 – Notícia publicada no jornal *Pioneiro*, em fevereiro de 1967.

Caxias do Sul também contava com a Academia Caxiense de Letras (imagem 24), que realizava reuniões periodicamente para discutir e celebrar, especialmente, literatura. Além disso, a academia promovia eventos literários e organizava palestras e seminários. O Clube Caxiense de Leitura (1967), por sua vez, tinha como objetivo organizar uma grande biblioteca para os estudantes universitários, promover discussões literárias, entre os interessados, além de planejar seminários e palestras (imagem 23).

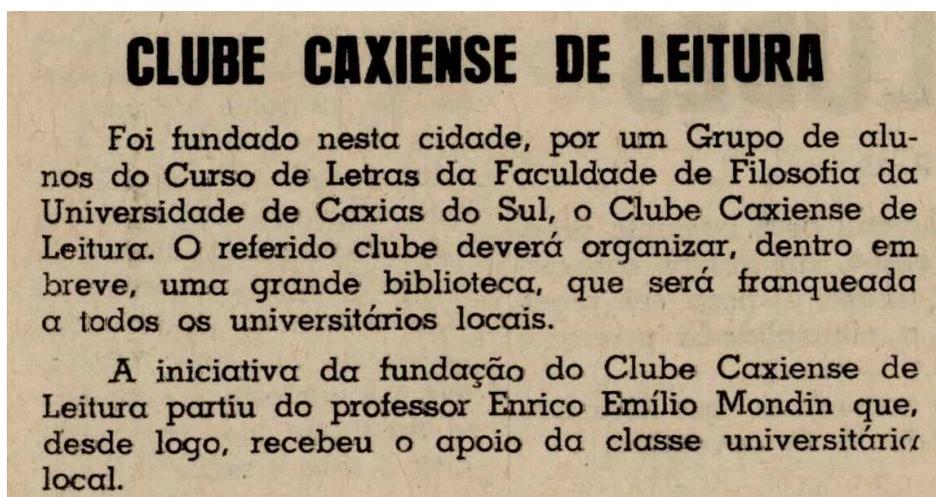
Imagem 23 – Notícia publicada no jornal *Caxias Magazine*, em outubro de 1967.

Imagem 24 – Notícia publicada no jornal *Pioneiro*, em novembro de 1967.

«PIONEIRO»

CAXIAS DO SUL, 25 d

ACADEMIA CAXIENSE DE LETRAS

O Acadêmia Caxiense Letras realizou, na majestosa "Mansão Miguel Sehbe", mais uma reunião festiva, que contou com a presença da quase totalidade de seus membros e uma comissão de professoras municipais, chefiada pela professora Marlene V. da Fonseca, Diretora da Diretoria Municipal de Educação e Cultura.

Os trabalhos foram presididos pelo acadêmico General Jacinto Maria de Godoy e secretariado pelo acadêmico Virgílio Zanbenedetti. Depois de dizer dos motivos na reunião, que constava da entrega do "Prêmio Dr. José Coelho de Souza" à professora Olina Madalosso Trentin, que concluiu o Curso de Professora Primária no ano de 1966 com nota superior a 9 em português, e da conferência do também acadêmico jornalista Décio Osmar Bombassaro. Após ter

palavras elogiosas para a professora Olina Madalosso Trentin e ao fino prêmio, um volume "Os Sertões" do imortal escritor brasileiro Euclides da Cunha, o sr. Presidente pediu para o jornalista Décio Osmar Bombassaro a saudasse, o que fez numa bela e feliz oração, que por varias vezes foi interrompida por aplausos. O acadêmico Geral Jacinto Maria de Godoy a seguir passou para as mãos da laureada o "Prêmio Dr. José Coelho de Souza" sobre demorada salva de palmas. Bastante emocionada a professora Olina Madalosso Trentin agradeceu a oferta, que nada mais foi que o prêmio de sua dedicação ao estudo da língua que Euclides da Cunha imortalizou em sua grande obra, pronunciando encantadora oração e impecável na forma. Varias vezes a oradora foi interrompida por longas salvas de palmas, o mesmo ocorrendo ao término de seu formoso agradecimento. Em nome do magistério municipal, e fazendo entrega de um ramalhete de flores, falou a professora Marlene V. da Fonseca, que teve palavras carinhosas e elogiosas à professora Olina Madalosso Trentin e manifestou o contentamento do magistério municipal em ter tido a honra de contá-la como uma das figuras mais ilustres e destacadas.

Demorada salva de palmas cobriram as últimas palavras da oradora.

A seguir o acadêmico Presidente deu a palavra ao jornalista e membro da casa, que leu o seu importante trabalho "Jornalismo é notícia ou é literatura?...". Durante quase duas horas o conferencista prendeu a atenção do grande e seletto auditório, discorrendo com grande brilhantismo sobre o tema que escolheu para a conferência do mês, sendo ao encerrar muito aplaudido e cumprimentado. Colocando-se para ser sabatinado, o conferencista respondeu com rara felicidade às perguntas feitas.

Com uma encantadora hora de arte, o Presidente encerrou a reunião renovando os cumprimentos da casa à professora Olina Madalosso Trentin e agradecendo ao jornalista pela bela conferência e a presença das representantes do magistério municipal, membros da casa e convidados, marcando a nova reunião no próximo mês, quando o acadêmico Frei Dionísio discorrerá sobre "A poesia de São Francisco de Assis".

A família Miguel Sehbe brindou os presentes com líquidos, frios e doces.

Tenha um gesto amigo para com a criança excepcional. Associa-se à APAE — Clube de Saúde "Dr. Mário Totta".

PARQUE COLADOS e
CIMENTADOS
Madeiras de Lei
madenobre
próximo ao Monumento
ao Imigrante

A fundação da Universidade de Caxias do Sul, da Academia Caxiense de Letras e a criação do Clube de Leitura foram muito importantes para a vida literária em Caxias do Sul, porque são evidências da organização de intelectuais com o intuito de promover a produção e, principalmente, a leitura de literatura. Foram essas instituições que podem ter influenciado, significativamente, o surgimento de leitores na Serra Gaúcha.

Para Even-Zohar (1990), a comunidade leitora é denominada "consumidora". Conforme o autor, existem duas categorias de consumidores: os "diretos" e os "indiretos". Os consumidores diretos são um grupo minoritário que está interessado nas atividades literárias e, talvez, em participar de outras formas do sistema literário. Já os consumidores indiretos são aqueles que consomem uma quantidade de fragmentos literários (parábolas, frases feitas, expressões cunhadas e fragmentos de velhas narrações) digeridos e transmitidos por variados

agentes culturais e integrados ao discurso diário. A partir das notícias retiradas dos jornais, percebe-se que a principal intenção dos intelectuais, que se organizavam na época, era formar um grupo de consumidores/leitores diretos, ou seja, que tivessem autonomia para escolher e refletir sobre as obras e, talvez, participar de outros segmentos do sistema literário regional da Serra Gaúcha.

Destaca-se, ainda, que todos os elementos do sistema literário (mercado, instituição, produto, consumidor, produtor) podem entrecruzar-se ou sobrepor-se. Assim, as práticas literárias podem, muitas vezes, compor diferentes relações ao mesmo tempo. A Academia, o Clube e a Universidade podem também representar o momento prévio da crítica literária no Nordeste Sul-riograndense, visto que os intelectuais se reuniam para ler e discutir textos, através de palestras, seminários e fóruns, fato que pode ser considerado um movimento embrionário da crítica local.

E, finalmente, ressalta-se o surgimento do grupo que norteia as pesquisas desenvolvidas nesta dissertação, o Matrícula, em 1967. A publicação da antologia poética *Matrícula* (1967) foi um dos principais acontecimentos da década de 1960 para o âmbito da poesia em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha e, também, no Rio Grande do Sul, conforme atesta a fortuna crítica consultada. Observe-se:

Imagem 25 – Notícia publicada no jornal *Caxias Magazine*, em junho de 1967.

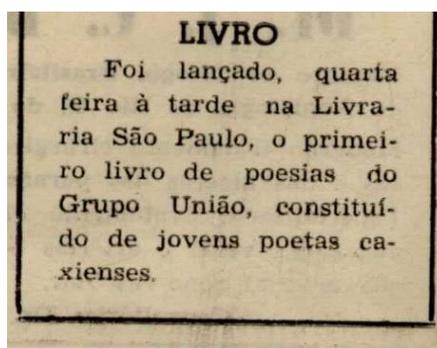
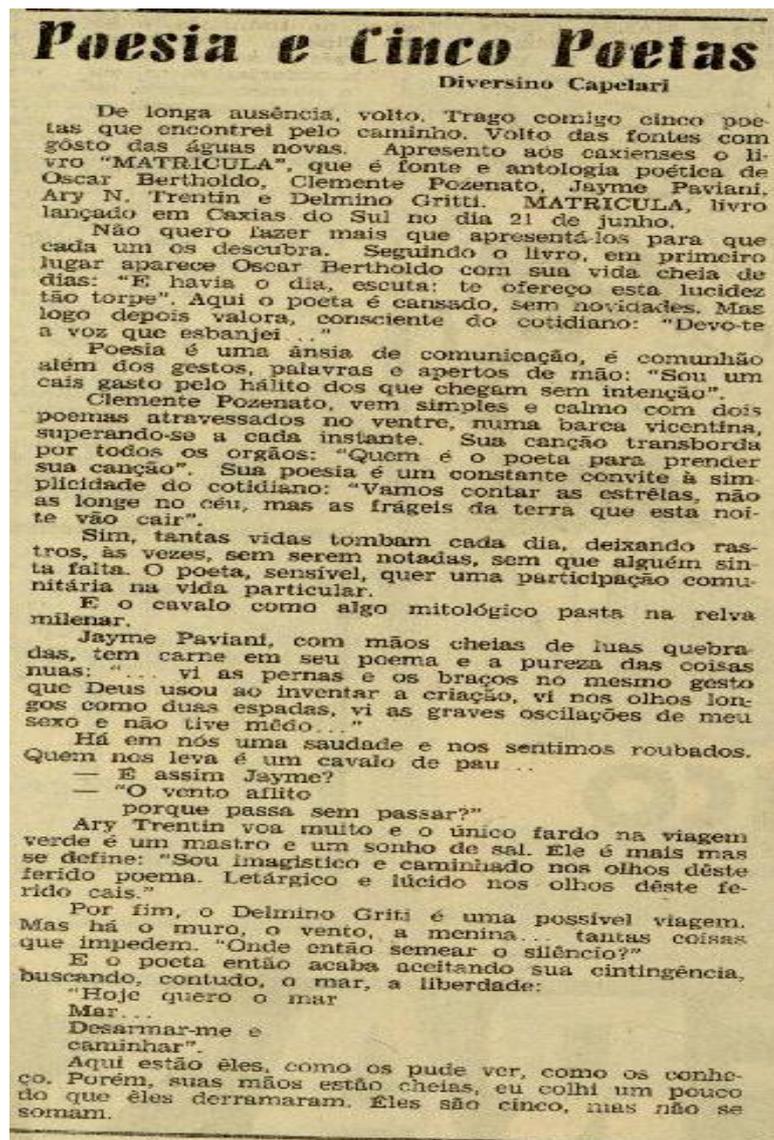


Imagem 26 – Notícia publicada no jornal *Pioneiro*, em junho de 1967.Imagem 27 – Notícia publicada no jornal *Pioneiro*, em julho de 1967.

O Matrícula, que será melhor analisado no capítulo seguinte, merece destaque tanto pelos desdobramentos que os cinco escritores tiveram individualmente em suas carreiras literárias, quanto pela dinamicidade de cada poeta em relação ao sistema literário serrano, de modo que faziam parte de vários segmentos do sistema, muitas vezes participando de vários ao mesmo tempo.

A partir da sondagem dos dados, percebe-se que as décadas de 1950 e 1960 foram de extrema importância para a formação da vida literária no Nordeste Sul-riograndense. Muitos eram os incentivos à produção e leitura literária encontrados nos periódicos da época. O ano de 1967, como já se afirmou, é um dos mais marcantes para a posterior consolidação do sistema literário na região da Serra, pois surgem, em Caxias do Sul, a Universidade, o Concurso Literário Anual e o Grupo Matrícula.

2.3 Entre 1970 e 1980: o ambiente literário que emerge após o Grupo Matrícula

Muitos foram os acontecimentos no âmbito da literatura da década de 1970, tanto na vida literária da Serra, quanto para cada escritor de *Matrícula* (1967). A publicação da antologia em grupo, para dividir os custos da edição, produziu bons frutos para os quatro escritores que continuaram a publicar seus versos. Sabe-se que a qualidade dos poemas também contribuiu decisivamente para que isso acontecesse, mas há outros fatores que foram de grande relevância para a difusão e prestígio tanto de *Matrícula* quanto das publicações posteriores. Segundo José Clemente Pozenato, em entrevista³¹, um dos momentos mais marcantes do Grupo foi o dia do lançamento da antologia, na Livraria do Globo, em Porto Alegre, quando Guilhermino Cesar fez o discurso e declarou que os escritores do Grupo já tinham entrado no *pantheon* da literatura. Naquela época, Cesar já era um historiador literário reconhecido, já havia publicado a *História da Literatura no Rio Grande do Sul* (1971) e, conforme Pozenato, era considerado um crítico literário que “abria as portas” para os novos escritores. Além disso, o escritor ressalta a presença do Curso de Letras, na Faculdade de Filosofia, em Caxias do Sul, e os contatos literários na Serra e em Porto Alegre como importantes para a difusão da antologia.

Dessa forma, o Grupo contou com a presença de um público leitor e com o apoio da crítica literária. Na década seguinte, a antologia desdobrar-se-ia em onze publicações individuais dos escritores de *Matrícula*. Oscar Bertholdo foi o poeta que mais publicou na

³¹ BRUSTULIN, Aline. ARENDT, João Claudio. “Eu nunca pensei em um público regional” (Entrevista com o escritor José Clemente Pozenato). *Litteris*, n°12, setembro 2013, p. 315-331.

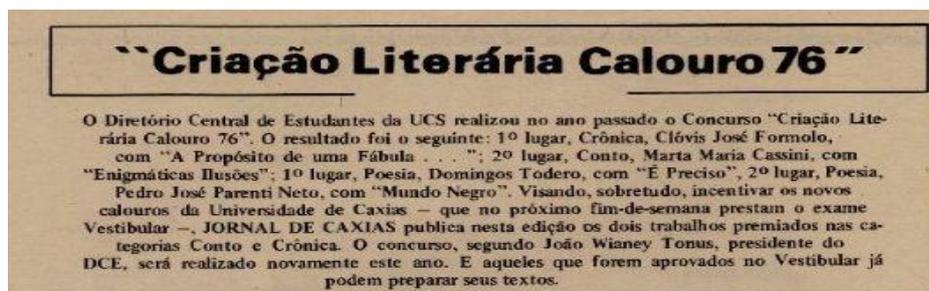
década de 1970: *As cordas* (1968), *Corpobre* (1969), *O guardião das vinhas* (1970), *A colheita comum* (1971), *Poemimprovisos* (1974) e *Lugar* (1976); Jayme Paviani publicou *Uvas da consolação* (1972) *Onze horas úmidas* (1974) e *Águas de Colônia* (1979); José Clemente Pozenato e Ary Nicodemos destacaram-se pelas obras de *Vária figura* (1971) e *Investiduras* (1976), respectivamente.

O envolvimento dos escritores do Matrícula com o Concurso Literário Anual de Caxias do Sul foi muito intenso e em diferentes âmbitos. Delmino Gritti foi o primeiro poeta do Grupo a ser premiado no concurso literário, em 1967. Em 1976, Ary Nicodemos Trentin e Jayme Paviani foram também premiados. Nesse mesmo ano, José Clemente Pozenato assinou a apresentação do livro que reúne os textos vencedores, na qual afirmou que: “A publicação destes trabalhos, no ano em que Caxias do Sul completa cem anos de existência, desde a chegada dos primeiros colonos, é também atestado do estágio em que a cidade está ingressando. Isto é, ela começa a amadurecer culturalmente”³² (1976, p. s/n).

A afirmação de Pozenato é muito importante para o presente trabalho, pois o próprio autor observa que havia uma efervescência cultural na Serra, especialmente em Caxias do Sul, e a produção e a recepção literárias faziam parte da nova paisagem cultural que se configurava. Outro dado importante é que, a partir de 1970, além da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, a Universidade de Caxias do Sul também se envolveu na organização do concurso. Atualmente, essas parcerias não existem mais, porém, na época, constituíram um grande avanço para incentivar a produção literária, levando o concurso a “ganhar força” para atingir um público maior de escritores e leitores.

Os concursos continuaram surgindo. Ao longo daquela década, grande parte das iniciativas era promovida pela Universidade de Caxias do Sul e anunciadas nos jornais serranos. A seguir, observa-se a divulgação dos resultados de um concurso:

Imagem 28 – Nota publicada no *Jornal de Caxias*, em janeiro de 1977.



³² Citação retirada do livro *Contos, crônicas e Poesia* (1976), organizado pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul.

Além dos poemas que apareciam nos jornais na década anterior, observa-se o aumento do número de contos e crônicas publicados a partir de 1970. Entretanto, as crônicas literárias são minoria, já que grande parte dos textos desse gênero é jornalística. Os contos aparecem com frequência e, normalmente, são narrativas de autores premiados em concursos. A publicação de poemas ainda é muito comum, mas há grande variedade de escritores que podem ser ou não oriundos da região. Nos exemplos a seguir, é possível observar uma crônica jornalística (imagem 29), um conto premiado no concurso “Criação Literária Calouro 76” (imagem 30) e dois poemas (imagem 31 e 32), respectivamente:

Imagem 29 – Crônica jornalística publicada no jornal *Pioneiro*, em maio de 1971.

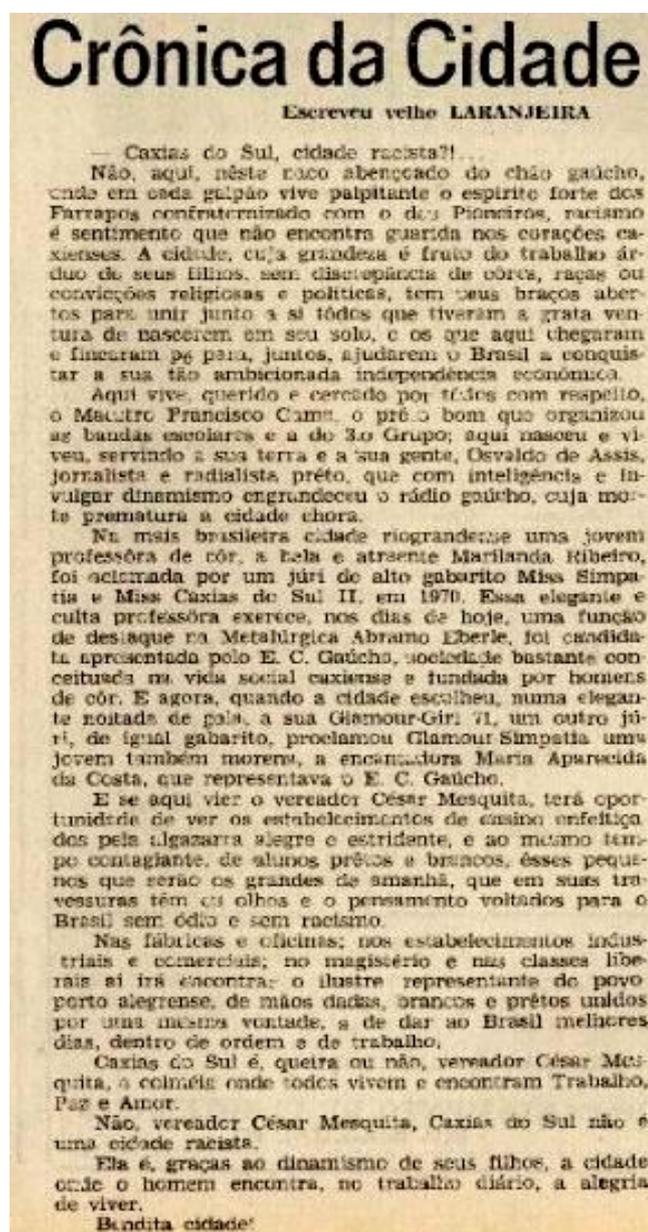


Imagem 30 – Conto publicado no *Jornal de Caxias*, em janeiro de 1977.

Enigmáticas ilusões

Marta Maria Cassini

Estava sentada num banco da velha praça de Mollonga, perdida em pensamentos sobre o sentido disso e daquilo. Por que as coisas acontecem de uma maneira com algumas pessoas, e por que de forma diferente com outras? Divagações que nos vêm à mente, quando não temos uma preocupação maior.

Meu pensamento divagava ainda, sobre uma coisa e outra, quando "aquilo" aconteceu. Ouvi alguém falar comigo. Assim, de repente.

Olhei ao meu lado, procurando quem me interpelava, e não vi ninguém. Então olhei para o outro lado, para trás e pelas redondezas, e nada. Não havia ninguém, a praça estava deserta. Estava mesmo. Mas... eu tinha certeza que alguém falara comigo. Como? Começava a pensar que talvez fosse uma simples impressão, quando ouvi clara e novamente:

— "Estão transportando seu corpo para o cemitério de sua cidade natal. Você não acha melhor estar presente?"
Voltei rapidamente a cabeça para o lado direito, pois "senti" que a voz chegava daquele lado. E o banco mais próximo já não estava deserto. Havia alguém lá.

Não sou pessoa muito impressionável, mas senti um forte tremor, e procurei acusar o frio de outono. Tentei conter um sobressalto e o medo que invadiu todo o meu ser.

Era um homem. De cabeça baixa, completamente vestido de branco, e com um chapéu, na cabeça, estava sentado naquele banco. Das árvores caíam folhas em seu chapéu e ao nosso redor. Olhando-o de perfil, eu não soube dizer quem era. Então, com muita coragem e, procurando superar o medo, pois estava tremendo como vara verde, aproximei-me deste homem. Parei na sua frente, disposta a chamar sua atenção e perguntar-lhe se também ouvira a mesma voz, ou se era, talvez, uma brincadeira macabra

que ele teria feito comigo.

Quando este homem levantou a cabeça, tirou o chapéu e sorriu para mim, eu não perdi os sentidos porque alguma força superior a mim conseguiu manter-me em pé.

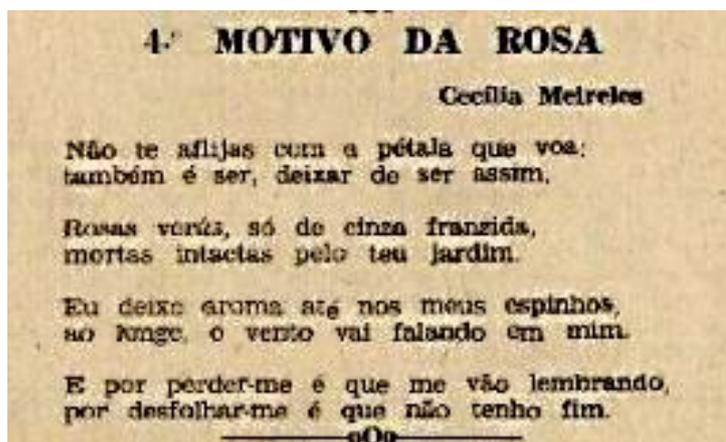
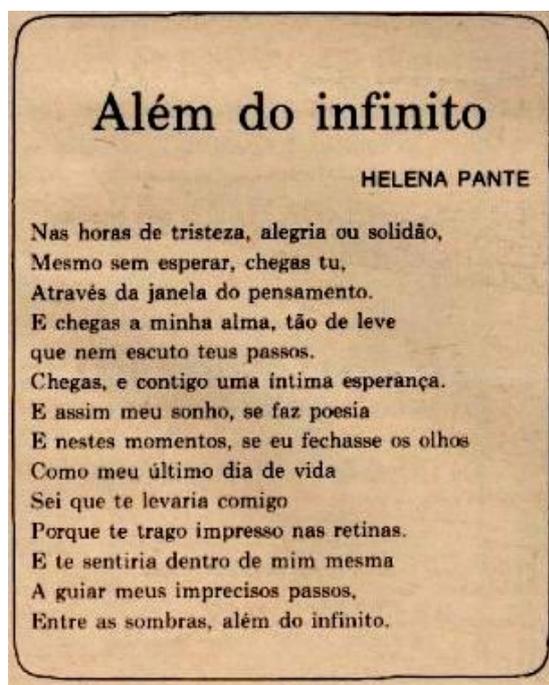
Era meu pai. Meu pai adorado, que havia falecido há mais de uma dúzia de anos. Olhava para mim e sorria. E eu não podia mover-me um milímetro sequer. Nem para abraçá-lo, nem para beijá-lo. Nem para perguntar-lhe alguma coisa, qualquer coisa. Não consegui articular uma única palavra. Absolutamente nada. Pisquei os olhos, para, talvez inconscientemente, saber se não era uma miragem, cheguei a beliscar-me, e nada.

"Ele" estava ali, na minha frente. Meu pai que eu mal conheci, dizendo-me palavras de carinho e infinito amor. Sem coordenar meus pensamentos, movi-me para ficar junto a ele. Sentei-me e virei-me para olhá-lo. Fiquei novamente pasmada. Impossível, eu não podia acreditar no que via. Ou melhor, no que eu não via. "Ele"

sumira. Pronto, sumira. Assim tão simplesmente.

Então eu corri. Corri o mais depressa que pude. Quando dei por mim, estava na estação ferroviária, quase sufocada pela falta de ar, tamanho o esforço depreendido naquela maratona. Comprei uma passagem para casa, no trem que partia aquela noite mesmo. Mas antes, de embarcar, resolvi telefonar para casa. Sentia uma suprema necessidade de falar com minha mãe. Quem atendeu ao telefone devia ser a nova empregada que mamãe vivia reclamando. Disse-lhe depressa: — "Chame mamãe, aqui é sua filha Clara quem fala. Preciso muito conversar com ela".

Do outro lado responderam: — "Sua filha Clara? Deve ser brincadeira. Como é possível isto, se D. Ana só tem filhos homens em casa, e a única filha que tinha morreu num acidente de trem, na via férrea de Mollonga, no ano passado?" E colocaram o fone no gancho. E foi o fim. Parece que estou saindo da cabine, com o telefone na mão...

Imagem 31 – Poema publicado no jornal *Pioneiro*, em julho de 1976.³³Imagem 32 – Poema publicado no jornal *Pioneiro*, em agosto de 1976.

Em quase todos os números dos periódicos pesquisados, encontram-se textos literários, tanto na década de 1960, quanto na de 1970. Nos anos que antecedem 1980, a publicação, principalmente, de poemas de escritores que se concentravam no centro do país (como o exemplo de Cecília Meireles) se intensificou. Todavia, também se observa que os escritores da Serra Gaúcha não perderam o seu espaço de publicação, pois textos inéditos aparecem com frequência nos jornais. Então, o motivo para os textos de escritores

³³ Transcrição: “Não te aflijas com a pétala que voa/ também é ser, deixar de ser assim/ Rosas verá, só de cinza franzida/ mortas, intactas pelo teu jardim/ Eu deixo aroma até nos meus espinhos/ ao longe, o vento vai falando de mim / E por perder-me é que vão me lembrando/ por desfolhar-me é que não tenho fim.”.

consagrados aparecerem nos periódicos poderia ser interpretado como uma forma de motivação para os jovens autores serranos e, também, como forma de atualização acerca daquilo que estava sendo produzido no resto do país.

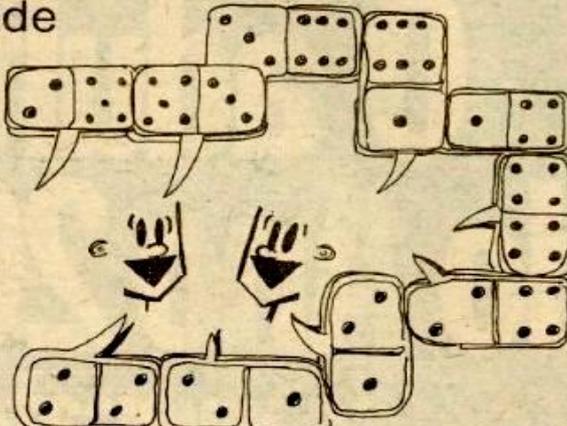
Encontros literários, palestras, seminários e fóruns continuaram acontecendo e eram promovidos, principalmente, pela Universidade de Caxias do Sul. Apesar de serem organizados pela universidade, os eventos eram abertos para o público em geral de Caxias do Sul e cidades vizinhas. No exemplo a seguir, percebe-se que há um encontro direcionado para os professores, com o intuito de capacitar esses profissionais para a promoção da leitura e da produção literária em sala de aula.

Imagem 33 – Notícia publicada no *Jornal de Caxias*, em março de 1979.

Um encontro literário este sábado na Universidade

Será realizado neste sábado, no auditório 202, bloco E do Campus Universitário, o II Encontro Literário de Caxias do Sul. Para a promoção foram convidadas todos os professores que atuam na área da Literatura, Letras, Português, Língua Nacional, Redação, Comunicação e Expressão. O convite procura sensibilizar os professores da cidade, pedindo sua participação "nesse mutirão". Diz o convite: "Quando os estudantes enfrentam o marasmo cultural e resolvem capinar na lavoura literária, é porque alguma coisa de bom está acontecendo. Caro Mestre, sabendo das dificuldades encontradas do início alienante e do sacrifício daqueles corajosos que pegam na enxada e trabalham o santo chão com suor e esperança, semeando boas iniciativas, não deixará de ficar sensibilizado". O II Encontro Literário de

Caxias do Sul terá o seguinte programa: 14 h, abertura; 14h10min, palestra de Flávio Roberto Stefani, presidente da União Brasileira de Trovadores, do Rio Grande do Sul; 15h, depoimento de professores que atuam na área literária; 16h, debates sobre temas literários; 17h, encerramento do encontro pela professora Maria de Lourdes Vargas Lunardi, delegada de Ensino. Na oportunidade, será lançado o II Concurso de Trovas de Caxias do Sul, promovido pela União Brasileira de Trovadores, Seção de Caxias do Sul, com a colaboração da Universidade de Caxias do Sul. Constará de um concurso de quadras setessilábicas, regendo-se pelas seguintes condições: temas nacionais (para trovas líricas e filosóficas uma mensagem com o tema "consciência ecológica" ou "preservação da



natureza"; para trovas humorísticas, o tema "os sete pecados capitais" e temas estaduais ("cultura", para trovas líricas e filosóficas; "bigode", para trovas humorísticas). As trovas deverão ser inéditas e de autoria do concorrente, sendo ilimitado o número a ser remetido. Cada trova deverá ser datilografada na face de

um pequeno envelope, sob pseudônimo, colocando-se ao alto o tema e dentro do referido envelope uma papelita com o nome e o endereço do concorrente. Todos esses pequenos envelopes deverão ser colocados num envelope maior e remetido para "Concurso de Trovas - Caixa Postal 1375 - 95.100 - Caxias do Sul".

A organização desses eventos revela, também, que o meio acadêmico preocupava-se com a reflexão sobre literatura. Também existem nos jornais informações sobre seminários de artes plásticas, teatro e cinema. Além desses encontros para discussões sobre os mais variados assuntos acerca das artes, há nos periódicos reportagens que podem ter o intuito de levar os leitores a pensar essas questões, tanto em âmbito regional, quanto estadual e/ou nacional. No exemplo a seguir, observa-se a indagação do autor sobre o papel do escritor na sociedade brasileira:

Imagem 34 – Reportagem publicada no jornal *Pioneiro*, em fevereiro de 1971.

- Literatura Brasileira -

Em se falando em "Literatura", nunca nos lembramos do escritor da forma como ele deveria ser lembrado, é mais fácil lembrarmos da obra que ele escreveu, focalizamos neste artigo a parte do autor.

Nunca teve o escritor brasileiro, como nos dias atuais, tamanha participação no complexo da vida nacional. Sua contribuição se expande pelos mais variados setores da realidade do país, seja no campo específico da criação literária, seja nas diversas atividades da vida pública ou privada.

E, verdadeiramente, o momento em que se dá a dissolução da idéia, multissímbolo vigente em outras épocas, de ser o escritor um espírito de exceção no que se refere a sua participação no meio ambiente. Quebra-se agora vigorosamente, e de maneira eficiente, a posição de solidão e individualidade absoluta para a modernidade da valorização do cotidiano, do simples, do imediato ao lado das gentes. O escritor pode, então, superar um sentimento romântico da vida, para uma posição existencial. E desta, a partir dela, para a integração com seu grupo nacional e sua correspondente existência.

Esta participação é valiosa, principalmente, porque consciente.

Pouco a pouco o escritor se apossa de todos os requisitos para o melhor conhecimento da vida nacional, adquire as técnicas convenientes, serve-se da linguagem adequada, aclara-se e universaliza-se para alcançar todos os pontos a serem expressos e que fazem parte da vida do grupo, agora realmente conhecido; movimenta-se, afinal no verdadeiro sentido de uma revolução, do interior para o exterior.

Para que esta participação seja perseverante e tenha cada vez mais reflexos externos, tem de ser mantido o espírito profissional no escritor. Somente a partir desta consciência profissional o homem de letras poderá chegar ao conhecimento de sua missão na vida nacional. Ainda que muitas vezes não tenha retribuição material a altura por precariedade ainda existente não deve o escritor abandonar o sentido profissional de sua atividade. A perseverança de uma posição sempre pronta a responder a chamados e requisições, sem abandono da condição psicológica de sempre poder cumprir a missão fará com que o escritor brasileiro conquiste a sua condição de profissional dentro dos quadros ativos da vida do país. E somente esta posição de consciência alerta dará à ele recursos para superar as momentâneas deficiências materiais que a vida econômica brasileira oferece ao que escreve.

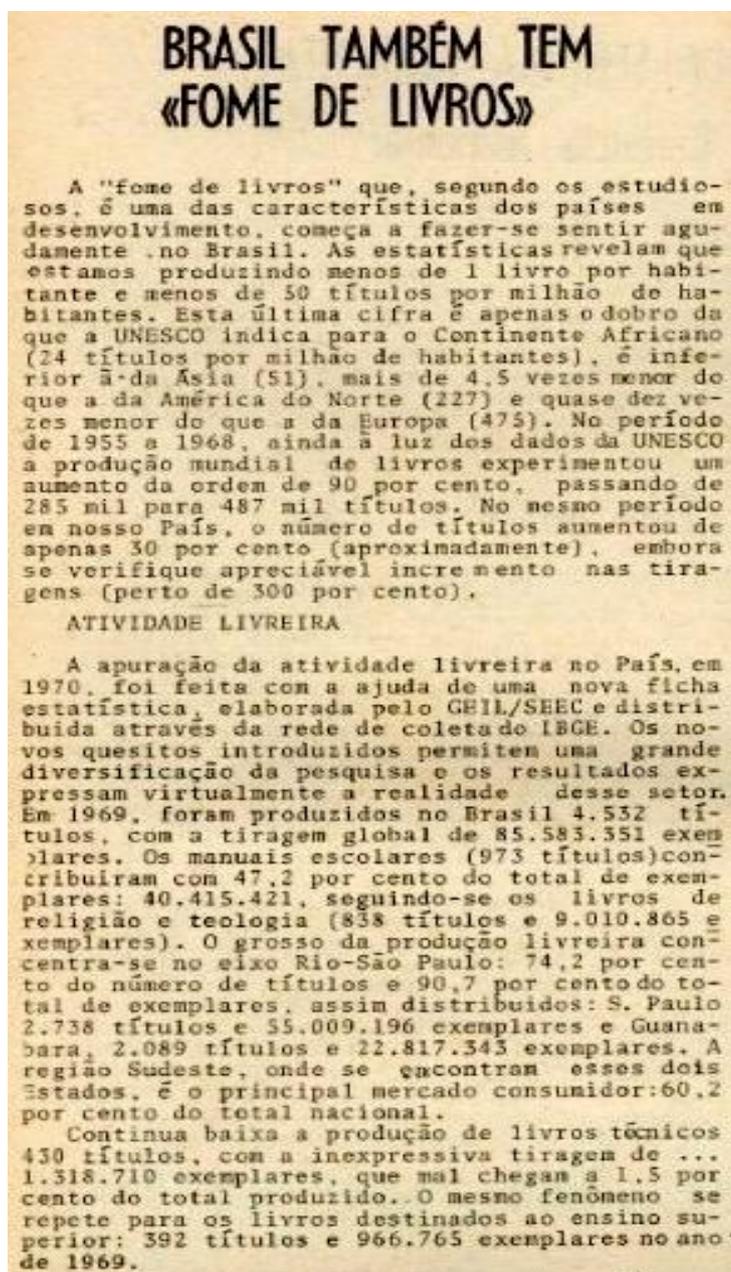
A consciência profissional é o primeiro ponto de estabilização material do escritor. Daí virão as inovações particulares e oficiais aptas a apressarem as boas condições para a vida do homem que escreve e para eficiência de seu trabalho. Daí partirão inovações, como bolsas de estudo para pesquisadores e ensaístas, prêmios correspondentes a valia das obras representativas nos diversos gêneros literários, criação de veículos para melhor distribuição de livros em todo o território do país, proteção justa do trabalho literário nacional, em face das obras de importação, facilidades para o encontro entre os que escrevem e os que lêem, com o surgimento do maior conhecimento recíproco. Todas estas des-

crições poderão evidentemente ser tomadas por órgãos oficiais como o Conselho Nacional de Cultura o Instituto Brasileiro de Estudos Literários, Instituto Nacional do Livro e outros.

Estes os pontos essenciais para a complementação da atividade que o escritor brasileiro vem realizando, no sentido de uma participação mais ativa e eficiente na vida do país. Com eles o homem de letras alargará a sua confluência com o grupo social e poderá dilatar a contribuição que vem dando para a cada vez mais intensa coesão deste grupo. Ocasão que nos permite encarar com otimismo o dia a dia mais acentuado das atividades literárias do escritor brasileiro e sua integração no complexo da realidade nacional.

L.T.

Escritores, leitores e obras são apenas parte das preocupações do campo literário. A edição, a publicação e a venda dos livros também compõem o conjunto de temas discutidos. Nas notícias a seguir, destacam-se o desconforto do mercado livreiro em Caxias do Sul e os problemas da produção de livros no Brasil que, segundo a reportagem, na época, produzia cinquenta livros para cada milhão de habitantes.

Imagem 35 – Reportagem publicada no jornal *Correio Rio Grandense*, em fevereiro de 1976.Imagem 36 – Reportagem publicada no jornal *Jornal de Caxias*, edição especial, em fevereiro de 1975.

Essas evidências confirmam que há outros elementos que contribuem para um sistema literário regional, além de escritores, leitores e obras. Muitas vezes, dependendo das articulações dos elementos que integram a rede de relações de um sistema, ele poderá ampliar-se a âmbitos maiores que os regionais. No entanto, a partir dos exemplos apresentados, acredita-se que os intelectuais da Serra Gaúcha procuravam saber o que estava sendo produzido e discutido na literatura de outros lugares do país, para contribuir com a formação de escritores e leitores serranos. Ao invés desses intelectuais se colocarem em oposição às informações/produções externas à região, buscavam integrar-se a horizontes literários suprarregionais.

Notícias sobre cinema, teatro e arte aparecem com frequência nos jornais da década de 1970. Seus temas são os mais variados, como divulgação ou cancelamento de espetáculos, sessões e exposições, solicitação de verba pública, apresentação de elenco, cantores ou artistas, opiniões críticas, entre outros. No exemplo a seguir, há a divulgação de eventos de arte em diferentes partes do estado e, no último parágrafo, a divulgação do evento “Artecultura”, promovido pelo serviço de turismo do município e artistas de Caxias do Sul:

Imagem 37 – Notícia publicada no jornal *Pioneiro*, em maio de 1976.

ARTES

Desde ontem na GALERIA DE ARTES DO ALFRED PALACE HOTEL, pode ser visitada das 9,00 às 11,00 hs., e das 14,00 às 19 hs., diariamente, a exposição da conhecida artista gaúcha HELENA MAYA D'ÁVILA, apresentando trabalhos de pintura, desenhos e gravura. A artista Helena, já vem expondo desde 1963, quando iniciou numa coletiva no Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano. Após, aconteceu um tremendo crescimento e os seus trabalhos seriam visitados no Museu de Artes do RGS; no Museu de Artes de Florianópolis, na Faculdade de Arquitetura em Porto Alegre, na Mostra Industrial na Associação dos Funcionários da Justiça Federal; Mostra individual na Biblioteca Pública de Blumenau; Coletiva da IIª Feira de Arte de P. Alegre; Galeria Leopoldina; Em Campinas - S. Paulo, no Museu de Arte Contemporânea; 5º Salão de Arte Religiosa Brasileira de Curitiba; Galeria Sete Povos em P. Alegre; Galeria Panceti - P. Alegre; Retrospectiva na Galeria Sete Povos; na SEMTUR - em Bagé; no 1º Encontro de Artistas Plásticos de Bagé; no 1º Salão do Professor Gaúcho na Assembléia do Estado, na coletiva de artistas gaúchos junto a PUC dias atrás, e agora em nossa “Uvacap” com muito sucesso.

ESCULTURAS E COMPOSIÇÕES DE SUCATA, podem ser visitadas na Sala de Exposições Temporárias de nosso Museu Municipal, com criações feitas por ALVARO GRANATTI, um artista nascido na Itália, e radicado em Porto Alegre, desde alguns anos. A mostra de GRANATTI, tem levado muita gente até o nosso museu, e quem disse presente adorou as esculturas e as composições, onde a sucata é o principal elemento empregado. De terça a domingos das 8,00 às 12,00 horas e das 14,00 às 18,00 horas a mostra deste artista nascido em Florença está a disposição do público caxiense e dos turistas que nos visitam.

ARTECULTURA-76, que é uma promoção do Serviço Municipal de Turismo e de artistas de nossa Caxias, prossegue na noite de hoje e desta vez presente nos salões de festas do Grêmio Esportivo Gianela, à partir das 20,00 horas. A entrada será franca e quem disser presente verá centros folclóricos, conjuntos musicais apresentações de balé e outras atrações que estão ligadas com a arte.

As notícias sobre eventos em outros estados podem revelar que intelectuais/jornalistas interessavam-se em acompanhar o que estava acontecendo na literatura, no teatro, no cinema e nas artes visuais em outros lugares do Brasil e, até mesmo, no exterior. O Clube de Cultura e Arte, o Clube de Leitura, a Academia Caxiense de Letras e a Universidade de Caxias do Sul desenvolveram importantes trabalhos, como palestras, fóruns, seminários, concursos, exposições de arte e organização de espetáculos.

A Universidade de Caxias do Sul também incentivou a produção do conhecimento científico, não apenas na área da literatura, mas nos mais diversos campos. A Faculdade de Letras, já na década de 1960, foi de grande importância para o desenvolvimento dos estudos literários. Com a criação da Universidade, a sua capacidade de captação de alunos e verbas públicas aumentou significativamente.

Dentre os inúmeros exemplos sobre produção científica, destaca-se um professor da Universidade de Caxias do Sul, que preparou um trabalho de pesquisa sobre os poemas de Angelo Giusti, escritor oriundo da cidade serrana de Flores da Cunha. Após a finalização dos estudos, conforme o anúncio (imagem 35), seria lançado o livro *Angelo Giusti – poemas de um imigrante italiano*. Observa-se que a publicação do livro seria feita em conjunto por editoras de Porto Alegre e Caxias do Sul (UCS).

Imagem 38 – Notícia publicada no jornal *Correio Riograndense*, em fevereiro de 1976.

OS POEMAS DE ANGELO GIUSTI

Alguns de nossos leitores recordam-se seguramente de Angelo Giusti, o Nonno Giusti de Travessão Rondelli, em Flores da Cunha, que compunha poesias para todas as circunstâncias. Por ocasião do Centenário da Imigração Italiana, o Prof. Dr. Luis A. De Boni preparou um trabalho de pesquisas, coletando poesias dele e, agora, por ocasião da Festa da Vindima, em Flores da Cunha, será lançado um livro, intitulado **ANGELO GIUSTI – Poemas de um Imigrante Italiano**. Escrevendo tanto a letra como a música, A. Giusti compôs, entre outras:

Da l'Itália noi siamo partiti,
Siamo partiti col nostro onore.
Trenta sei giorni di macchina e vapore
E in América siamo arrivà."

Célebre foi também seu hino por ocasião da chegada dos sinos à sua Nova Trento, sinos estes encomendados na França, e que foram assim saudados:

"Voi narrarvi un bel successo
Dun paese in allegria,
Se mi fatte compagnia,
Pianpianin vi spiegherò".

Poemas de um Imigrante Italiano é uma coedição entre a Universidade de Caxias do Sul e a Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes de Porto Alegre. Pedidos para Ed. São Miguel — Caixa Postal 233 — 95100 - CAXIAS DO SUL.

Os trabalhos desenvolvidos, especialmente na década de 1960, de incentivo à produção e à leitura literária, à crítica, às artes plásticas, ao teatro e ao cinema, continuaram a ser promovidos ao longo da década de 1970, época em que se consolidou definitivamente o sistema literário regional no Nordeste Sul-riograndense. Cada nota, notícia, reportagem e/ou anúncio contribuiu para verificar esse fenômeno. Na década de 1960, houve fatores especiais, como a criação do concurso literário anual, a fundação da Universidade de Caxias do Sul e o surgimento do Grupo Matrícula. No entanto, apenas isso não seria suficiente para compor um sistema. Ainda foram necessários críticos, clubes de leitura, outros escritores, concursos, editoras, livrarias e feiras do livro. Já o teatro, o cinema e as artes visuais atuaram diretamente sobre o ambiente artístico-cultural serrano.

Tendo em vista os dados apresentados, percebe-se que entre 1950 e 1980 foram criadas, paulatinamente, condições de leitura e público literário regionais. Essas condições estão interligadas, sendo difícil separá-las em categorias. Portanto, na esfera da leitura e do público, destacam-se os elementos de produção por parte de escritores oriundos da Serra e que ali publicavam; o espaço fornecido pelos jornais (ou comprado pelos autores/instituições) para a publicação e divulgação de poemas, contos e crônicas; e os concursos literários com o objetivo de incentivar a produção dos escritores.

Todo sistema literário regional forma-se e consolida-se em torno da difusão e do prestígio dos textos literários. Além disso, cada sistema tem as suas particularidades de composição. Na Serra Gaúcha, não foi diferente, já que o sistema literário estava vinculado à produção e à recepção regionais. Contudo, apesar disso, não estava em posição insular em relação ao que acontecia no centro do país, pois poetas consagrados também eram lidos e divulgados nos periódicos de Caxias do Sul e cidades vizinhas.

Conforme Berumen, pensar a produção literária regional como um sistema é uma nova abordagem, que “tiene la gran ventaja de permitirnos considerarla dentro de los contextos más específicos de su producción, difusión, valoración y consumo; y, consecuentemente, la posibilidad de no desvincular a la literatura – o a las literaturas – de los contextos que les dan vida” (2005, p. 69)³⁴.

Stüben também defende a investigação da composição da paisagem literária para se desenvolver os estudos acerca da literatura regional sob o viés da sociologia da literatura. Para o autor, é necessário levar em consideração tanto os textos quanto os seus contextos. Portanto,

³⁴ Tem a grande vantagem de permitirnos considerá-la dentro dos contextos mais específicos de sua produção, difusão, valorização e consumo; e, consecuentemente, a possibilidade de não desvincular a literatura – ou as literaturas – dos contextos que lhes dão vida. (Tradução minha)

tudo o que liga o(s) autor(es) à região é de grande relevância nesse tipo de abordagem. Destaca-se, ainda, que:

Devem ser descritas as relações entre os fatores individualmente eficazes da biografia dos autores (origem, percurso educacional, condições de vida, mudanças de localidade, relacionamentos pessoais) e os fatores de potência abrangentes e dominantes na época e no local de surgimento; sobretudo isso deve ser levado em conta, e especialmente o que concerne a autores e seu público; portanto; na representação tanto das condições de surgimento da literatura, quanto dos pressupostos de sua recepção. Trata-se de esmiuçar a infraestrutura regional cultural e a interdependência de produção, distribuição e recepção da literatura condicionada por ela, “o perfil da região”, como “paisagem literária produtiva e receptiva” (STÜBEN, 2013, p. 54).

Em suma, pode-se dizer que a escolha arbitrária dos dados pesquisados deixa entrever características do sistema literário que se consolidou na região. Destaca-se também que não é possível saber a real intenção dos jornalistas que escreveram as notas e notícias e daqueles que pagaram para terem os seus textos/anúncios publicados. Os interesses podem ser os mais variados, como questões econômicas, de *status*, contatos para relacionamentos futuros, entre outros. No entanto, acredita-se que os elementos encontrados nos periódicos, quando analisados com cuidado, revelam a existência da vida literária da Serra Gaúcha, entre as décadas de 1950 e 1980.

*Vamos neste inverno romper
o sereno, o lúcido, o puro
e deslizar para a entranha da terra
soluçar de feto à espera de
qualquer porta. Tudo é frio
e aqui as sandálias imprecisas
quebram as dimensões dos olhos,
ofício póstumo, corpo incógnito
dentro do coração, dentro do silêncio,
definitivamente impertencido.*

*Vamos neste inverno quebrar
a doméstica esperança e recriar
o fogo, doce vestígio de sangue
galopando faminto nas veias,
carne vaporizada pela luz
desta lembrança que é tão antiga.
Tudo é doloroso aqui, mesmo
a lareira florida, brisa flora,
quando é possível cativar fundamente
a nitidez das fôlhas que caíram.*

(ARY NICODEMOS TRENTIN, *Nitidez*, 1967)

3. O SISTEMA LITERÁRIO REGIONAL E A SUA REDE DE RELAÇÕES

Neste capítulo, tem-se como objetivo principal tratar da noção de sistema literário regional em relação ao Grupo Matrícula. Para isso, partiu-se de um âmbito mais genérico, no capítulo anterior – a sondagem de um ambiente literário na Serra Gaúcha –, para se alcançar um âmbito mais específico – a contribuição do Grupo Matrícula na consolidação de um sistema literário regional. Even-Zohar afirma que os produtores de um sistema “are not confined to a single role in the literary network, but may, and are driven to, participate in a number of activities, which in certain aspects can become partly or wholly incompatible with each other (1990, p. 35)³⁵. Foi constatado, em concordância com Even-Zohar, que os escritores do Grupo colaboraram em diversas esferas do sistema, não atuando exclusivamente na área da produção literária.

Quanto às obras publicadas pelo Grupo que contribuíram para o sistema, decidiu-se fazer um recorte, mencionando apenas os textos do gênero lírico. Entretanto, sabe-se que as obras em prosa e os textos de cunho científico também poderiam ser levados em conta. Do mesmo modo acontece com a fortuna crítica desses escritores, ou seja, levam-se em conta, aqui, aquelas relacionadas aos poemas publicados pelo Grupo.

A rede de relações de Matrícula foi organizada em duas seções: relações externas e relações internas. Apesar de estarem localizadas em seções diferentes, elas devem ser percebidas de forma interrelacionada para a compreensão do sistema literário do qual o Grupo faz parte. Publicações de cada escritor, fortuna crítica, entrevistas e notícias estão entre os dados que subsidiam a elaboração deste capítulo. Além disso, tem-se a discussão acerca de questões de prestígio e difusão da literatura regional, tema ainda pouco contemplado e que será analisado a partir de Bourdieu (1996), Even-Zohar (1990), Candido (2009) e outros.

À luz da sociologia literária, esta dissertação parte da totalidade de um sistema e, aos poucos, localiza o sistema literário regional da Serra Gaúcha, restringindo-se, novamente, para a verificação do papel do Grupo Matrícula na sua consolidação. Tal movimento (do mais

³⁵ (...) não estão confinados a um só papel na rede literária, mas podem, e de fato são empurrados a participar de um conjunto de atividades que, em certos aspectos, podem tornar-se parcial ou totalmente incompatíveis entre si. (Tradução minha)

amplo para o mais específico) possibilita a observação de grande parte do sistema, sem que a pesquisa perca o foco central – o Grupo Matrícula –, que motivou a sua elaboração.

O contexto histórico-cultural da Serra Gaúcha não apenas configura o sistema literário serrano, como também sofre influências dos diversos elementos que o compõem. Essa relação deve, muitas vezes, ser encarada como dialética, já que, mesmo em níveis de correspondência variados, os elementos de um sistema são interdependentes, atuando uns sobre os outros.

3.1 Sistema literário regional em relação ao Matrícula

O Grupo Matrícula constitui o principal motivo para o desenvolvimento deste estudo. Entretanto, a partir dos dados encontrados, percebe-se que a publicação da antologia *Matrícula*, em 1967, é apenas uma das peças de um grande quebra-cabeça que foi se armando ao longo dos anos. As informações apresentadas no capítulo anterior mostram que muitos fatores (peças desse quebra-cabeça) contribuíram para a conformação da paisagem literária³⁶ serrana, dentre eles, boas condições de produção e recepção literária, instituições públicas e privadas que promoviam eventos literários (palestras, seminários, grupos de leitura e outros), além da disponibilidade de um espaço destinado à literatura no jornal, um dos principais meios de comunicação impressos da época.

Individualmente, quatro escritores do Grupo continuaram publicando poesia, e cada obra desse gênero é parte integrante de um todo que compõe a paisagem literária serrana. Além disso, cabe salientar que quase todas as publicações individuais resultaram na produção de fortuna crítica, a qual também compõe o conjunto de fatores levados em consideração durante a análise. Dessa forma, entende-se que a formação de uma paisagem literária regional acontece através do estabelecimento de ligações/conexões que ocorrem durante a atividade literária em uma região, constituindo, assim, uma grande rede de relações que consolidaria o sistema literário regional ao longo do tempo e do espaço.

Conforme Arendt (2011), a interação (redes de relações estabelecidas ou extinguidas) entre recepção, produção e temática dos textos delinearía as paisagens literárias. Essa interação é percebida no âmbito das regionalidades – “especificidades que integram e constituem uma paisagem cultural” (ARENDR, 2012, p. 90). No que concerne a esta dissertação, destaca-se, ainda, a ampliação do conceito de regionalidade para práticas de regionalidade, as quais são compreendidas por Santos (2009) como “chaves de interpretação” que produzem “relatos de regionalidade”. Entender as particularidades de uma região a partir

³⁶ Conforme Stüben (2013), a paisagem literária é constituída pela interação entre recepção, produção e temática literária.

do modelo proposto por Santos contribui igualmente para pensar a literatura como um sistema de relações regionais que precisa ser elucidado e analisado.

A partir do momento em que os estudos literários detêm-se em determinada região, aqueles escritores que, até então, nunca apareciam nas histórias da literatura nacional começam a emergir. Isso ocorre pelo fato de as histórias literárias regionais serem mais concentradas, menos generalizantes que as nacionais e as estaduais e contemplarem um número maior de autores.

Portanto, acredita-se que perceber a literatura regional como um sistema particular contribui para descobrir escritores e obras desconhecidos do público suprarregional. Entretanto, se fosse apenas isso, a teoria aqui escolhida (teoria dos polissistemas) não estaria cumprindo o seu papel integralmente. Além de constatar a presença de escritores e obras inexploradas, essa teoria tem por objetivo subsidiar a pesquisa acerca da formação/consolidação de uma paisagem literária, ou seja, ela colabora para evidenciar os elementos que compõem o sistema e o modo como eles interagem entre si.

Segundo Stüben (2013), os processos históricos e culturais que causaram fenômenos literários devem ser considerados o ponto de partida de uma pesquisa voltada para a sociologia literária. E, aqui, citam-se, mais uma vez, a fundação da Universidade de Caxias do Sul, a criação do Concurso Literário Anual de Contos, Crônicas e Poesia e o surgimento do Grupo Matrícula, em 1967, como fatores que impulsionaram a pesquisa para saber como se constituía a paisagem literária serrana. Tendo em vista esses três acontecimentos, a busca por “notícias literárias” em jornais serranos ajudou a descortinar a vida literária da Serra Gaúcha, entre as décadas de 1950 e 1970.

Antonio Cornejo Polar (2000), em texto dedicado à literatura latino-americana, compreende-a como vários sistemas dependentes entre si que são gerados dentro de um processo histórico comum. Para o autor, é através do estabelecimento de vínculos de contradição que os sistemas se aprimoram e formam as paisagens literárias. A partir da constatação da existência da vida literária (em uma região), poderão surgir as novas histórias literárias regionais, não mais baseadas nos cânones nacionais, mas em escritores e obras regionais, juntamente com os seus variados elementos sociológicos.

No âmbito dos estudos literários alemães, Stüben não só acredita que a história da literatura constitui-se a partir de processos históricos, como também realça a importância dos estudos regionais para a valorização de escritores e obras que não aparecem em histórias da literatura nacionais por motivos de *status*, de qualidade do texto e de espaço para divulgação:

Autores ou obras que foram típicos ou marcantes para a vida literária regional devem ser analogamente realçados. Mesmo assim, sob aspectos regionais, pode ser aconselhável tratar de nomes – que mal ou de forma alguma seriam reconhecidos em uma história da literatura alemã – com grande minúcia. A limitação a vetores individuais torna possível que também ressurgam aqueles autores que foram bastante lidos em seu tempo e por isso têm importância do ponto de vista do seu impacto, mas que permanecem excluídos de histórias literárias nacionais, em função de seu *status* comparativamente baixo e por motivos de espaço. Obras de qualidade estética inferior devem ser significativas do ponto de vista histórico-regional e cultural-sociológico e, por isso, até mesmo encontrar-se em primeiro plano (2013, p. 70).

A partir dos pontos de vista de Stüben e Polar, as histórias literárias regionais têm grande importância para revelar escritores e obras que jamais receberiam destaque em uma história da literatura nacional. Autores de apenas uma publicação e/ou de menor influência, textos de qualidade estética inferior e, até mesmo, os escritores do cânone (quando for o caso) aparecerão nas histórias literárias regionais. Ao abranger um âmbito menor que o nacional e o estadual, essa nova abordagem, mais concentrada, consegue contemplar um número muito maior de escritores e obras, dessa forma, contribuindo não apenas para a sua catalogação, como, também, para uma leitura histórico-cultural de determinada paisagem literária regional.

Dessa forma, tendo em vista o surgimento do Grupo Matrícula (1967), decidiu-se verificar se havia um ambiente literário organizado anterior à antologia e o que aconteceu com ele após a sua publicação. Além disso, tem-se Matrícula como o centro de uma rede de relações que se estabeleceu ao longo dos anos no Nordeste Sul-riograndense e contribuiu para a consolidação do sistema literária serrano.

3.2 A rede de relações internas do Grupo Matrícula

Os escritores do Grupo Matrícula possuem uma articulação entre si, no mínimo, interessante: os cinco parceiros de publicação se relacionavam não apenas enquanto poetas, mas, também, como críticos de seus textos. Em entrevista, José Clemente Pozenato foi questionado se havia um sentimento de cumplicidade entre os cinco autores do Grupo e sobre aquilo que escreviam. Surpreendentemente, o escritor afirmou que sim, pois eles acreditavam que os melhores leitores para os seus textos eram os colegas que tinham as mesmas leituras e os mesmos conhecimentos prévios:

Você pode chamar de cumplicidade, pois, dentro da nossa perspectiva, o melhor leitor que nós tínhamos éramos nós mesmos. Exatamente por causa dessa bagagem comum, do horizonte comum que tínhamos da poesia. Por exemplo, o Bertholdo sabia que eu tinha lido Péguy. Então, como ele tem a forte influência desse escritor

em sua poesia, ele sabia que eu era a pessoa certa para falar sobre os seus poemas, pois eu também conhecia esse escritor. Portanto, é uma relação de cumplicidade, a partir da perspectiva de que nós entendíamos que o melhor leitor daquilo que estávamos produzindo era o colega que estava no mesmo projeto (BRUSTULIN e ARENDT, 2013, p. 322).

A partir dessa afirmação, confirma-se a premissa inicial de que existia uma boa articulação entre os poetas e as suas produções. Essa rede de relações pode ser observada nas notas de apresentação e na fortuna crítica, ambas encontradas nos livros de poemas publicados após a antologia *Matrícula*, individualmente, por cada escritor.

Tendo em vista a paisagem literária que se organizou entre as décadas de 1950 e 1970, podem-se apresentar os desdobramentos que a publicação da antologia proporcionou aos escritores do Grupo. Para tal, organizaram-se os dados encontrados em uma tabela³⁷ que classifica as obras conforme autor, ano de publicação, editora, autoria das notas de apresentação e fortuna crítica. As obras selecionadas de cada escritor correspondem apenas aos livros de poemas. Veja-se:

Tabela 1 – Autores e apresentações³⁸.

Autor	Livro	Ano de publicação	Nota de Apresentação
Oscar Bertholdo	<i>O guardião das vinhas</i>	1970	José Clemente Pozenato
	<i>Poemimprovisos</i>	1974	Jayme Paviani
	<i>Lugar</i>	1976	Jayme Paviani
	<i>Bocca chiusa</i>	1996	Jayme Paviani escreve a nota editorial.
	<i>Molho de chaves</i>	2001	Jayme Paviani escreve a nota editorial.
	<i>O fazedor de lonjuras</i>	2011	José Clemente Pozenato.
Jayme Paviani	<i>As palavras e os dias</i>	2002	Apresentação do próprio poeta.
José Clemente Pozenato	<i>Mapa de viagem</i>	2000	Apresentação do próprio poeta.
Ary Nicodemos Trentin	<i>Investiduras</i>	1976	José Clemente Pozenato.
	<i>Dentro do espelho</i>	2002	Jayme Paviani

A partir dessa tabela, observam-se diversos casos em que Jayme Paviani e José Clemente Pozenato escrevem as notas de apresentação dos seus livros, bem como dos de Oscar Bertholdo e Ary Nicodemos Trentin. Os textos de apresentação das obras trazem as mais diversas informações, entre elas, local e data de nascimento do escritor, principais obras, prêmios recebidos, temas dos poemas em questão e, muitas vezes, características gerais dos

³⁷ Vide anexo A.

³⁸ Material organizado pela autora.

textos. Até aqui, não existe algo que seja diferente das demais apresentações de qualquer livro. No entanto, o que merece destaque, nesse caso, é como uma antiga parceria que produziu apenas uma antologia poética mantém-se ao longo dos anos seguintes.

Comprova-se, aqui, a afirmação de José Clemente Pozenato de que eles acreditavam que os melhores leitores para os seus textos eram aqueles que possuíam a mesma bagagem literária, ou seja, os próprios escritores do Grupo. Isso evidencia parte de uma rede de relações internas, uma articulação entre os poetas de Matrícula.

Além da articulação dos escritores na produção das apresentações de seus textos, observam-se outros elementos que se integraram a essa rede de relações internas do Grupo. É o que mostra a tabela a seguir:

Tabela 2 – Autores e outras informações³⁹.

Autor	Livro	Ano de publicação	Outras informações
Oscar Bertholdo	<i>Ave, árvore & tempo de assoalho</i>	1981	Jayme Paviani participa da comissão editorial.
	<i>Molho de Chaves</i>	2001	Jayme Paviani participa do conselho editorial.
Jayme Paviani	<i>O exílio dos dias</i>	1982	Ary Trentin elabora a capa.
	<i>Antes da palavra</i>	1998	Livro dedicado ao poeta Oscar Bertholdo.
José Clemente Pozenato	<i>Mapa de Viagem</i>	2000	Livro dedicado à memória de Oscar Bertholdo.

Em relação a essa tabela, percebe-se que, em duas situações, Jayme Paviani participou da comissão/conselho editorial nas publicações de Oscar Bertholdo. De um dos livros de Paviani, Ary Trentin elaborou a capa; além disso, duas obras foram dedicadas a Oscar Bertholdo, anos depois de sua morte – uma homenagem ao autor que foi considerado o idealizador da publicação *Matrícula* (1967).

Nota-se que os poetas que participaram da antologia poética, em 1967, e que continuaram publicando, envolveram-se nas mais diversas etapas da publicação das obras de seus parceiros. Os textos introdutórios, a produção de capas, a edição, a leitura crítica e antecipada dos poemas, com o intuito de sugerir e/ou questionar os textos, fizeram parte do caminho que os escritores trilharam para obter o reconhecimento de sua poesia. Essa articulação dos poetas, que iniciou com a organização de um livro com alguns poemas de

³⁹ Material organizado pela autora.

cada escritor, desdobrou-se, ao menos, em trinta obras de grande relevância para a produção poética da Serra Gaúcha, integrando-se ao sistema literário regional e consolidando-o.

3.3 A rede de relações externas do Grupo Matrícula

A diversidade de editoras, a fortuna crítica (produzida pelo próprio Grupo) e a participação em concursos literários podem ser considerados os principais elementos que fomentaram a crítica externa ao Grupo. Ao se proporem à produção poética e crítica, os autores transitaram por diferentes esferas do sistema literário, o que contribuiu, principalmente, para que estivessem em maior evidência em relação aos escritores envolvidos apenas com o âmbito da produção literária.

Para fins metodológicos, neste trabalho, deve-se entender por relações externas o conjunto de elementos que contribuíram para a difusão e o prestígio dos autores e suas obras, e que não surgiram por iniciativa dos próprios escritores do Grupo.

Existem apresentações de livros que não foram elaboradas por nenhum dos cinco autores. Esses casos correspondem àquelas obras premiadas em concursos literários ou patrocinadas pelas Prefeituras Municipais, como se vê na tabela a seguir:

Tabela 3 – Autores e apresentações 2⁴⁰.

Autor	Livro	Ano de publicação	Apresentação
Oscar Bertholdo	<i>Amadas raízes</i>	1992	Ademir Antonio Bacca (coordenador da 1ª Semana Oscar Bertholdo de Poesia).
Jayme Paviani	<i>Agora e na hora das origens</i>	1987	Victório Trez (prefeito municipal).
José Clemente Pozenato	<i>Meridiano</i>	1982	Mansueto de Castro Serafini Filho (prefeito municipal).
Ary Nicodemos Trentin	<i>Alguma fala e outras tramas</i>	1984	Victório Trez (prefeito municipal).

Os únicos livros que possuem notas de apresentação não elaboradas pelos escritores do Grupo aparecem nessa tabela. No entanto, essa condição pode parecer arbitrária, já que todos os livros foram patrocinados por Prefeituras Municipais e, dessa forma, os prefeitos ou organizadores da publicação assumiram a tarefa de apresentação das obras.

⁴⁰ Material organizado pela autora.

Há, ainda, dois livros cuja apresentação não é realizada pelos escritores do Grupo nem por prefeitos municipais: *Matrícula dois* (1998) é prefaciado por Tania Franco Carvalhal e *Matrícula* (2007) por Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro e Flávio Loureiro Chaves.

Tabela 4 – Autores e apresentações 3⁴¹.

Autores	Livro	Ano de publicação	Apresentação
Oscar Bertholdo José Clemente Pozenato Jayme Paviani Ary Nicodemos Trentin Valdir dos Santos Ana Araldi Flavio Ferrrarini Dhynarte de Borba e Albuquerque Marco Antonio de Menezes Eduardo Dall’Alba	<i>Matrícula dois</i>	1998	Tania Franco Carvalhal
Oscar Bertholdo José Clemente Pozenato Jayme Paviani Ary Nicodemos Trentin Delmino Gritti	<i>Matrícula</i> (edição fac-similar)	2007	Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro Flávio Loureiro Chaves

Ressalta-se, também, o papel que as editoras locais têm para facilitar a publicação dos textos produzidos na Serra Gaúcha. Normalmente, as grandes editoras não abrem as portas para a publicação de obras de escritores desconhecidos pelo público. Dessa forma, é muito difícil um autor publicar seu primeiro livro em uma editora que alcance âmbitos maiores. Tal fato leva os escritores iniciantes a encontrarem espaço em editoras menores, aqui denominadas serranas por causa do seu horizonte de circulação. A seguir, observam-se as publicações dos escritores do Grupo em editoras da Serra:

⁴¹ Material organizado pela autora.

Tabela 5 – Autores e editoras de publicação serranas⁴².

Autor	Livro	Ano de publicação	Editora
Oscar Bertholdo	<i>O guardião das vinhas</i>	1970	Edição particular/do autor
	<i>A colheita comum</i>	1971	Bento Gonçalves/ Publicações 2001
	<i>Ave, árvore & tempo de assoalho</i>	1981	Caxias do Sul/ EDUCS
	<i>Informe de ofício e outras novidades</i>	1982	Caxias do Sul/ EDUCS
	<i>Canto de amor a Farroupilha</i>	1984	Arte impressora Ltda. (não informa a cidade)
	<i>C'antigas</i>	1986	Companhia de escritores (não informa a cidade)
	<i>Arte & poesia</i>	1987	Edição particular/do autor
	<i>Bocca Chiusa</i>	1995	Caxias do Sul/ EDUCS
	<i>Molho de Chaves</i>	2001	Caxias do Sul/ EDUCS
Jayme Paviani	<i>O fazedor de lonjuras</i>	2011	Caxias do Sul/ EDUCS
	<i>Uvas da consolação</i>	1972	Bento Gonçalves/ Publicações 2001
	<i>Águas de colônia</i>	1979	Caxias do Sul/ EDUCS
	<i>O exílio dos dias</i>	1982	Caxias do Sul/ EDUCS
	<i>Agora e na hora das origens</i>	1987	Sem nome de editora ou gráfica. Patrocinado pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul.
	<i>Poemas 1967-1987</i>	1990	Caxias do Sul/ Arte e Cultura
José Clemente Pozenato	<i>As palavras e os dias</i>	2002	Caxias do Sul/ EDUCS
	<i>Vária figura</i>	1971	Bento Gonçalves/ Publicações 2001
	<i>Carta de viagem</i>	1981	Caxias do Sul/ EDUCS
	<i>Meridiano</i>	1982	Caxias do Sul/ Gráfica da Universidade de Caxias do Sul
Ary Nicodemos Trentin	<i>Mapa de Viagem</i>	2000	Caxias do Sul/ EDUCS
	<i>Barcas e Arcas</i>	1981	Caxias do Sul/ EDUCS
	<i>Alguma fala e outras tramas</i>	1984	Caxias do Sul/ EDUCS
	<i>Dentro do Espelho</i>	2002	Caxias do Sul/ EDUCS

A tabela mostra informações acerca das editoras de publicação com difusão delineada ao âmbito regional serrano, especialmente a Caxias do Sul e Bento Gonçalves. Entretanto, Oscar Bertholdo, por exemplo, tem em 1970 a publicação de uma edição particular/do autor, *O guardião das vinhas*. As edições particulares também devem ser levadas em conta como um elemento do sistema literário regional, pois ajudam a ilustrar os espaços de difusão do texto literário, a cargo do próprio autor.

Há igualmente obras vencedoras de concursos, como *Agora e na hora das origens* (1987), e que, portanto, são edições produzidas pelos próprios concursos, neste caso, pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul. Com o passar dos anos, percebe-se que os livros de

⁴² Material organizado pela autora.

poemas dos quatro escritores concentraram-se em apenas uma editora, a EDUCS. Isso parece acontecer devido ao vínculo dos autores com a universidade, o que, de certa forma, deve ter facilitado os trâmites de edição e publicação.

As editoras cumprem um papel decisivo na circulação de uma obra, já que, conforme o seu alcance de distribuição dos livros, fatores como difusão e prestígio tanto da obra quanto do escritor poderão variar consideravelmente. Nos exemplos da tabela 5, sabe-se que a área de circulação dessas editoras era bem específica: o Nordeste Sul-riograndense.

Entretanto, os escritores de *Matrícula* também publicaram através de editoras não serranas, como pode ser observado a seguir:

Tabela 6 – Autores e editoras de publicação não serranas⁴³.

Autor	Livro	Ano de publicação	Editora
Oscar Bertholdo	<i>Poemimprovisos</i>	1974	Porto Alegre/ Movimento
	<i>Lugar</i>	1976	Rio de Janeiro/ Civilização brasileira
	<i>Momentos de Intimidade</i>	1989	São Paulo/ Edições Paulinas
	<i>Amadas raízes</i>	1992	Porto Alegre/ Editora Alcance
Jayme Paviani	<i>Onze horas úmidas</i>	1974	Porto Alegre/ Instituto Estadual do Livro
	<i>Antes da palavra</i>	1998	Porto Alegre/ Pyr edições
Ary Nicodemos Trentin	<i>Invetiduras</i>	1976	Porto Alegre/ Movimento

Apenas três dos quatro escritores que continuaram publicando poemas estenderam sua poesia para editoras fora da Serra Gaúcha. Ressalta-se, ainda, que somente Oscar Bertholdo publicou seus poemas fora do estado do Rio Grande do Sul. Os demais concentraram-se na Serra e, algumas vezes, em Porto Alegre. Percebe-se, então, que além de terem seus livros de poemas circulando nas cidades que faziam parte do Nordeste Sul-riograndense, Bertholdo ultrapassou as fronteiras regionais e estaduais ao publicar *Lugar* (1976), pela Civilização Brasileira, de Goiânia, e *Momentos de Intimidade* (1989), pela Edições Paulinas, de São Paulo. Jayme Paviani e Ary Nicodemos Trentin também romperam os limites da Serra e chegaram até Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul.

Pode-se dizer que os escritores que publicaram em editoriais fora do Nordeste Sul-riograndense tiveram seus textos inseridos em horizontes mais amplos, já que as editoras de Porto Alegre tinham, supostamente, capacidade maior de distribuir suas publicações do que as

⁴³ Material organizado pela autora.

pequenas editoras de Caxias do Sul e Bento Gonçalves, por exemplo. Estas buscavam distribuir os livros no mercado local e publicavam quase que exclusivamente textos de escritores serranos.

A função das editoras mais afastadas dos grandes centros é a de promover, mesmo que localmente, a divulgação do trabalho de autores regionais. Esse primeiro estágio na carreira de um escritor poderá ou não ampliar os horizontes de circulação do seu texto, porque o sucesso de uma obra dependerá de fatores muito variados, além das editoras de publicação. Tanto os fatores mais convencionais, como qualidade estética do texto e temática (características internas do texto), quanto a vida literária de determinada região, contribuirão para a ampliação ou não dos horizontes de recepção do texto literário.

Ao verificar as tabelas 5 e 6, observa-se que, mesmo publicando em editoras de alcance mais amplo, esses mesmos escritores, ao longo dos anos, voltaram a publicar seus poemas em editoras serranas, especialmente na EDUCS (Editora da Universidade de Caxias do Sul). Isso pode ter ocorrido tanto pelo fato de os autores estarem vinculados profissionalmente à Universidade, quanto pelas condições de prestígio e difusão nela encontradas.

3.4 Questões de prestígio e difusão da literatura regional

Sabendo que os sistemas literários têm como ponto de partida e, também, como ponto de chegada a produção, a publicação e a circulação literária, optou-se por discutir um pouco mais sobre essas questões, que consideramos de suma importância para a constituição e a consolidação dos sistemas. Independentemente dos diferentes níveis de abrangência de obras e escritores – regional, estadual, nacional, internacional ou intercontinental –, existem leis que regem o sistema e que estão diretamente relacionadas à ampliação ou não dos horizontes de recepção do texto literário.

Na rede de relações apresentada nas seções anteriores, algumas dessas normas ficam subentendidas, mas não suficientemente para que se perceba como os sistemas são regidos. Even-Zohar (1990) não desenvolve esse tema em seus textos, pois, conforme o autor, há vários sociólogos e estudiosos da cultura nesse campo, como, por exemplo, Bourdieu. Ao admitir que uma obra ficcional interesse ao público pelo valor que lhe é dado, Even-Zohar concebe que há fatores atuantes sobre os textos literários e sobre os leitores, os quais induzem os diferentes graus de circulação e prestígio das obras.

Luciana Murari (2008), ao pesquisar o Programa Regionalista no Brasil no final do século XIX, afirma que a carreira literária ficcional de Alcides Maya, por exemplo, receberia o devido reconhecimento após a sua adequação ao ambiente literário da Capital Federal:

A carreira literária ficcional de Maya, publicada a partir de 1910, seria conduzida, sobretudo, a partir de sua inserção no ambiente literário da Capital Federal, e da incorporação dos temas gauchescos aos modelos estéticos em vigor, em estrita coerência com a linguagem rebuscada e decorativa que caracterizava, nos dizeres de Wilson Martins, a “literatura literária” da época. A adequação ao cânone literário em vigor – muito influenciado por Euclides da Cunha, Coelho Neto, e Rui Barbosa, como demonstrou o crítico citado – seria, acreditamos, um dos mecanismos privilegiados para a conquista de visibilidade pelos letrados provincianos: ao mesmo tempo em que traziam algo de novo do ponto de vista da revelação da originalidade das regiões, obedeciam a um ideal estético comum, que os legitimava frente aos meios literários que desfrutavam então de prestígio e influência social (MURARI, 2008, p. s/n.).

A iniciativa de Maya, ao buscar a integração aos parâmetros estéticos literários da Capital Federal, proporcionou ao escritor a inserção no ambiente literário do centro, com a consequente valorização de sua obra e reconhecimento social do autor. Ao se amoldar às leis que regiam o sistema literário nacional da época, Maya projetou a sua obra para horizontes maiores.

Pozenato, por sua vez, afirma, em entrevista, que os escritores do Grupo Matrícula nunca pensaram em produzir textos para um público regional, porque tinham a intenção de escrever uma poesia de “marca nacional”, voltada para o público de língua portuguesa. O autor ainda destaca que, no final da década de 1960, em Caxias do Sul, era produzida uma poesia de marca parnasiana e neo-simbolista, e o Grupo acreditava que a poesia deveria avançar; dessa forma, buscaram renovar, a partir das referências encontradas em poetas europeus, bem como através da adoção de estéticas em voga no centro do país. A renovação da poesia que o Grupo tanto almejava, através da publicação da antologia, proporcionou-lhes a inserção no sistema literário estadual e, por alguns momentos, também no sistema literário nacional.

É possível constatar o reconhecimento da crítica em relação ao Grupo, a qual destaca a importância dos cinco escritores que conseguiram avançar na tarefa de inovação da poesia no Rio Grande do Sul. A adequação ao programa literário vigente no país fomentou a positiva recepção de críticos da época. Guilhermino Cesar fez o lançamento da antologia em Porto Alegre, e Nelson Werneck Sodré publicou uma nota em uma revista do Rio de Janeiro, apresentando a obra (*Matrícula – 1967*) e os cinco escritores. Portanto, a adequação do Grupo aos parâmetros propostos pelo ambiente literário predominante, assim como aconteceu com o

escritor Alcides Maya, proporcionou ao Matrícula e sua obra a aceitação positiva da crítica literária, promovendo o seu transbordo da Serra Gaúcha para Porto Alegre e Rio de Janeiro.

Cabe aqui retomar a significação de “transbordo”. Esse conceito está baseado nos estudos alemães (SCHEICHL, 1994) que, no Brasil, vêm sendo desenvolvidos por Arendt (2011) e consiste no alcance da obra literária para além do âmbito regional em que ela é produzida, estando, assim, diretamente relacionado a questões de circulação e valor do texto literário. Apesar dos sutis sinais de transbordo da região da Serra Gaúcha, a partir da publicação de *Matrícula* (1967), as demais obras poéticas, dos quatro escritores do Grupo, restringem-se, quanto a sua circulação, ao Nordeste Sul-riograndense e, em alguns (poucos) casos, nos quais as editoras estavam localizadas em Porto Alegre, os textos circulavam na capital e em outras partes do estado que fossem de abrangência das casas editoriais.

Então, a partir das informações já apresentadas, observa-se que o Grupo transborda a região. Todavia, diante das publicações posteriores, percebe-se que há um movimento diferente do inicial. Os mesmos poetas que receberam uma leitura positiva de Sodré (Rio de Janeiro) e passaram a ser reconhecidos pela crítica do Rio Grande do Sul, concentraram, no final da década de 1980, as suas publicações poéticas na EDUCS, uma editora regional à época.

A concentração das obras dos autores em uma editora regional, com o passar dos anos, é um fato que deve ser levado em consideração ao se analisar a recepção desses escritores. Não se tem uma explicação clara para esse retorno do Grupo ao âmbito regional, mas o fenômeno revela a influência do sistema para impulsionar ou retraindo escritores na busca de um público leitor para os textos, ou até a sua autonomização. Talvez a noção de campo literário, de Bourdieu (1996), entendido como um espaço de forças que atuam umas sobre as outras, ajude a perceber as forças que atuam no sistema literário. Campo deve ser entendido como uma rede de relações objetivas entre posições. A definição dessas posições ocorre tanto pela sua existência quanto pelas determinações internas impostas pela própria rede de relações. As sociedades com alto grau de diferenciação são impulso para o surgimento de diferentes categorias sociais “autônomas”, contribuindo para a rigidez das especificidades dos campos, muitas vezes, tornando-os irredutíveis e fazendo com que os diferentes campos (religioso, artístico etc.) obedeçam a “lógicas” diferentes. Bonnewitz (2003), ao abordar questões que, em sua opinião, merecem destaque em toda a obra de Bourdieu, elucida o conceito de campo da seguinte forma:

Para esclarecer o conceito, podemos proceder por analogia. Efetivamente, um campo pode se conceber como um *mercado*, com produtores e consumidores de bens. Os

produtores, indivíduos dotados de capitais específicos, se enfrentam. A razão dessas lutas é a acumulação da forma de capital que garante a dominação do campo. O capital aparece então, ao mesmo tempo, como meio e como fim. A estrutura do campo, num dado momento da história, mostra a relação de forças entre os agentes. Nesse sentido o campo é um espaço de forças opostas (2003, p. 61).

Ao entender o campo como um espaço de forças opostas, Bourdieu o compara a um *jogo*, no qual os jogadores deixam-se envolver e apenas se opõem em situações em que as suas crenças e valores estão sendo ameaçados. Assim como em um jogo, no campo, os agentes possuem estratégias (trunfos), que podem variar conforme o seu capital econômico, cultural, social e simbólico. É importante salientar que há possibilidade de subversão das regras, e as estratégias utilizadas pelos jogadores são de extrema importância para essa mudança.

Voltar a publicar os livros em uma editora serrana pode ter sido uma estratégia dos escritores em sua rede de relações, visto que na Serra Gaúcha já existiam boas condições de publicação e circulação de seus poemas. Apesar desse retorno a editoras de abrangência menor, observa-se que há considerável fortuna crítica sobre os poemas do Matrícula. Com o passar das décadas, a crítica em relação aos textos publicados pelos poetas aumentou significativamente, como poderá ser constatado a seguir.

Para fins de organização da pesquisa, realizou-se a divisão por seções dos textos críticos encontrados: uma para cada escritor, contendo a fortuna crítica disponibilizada em livros, e outra que trata apenas dos textos sobre o Grupo Matrícula. Aqui, encontra-se uma síntese de toda a fortuna crítica sobre a poesia do Grupo, tanto aquela produzida pelos próprios escritores (rede de relações internas) como aquela elaborada por pesquisadores e críticos que não faziam parte do Grupo (rede de relações externas).

Por uma questão hierárquica, iniciar-se-á a apresentação dos trabalhos encontrados sobre Oscar Bertholdo, sabendo que ele foi o líder do grupo e dedicou-se exclusivamente à produção poética. Diferentemente dele, Pozenato, por exemplo, escreveu ficção, Paviani voltou-se também para o estudo da filosofia, Delmino Gritti, além de escrever poemas, estudou aspectos mais teóricos da produção literária e Ary Nicodemos Trentin dedicou-se também à arte da imagem/fotografia.

3.4.1 Oscar Bertholdo: poeta do vale

Como já era esperado, a bibliografia sobre a poesia de Oscar Bertholdo é vasta, pois o ‘poeta do vale’, como ficou conhecido pela crítica, produziu o maior número de livros de poemas, dentre os cinco escritores em estudo.

Pozenato (1974) faz a análise dos versos de Bertholdo publicados em *As cordas* (1968), *A colheita comum* (1971) e, especialmente, *Poemimprovisos* (1974). O crítico comenta que a escolha temática do poeta tem em vista a presença de elementos que pertencem aos padrões de uma cultura de imigração italiana no Rio Grande do Sul. Na medida em que representaria o modo de ser do homem de sua região, o poeta introduziria seus versos na literatura sul-riograndense e brasileira. O autor ainda prevê os desdobramentos da poesia de Bertholdo, ao afirmar que essas características abrem caminhos importantes para a literatura produzida na Serra. Ainda Pozenato (2011), trinta e sete anos mais tarde, apresenta a estrutura da antologia poética *Lonjuras* (2011) e faz algumas considerações sobre os textos de Bertholdo, publicados postumamente. Ele afirma que os versos do poeta refletem uma luta incessante em conciliar alma e corpo, matéria e espírito, homem e Deus, acreditando que estes pudessem ser convergentes. Além disso, o escritor também revela os bastidores da produção dos poemas, como as alterações sofridas pelos textos, título e subtítulos do livro, que puderam ser observadas nas versões originais, a partir das anotações deixadas por Bertholdo e analisadas por Pozenato.

Paviani (1976), que também pertencia ao Grupo Matrícula, comenta os versos de Bertholdo presentes no livro *Lugar* (1976). Para ele, os poemas conservam um traço mítico em sua expressão e conteúdo, o que garantiria a originalidade e a essencialidade da expressão. Ao tentar compreender *Lugar*, o crítico conclui que a obra ultrapassa os instrumentos de análise, de modo que “ergue-se como um desafio à tentativa de objetivação, pois embora radicado no *homo* ocidental e civilizado, conserva um traço mítico em sua expressão e conteúdo” (1976, p. 21). A poesia de Bertholdo é definida como realidade viva, ambígua, determinada pelo peso do destino do homem. Ao analisar a obra *Bocca Chiusa* (1996), Paviani (1996) acredita que, nela, são retomados os temas dos primeiros livros do poeta, como a forte imagem do vale, mas de forma mais densa que anteriormente. Essa obra surgiu a convite da família de Bertholdo, para que Paviani escolhesse entre os livros inéditos do poeta um para ser publicado e lançado nas comemorações da Semana do Município de Farroupilha/RS. Aqui, também, há a presença de elementos que mostram os bastidores de produção e publicação da obra, como a urgência da escolha do livro e as anotações realizadas por Bertholdo, em seu diário, acerca de sua intenção de publicar os poemas, reunidos numa série de volumes, com títulos já escolhidos. Paviani (2001) propõe a ideia de que a poética de Bertholdo teria duas fontes: a primeira seria um entrecruzamento da liturgia cristã, da poesia latina e da poesia ocidental; e a outra referir-se-ia à vida, aos costumes, às tradições, às

vivências e à paisagem da terra e da cultura do Nordeste sul-riograndense. Para Bertholdo, a poesia não é apenas uma expressão artística, “mas uma forma de vida e até de sobrevivência. A expressão literária importa na medida em que se torna comunicação, contato direto com as pessoas e as coisas.” (PAVIANI, 2001, p. 14). O autor também traz dados extraliterários em sua crítica, como a informação de que a obra *Molho de Chaves* (2001) é o primeiro e único volume de obras completas preparado por Bertholdo.

Além da crítica interna, entre os participantes do grupo, há uma fortuna crítica formada por leitores não pertencentes ao Matrícula. Nejar (1992), ao referir-se a Bertholdo, reforça ser ele o “Poeta do vale” que, através do seu lirismo, trouxe à voz o interior do estado do Rio Grande do Sul com limpidez e profundidade. Considerado um dos marcos da poesia serrana, Bertholdo seria o poeta que melhor soube interpretar o cheiro bom da terra e a vida simples.

Já para Zinani e Santos (2007), a poesia de Bertholdo desvelaria um sentido humanístico e recuperaria a essencialidade do discurso poético, assim construindo uma percepção simbólica diferente daquela já existente. Além disso, para as autoras, *Matrícula* (1967) seria muito significativo, na medida em que qualificou a literatura produzida na Região de Colonização Italiana e colaborou para o devido reconhecimento dos seus escritores.

Pagot, em um artigo de 2007, retoma aspectos abordados em sua dissertação de mestrado de 2004 sobre a poesia de Oscar Bertholdo. A estudiosa destaca a presença da regionalidade e da universalidade na obra do poeta e também ressalta que, através da criação metafórica, o poeta não apenas valorizaria o homem e a sua região, mas atingiria níveis mais altos, percorrendo o sentimento humano de pertença ou não às dores do mundo, ou seja, do universo.

Bordini (2007), por seu turno, analisa a antologia poética intitulada *Com um mínimo de sete e um máximo de vinte poemas*⁴⁴, com a qual Bertholdo participou do I Concurso Nacional de Poesia, promovido pela Prefeitura de Florianópolis/SC, em 1977. A pesquisadora afirma que, através desses poemas, o escritor “transformou a sua produção lírica em uma denúncia sutil do mal-estar da sociedade da década de 1970”. Na análise, fica em evidência que Bertholdo, ao contribuir para a consolidação de um programa literário regional, demonstra “a necessidade de dar identidade às ebulições culturais mergulhadas na opressão ditatorial” (BORDINI, 2007, p. 68).

⁴⁴ Segundo Bordini (2007), tudo indica que seja uma antologia poética inédita, o que foi constatado na pesquisa realizada por Pagot (2004), em sua dissertação de mestrado.

Já Mousquer (2007) acredita que a produção do poeta é marcada pela contenção e pela inadequação existencial, e pelo uso de instrumentos como a recorrência vocabular, o ofício, o labor e o manuseio artístico. Ao finalizar sua discussão, o autor destaca que os versos de Bertholdo estão intensamente relacionados à sua biografia. Segundo o estudioso, o poeta se encaminharia, por meio da poesia, para o espaço da liberdade, mas como reconhecimento do seu isolamento: “Por isso, o empenho do artista no empreendimento de se tornar um artífice de sua existência e o amparo na imaginação e na memória, elementos fundamentais para o ingresso na interioridade e na espiritualidade mais profunda” (MOUSQUER, 2007, p. 96).

3.4.2 José Clemente Pozenato: poeta do interior

Sobre o conjunto da poesia de José Clemente Pozenato, Schüler (2000) afirma que o poeta busca um lugar próprio, através de seus poemas, e o eu-lírico posiciona-se de forma irônica e rebelde, assim resultando em páginas de intenso lirismo. Ao comparar a produção poética de Pozenato com a dos outros escritores de *Matrícula* (1967), o crítico destaca que, entre os signos de Paviani e o vale-mãe de Bertholdo, o escritor rompe “a cadeia com os signos levantada pelo primeiro e substitui o apelo da mãe, pelo corpo da mulher amada” (SCHÜLER, 2000, p. 199).

Cesar (2000) diz serem os versos, de cunho universal, de Pozenato ricos de provincialismo e de fruções oferecidas pelo poeta ao falar de coisas da alma e da lembrança, sem abandonar a dignidade literária. O crítico ainda destaca que a produção do autor constitui uma obra-prima, a qual exprime sua admiração.

Schmidt (2000), de sua parte, acrescenta que a poesia de Pozenato está firmada em um espaço geográfico que tem como pretensão demarcar imagisticamente a região sulina do campo e da serra. Além disso, acredita que o poeta imprime à configuração regional um caráter cósmico com contornos acentuadamente míticos. A autora ainda destaca que os versos do poeta seriam um jogo lúdico e intenção cognitiva, refúgio e resistência, voo introspectivo e compromisso com a aventura cotidiana, através dos quais os sujeitos se constituem como seres históricos e desejosos em perseguir os sonhos de liberdade. O eu-lírico sob a máscara do ironista, que parece pretender alterar o curso da história, “se surpreende com o homem rústico, ocupado em resistir à corrosão do tempo, tecendo os elos entre o Eu e o meio e resgatando, neste fazer, a própria humanidade” (2000, p. 204).

Já Dall’alba (2000), afirma que a poesia em análise não se apresenta como ufanista ou xenófoba, destacando ainda que os poemas apontam para um domínio exemplar da língua

portuguesa, visto que não existiriam nos versos os cacoetes dialetais da colônia, característica muito marcante em outros poetas da região.

Chaves (2007) destaca a importância do ensaio *O regional e o universal na literatura gaúcha* (1974), produzido pelo autor. O crítico ressalta que em um momento no qual a maioria dos estudiosos procurava refúgio no estruturalismo e em outros “ismos”, Pozenato dedicou-se ao resgate da tradição do Rio Grande do Sul, sob uma perspectiva histórica. Conforme Chaves, essas novas abordagens não configuraram apenas uma forma especial de ler, mas também a maneira de escrever e a visão do mundo do poeta.

Por fim, Pavani (2007) analisa a poética sob o ponto de vista da utopia presente na obra de Pozenato. Ela afirma que esta não existe como alienação, pois há a configuração da visão do mundo de uma vida baseada tanto nos elementos imaginários do campo quanto nos elementos novos, em função do surgimento das cidades. O eu-lírico manifesta-se olhando para o passado e o ambiente rural, sem negar o ambiente urbano e o presente. Além disso, a poesia do escritor assumiria um caráter intimista, a partir da contemplação dos diferentes espaços (o rural, o urbano e o litorâneo).

3.4.3 Jayme Paviani: poeta do lugar de memória

Não menos apreciada, a poesia de Jayme Paviani foi motivo para diferentes reflexões. Pozenato (1982) analisa os versos do colega de grupo, desde *Matrícula* (1967) até *O exílio dos dias* (1982) e afirma que, em diversos momentos, a voz do poeta se transforma na voz do coletivo, assim ultrapassando os limites do eu-individual, caracterizando-se como verdadeira poesia lírica. O crítico destaca a configuração dos versos de Paviani nas obras que analisa. Para ele, em *Matrícula* (1967), o escritor começa a definir os seus temas e o seu modo de dizê-los. Já *Uvas da consolação* (1972) pertenceria a um período de transição da poesia de Paviani, pois o modo de dizer, que era contido em *Matrícula*, buscaria aqui um despojamento ainda maior. Em *Onze horas úmidas* (1974), haveria a reflexão sobre a condição humana, na qual as imagens da terra, presentes nos poemas, seriam apenas motivos para o pensamento lírico. Em *Águas de colônia* (1979), o poeta conduziria seu pensamento no sentido de mostrar o ocultamento nas aparências das coisas. Além disso, o crítico observa que os poemas são mais soltos e longos, se comparados às publicações anteriores.

Magalhães (2002), ao fazer uma análise dos poemas presentes em *Águas de colônia* (1979), verifica que a poesia de Paviani procura estabelecer um homem absoluto diante da fragmentação das identidades do momento em que escreve, assim se diferenciando dos

demais poetas de seu tempo. Na simplicidade do léxico das pessoas do campo, ocorreria o estranhamento “quando a nomeação desvela aproximações inusitadas que, por isso, dissolvem planos para revelar a fonte do ser” (MAGALHÃES, 2002, p. 310).

Para Bombassaro (2002), os versos de Paviani são inesperados e compõem a complexidade de um conjunto de elementos, como ritmo, melodia, imagem e metáfora. Ele ainda destaca que seus temas principais seriam a origem, o lugar, a vida, as coisas, o cotidiano, o desejo, a memória, o jogo contínuo entre os opostos entre luz e sombra, entre infinito e finitude. Também surgiria um tema novo, como um acompanhar do tempo do poeta: “a denúncia da indiferença, do banal, do vazio, do nada” (BOMBASSARO, 2002, p. 307).

Hohlfeldt (2002a) faz um levantamento dos princípios teóricos que guiaram o poeta e verifica o seu processo de criação, ou seja, os procedimentos técnicos que fariam os poemas de Paviani obras de arte. A partir da leitura de *Matrícula* (1967) até o livro *Poemas* (1990), o crítico busca comparar os poemas, um a um, verificando as modificações sofridas ao longo do tempo. Para a análise, foram estabelecidas algumas categorias de escrituras dos poemas, como o corte ou acréscimo de palavras, versos, estrofes e poemas, e a modificação de títulos de poemas, pontuação, palavras, versos e estrofes. O estudioso destaca que as alterações seriam mais visíveis nos primeiros livros de Paviani; assim, um mesmo poema em *Uvas da consolação* (1972) e em *Águas de colônia* (1979), comparativamente entre si, teriam maiores mudanças que entre os seus livros posteriores.

Martins (2002) realiza a análise do espaço artístico no conjunto poemático *A casa*, apresentado na obra *Antes da palavra* (1998). A autora organiza a espacialidade do poema através da polaridade casa *versus* corpo, espaço *versus* homem (humano *versus* inumano). Ela destaca, ainda, que “a metáfora *casa* remete para o sema *corpo* = homem = humano, e os objetos espaço-visuais, para o inumano” (MARTINS, 2002, p. 355).

Scotta (2002) verifica nos poemas presentes no livro *Onze horas úmidas* (1974) a estrutura estrófica, métrica, rítmica, rímica e o uso de figuras de linguagem. A partir do estudo do texto, a autora conclui que, na poesia de Paviani, temas comuns como a vida e a morte seriam tratados de forma pessoal, tornando-se temas individuais. A expressão poética seria a transfiguração da expressão sentimental.

Rech (2007) faz um estudo da poesia de Paviani a partir da presença da memória em seus versos. A evocação de um tempo remoto, o sentimento de perda de algo que não volta mais, a recorrência ao passado e o contraponto entre o presente e o passado seriam aspectos que contribuem para a manutenção da memória. Segundo a autora, Paviani, apesar de ser um

poeta contemporâneo, inserido em uma sociedade que a cada dia desenvolve novas formas de resguardar sua memória e marcar o tempo histórico, seria um cantor da memória.

Ramos (2007) propõe a análise dos poemas de estreia de Paviani, tendo em vista a presença do local e do universal. A autora afirma que a reflexão sobre o *eu*, a memória que evoca, principalmente, a infância, a morte e a transformação do homem, estariam associadas à questão do universal. Através da palavra, o poeta construiria uma região que, a cada leitura, seria recriada pelo leitor a partir de suas vivências. Além disso, para Ramos, os poemas analisados sobreviverão no tempo, assim, permanecendo sempre atuais, porque “dilatam nossas vivências, e, se soubermos escutá-los, aprenderemos” (2002, p. 193).

3.4.4 Ary Nicodemos Trentin: poeta do espaço estático

Apesar da dedicação à fotografia, a poesia de Ary Nicodemos Trentin foi muito relevante na opinião da crítica. Pozenato (1976), ao refletir acerca dos poemas integrados à obra *Investiduras* (1976), afirma que esta possuiria um tom épico, em que a luta se faria em todas as direções do humano, especialmente no espírito. O clima disfórico seria mantido do começo até o fim e o tom de agonia traria firmeza maior à voz dos poemas. Destaca ainda que, nos versos, “a morte é mais poderosa que a vida, o silêncio mais forte que a palavra, a solidão mais poderosa e mais forte que o amor” (POZENATO, 1976, p. 10). E, finalmente, o crítico elogia a produção de Trentin, dizendo que não se poderá falar em crise da poesia enquanto houver um poeta como ele.

Ribeiro (1981) afirma que os versos de Trentin acrescentariam um novo conceito de poesia pura. Segundo a autora, no caso do poeta, poesia pura seria um “transbordamento figurativo, como projeção do íntimo, de maneira especial, do que se encontra nas profundezas do ser, que se materializa através de imagens simbólicas de rara beleza” (1981, p. 8). Na sequência, ao comparar a produção de Trentin em *Matrícula* (1967) com a obra *Barcas e arcas* (1981), Ribeiro elucida que a fragmentação do tempo imemorial se unificaria e o que antes era difuso se tornaria claro.

Paviani (1984) analisa os poemas presentes em *Alguma fala e outras tramas* (1984). Ele elogia a originalidade da organização das imagens, a linguagem harmoniosa e o tom, às vezes, lírico ou dramático. Paviani ainda destaca que apresentar a poesia de um colega seria um pouco como apresentar um amigo, porque sempre se diz pouco ou algo de modo incompleto. Porém, isso não teria grande relevância, pois o amigo acabaria apresentando a si mesmo. E, apesar dos sentimentos e pensamentos que nos ocorrem, ao lermos poesia, ela

acaba revelando-se a si mesma, assim como o amigo, pois “a força da linguagem e a marca da autenticidade tendem a se impor além de todas as contingências” (PAVIANI, 1984, p. 13).

Schüler (2002), em fortuna crítica presente na obra *Dentro do espelho* (2002), interpreta, *Barcas e Arcas* (1981), afirmando que as barcas conduziriam para o futuro, enquanto as arcas carregariam o que do passado se salva e o que se recolhe ao longo da vida. O crítico ressalta que o eu-poético se diluiria no anonimato coletivo, confundindo-se com os destinos humanos. Além disso, ele propõe que, a partir do regional, Trentin atingiria o universal.

Trevisan (2002) compreende a poesia do escritor como íntima e dolorosa. Afirma a singularidade do poeta de crescer, aos poucos, na atenção do leitor e “pessoalmente, impressiona-me o combate que o poeta trava para libertar a palavra de sua condição de exílio. Em última análise, o que importa, realmente, em Trentin, é a busca honesta de convívio” (TREVISAN, 2002, p. 207).

Hohlfeldt (2002b) acredita que o lançamento de Trentin foi um dos mais significativos da poesia na Serra Gaúcha, em 1976. Ele ampliaria a ideia de tom coletivo ao constatar que, desde o primeiro poema, o poeta fala por todos. A condição humana seria uma temática marcante nos seus versos e essa condição não seria de felicidade. O crítico, também, menciona presença da temática da emigração, através da visão de mundo apresentada e do mito do trabalho, o qual contribuiria para o entendimento de que a vida não é um simples passar de tempo, mas um contruir-se em meio ao trabalho.

Zilberman (2007) relata brevemente o momento histórico e literário sul-riograndense, desde a publicação de *Matrícula* (1967) até *Barcas e Arcas* (1981). A estudiosa analisa a obra de Trentin sob o viés do compromisso com a sociedade e a atualidade. Ela afirma que, ao deixar lacunas para serem completadas pelo leitor, os poemas atingiriam um nível de transmutação e provocariam uma identificação entre o receptor e o momento histórico em que os versos são lidos. Apesar de, aparentemente, não se referir à sociedade brasileira contemporânea, para a autora, Trentin se vincularia à proposta de João Cabral de Melo Neto, em *O cão sem plumas*. A leitura dos poemas exigiria do leitor a constante atualização da obra e o conhecimento da trajetória da imigração. Finalmente, ela destaca que o poeta criou uma obra que comporia o acervo sul-riograndense e brasileiro, sem deixar de ser original e pessoal.

Ceccagno (2007) analisa os poemas a partir da perspectiva de espaço e tempo. Ele acredita que o poeta reitera suas preocupações identitárias, desde *Matrícula* (1967) até *Alguma fala e outras tramas* (1984). O estudioso afirma que o Trentin constrói um espaço

estático como uma fotografia e um tempo circular, através da memória, o que permitiria o resgate da identidade perdida. Para o crítico, os elementos que configuram a memória do eu-lírico, sobre os quais se estabelecem seus valores identitários, seriam abstratos (o amor, a beleza, a luta e a morte). Eles demonstrariam sua modificação no espaço através dos comportamentos humanos (2007, p. 165). Então, a vivência em sociedade possibilitaria ao poeta o desenvolvimento de sua arte que, neste caso, representaria a debilidade das relações sociais correspondentes aos sentimentos humanos.

3.4.5 Delmino Gritti: poeta do território humano

Acerca da poesia de Delmino Gritti, não foram encontrados artigos e ensaios, durante o processo de elaboração deste trabalho, talvez, porque a sua produção poética foi a menor do Grupo. Após *Matrícula* (1967), tem-se apenas notícia biográfica de que o autor foi premiado em dois concursos de poesia: Concurso Literário da Prefeitura de Caxias do Sul (1967) e Concurso Anual Literário de Caxias do Sul (2004).

3.4.6 O Grupo Matrícula: reunião de poetas na/da Serra Gaúcha

Sobre o Matrícula, enquanto grupo, Arendt (2007) analisa a antologia poética dos cinco escritores a partir da presença de elementos como a natureza, o campo e a cidade. Em Bertholdo, o crítico acredita que a natureza estaria relacionada à questão do fazer poético do artista; já em Pozenato, haveria o questionamento acerca do estar-no-mundo; na poesia de Paviani, a natureza apareceria em relações estabelecidas entre esta e a infância; e, finalmente, em Trentin, a natureza sofreria o processo de personificação. Além disso, através da análise dos poemas, ocorreria a busca pelo sentido da existência humana que, nesse caso, passaria pela reflexão acerca da relação entre o homem e a natureza e entre o mundo rural e o cultural. Arendt conclui que o sentimento telúrico que compõe os poemas de *Matrícula* (1967) demonstra a forte relação entre homem e natureza. Ele ainda ressalta que “quando essa aliança é ameaçada pela força corruptora da cultura e da civilização, instaura-se, na ótica dos poetas, um conflito de difícil resolução” (ARENDR, 2007, p. 46). Os poemas em questão atingiriam dimensões universais, através dos laços indissolúveis entre homem e natureza.

Boniatti (2007) apresenta questões estéticas da produção do Grupo. Ela acredita que Reunião foi um marco na produção poética do Rio Grande do Sul e destaca o diálogo entre a tradição da cultura italiana e a produção literária do Nordeste sul-riograndense, construído por Pozenato. Quanto à poesia de Paviani, ela afirma haver a presença da civilização e da sua

degradação. Sobre Bertholdo, a autora destaca a descrição do vale, a imagem de paz e o mergulho em um mundo paradisíaco. Tudo isso conduziria o pensamento para uma poesia regional que também remeteria ao universal em “momentos de sensibilidade poética” (2007, p. 203). Ao ressaltar a importância da publicação de *Matrícula dois* (1998), que reúne os escritores do Grupo e também novos poetas, ela reconhece a riqueza da poesia produzida na Serra Gaúcha, tanto em seu conjunto quanto em sua individualidade.

Dall’Alba (2007) faz uma breve contextualização histórica do momento em que *Matrícula* (1967) foi publicado. Para o autor, o surgimento do Grupo deu voz a uma cultura, até então silenciada, seja pelas dificuldades de se estabelecerem parâmetros para uma cultura expulsa da Itália, seja pelo isolamento geográfico ao qual os colonos estavam submetidos. Conforme o crítico, “a publicação era já um pequeno grito, em um momento difícil da cena brasileira, que apontava para a luta por um espaço para a literatura em um lugar inóspito para a poesia” (2007, p. 206). Após, o crítico analisa alguns versos de cada escritor da antologia e conclui que nenhum dos poetas escreveu apenas poesia local. Segundo ele, cada escritor, com suas particularidades, atingiria o universal a partir dos temas escolhidos, o que romperia com os parâmetros literários anteriores existentes no Nordeste da Serra Gaúcha.

Bergozza (1990), em dissertação de mestrado, analisa a poesia de Jayme Paviani e Oscar Bertholdo tendo como fio condutor a perspectiva do mito poético e suas relações entre as obras de ambos. A estudiosa afirma que os dois escritores, em seus poemas, travariam uma batalha contra a descrença geral que a civilização gerou sobre a sociedade. Ela acredita que o lema da civilização seria descrever, esquecer e destruir. Porém, os poetas em questão lutariam para que a essência do homem não se perdesse jamais. Segundo a autora, “é para um mundo conturbado e pobre de ideais que os poetas aqui analisados liberam imagens que expandem o universo” (BERGOZZA, 1990, p. 106).

Ainda, no banco de teses e dissertações da Capes, encontra-se a dissertação de Pagot (2004), na qual a autora aborda aspectos literários e culturais, na antologia *Molho de chaves* (2001), de Oscar Bertholdo, e objetiva colocar em diálogo a poética do autor com o contexto cultural. Ela destaca que a construção metafórica dos poemas (o vale, a colheita, a aldeia) demonstraria a subjetividade do poeta frente ao mundo literário e cultural. Ela também afirma que, a partir do regional, os versos de Bertholdo atingiriam o universal.

Ainda em pesquisa ao banco de dados da Capes, destaca-se a tese de Mousquer (2004). Nesse estudo, investigaram-se os aspectos comuns na produção poética dos escritores de *Matrícula* (1967). O autor ressalta que, a partir de sua investigação e das informações

recolhidas da crítica, ficaria confirmada a premissa da ausência de correspondências entre os escritores do Grupo, “salvo aquelas advindas da realidade empírica e da coincidência na temporalidade histórica” (MOUSQUER, 2004, p. 208). Assim, não haveria vínculo ou unidade entre os poetas e seus versos, de modo que o que os uniria seriam as diferenças estéticas e temáticas.

Em toda a fortuna crítica pesquisada, percebe-se que poucas análises são realizadas pelos escritores de *Matrícula* (1967). Observa-se que, com o passar dos anos, o número de textos de cunho crítico produzido por estudiosos que não integram o Grupo torna-se significativo. A seguir, encontram-se tabelas que elucidam os textos críticos, incluídos nos livros de poemas já citados produzidos sobre o Grupo.

Tabela 7 – Autores e fortuna crítica I⁴⁵.

Autor	Livro	Ano de publicação	Autores dos textos críticos
Oscar Bertholdo	<i>Poemimprovisos</i>	1974	José Clemente Pozenato
	<i>Molho de Chaves</i>	2001	Jayme Paviani
	<i>O fazedor de lonjuras</i>	2011	José Clemente Pozenato
Jayme Paviani	<i>O exílio dos dias</i>	1982	José Clemente Pozenato
	<i>As palavras e os dias</i>	2002	José Clemente Pozenato e outros.
	<i>Alguma fala e outras tramas</i>	1984	Jayme Paviani
Ary Nicodemos Trentin	<i>Dentro do Espelho</i>	2002	José Clemente Pozenato, Jayme Paviani e outros.

⁴⁵ Material organizado pela autora.

Tabela 8 – Autores e fortuna crítica II⁴⁶.

Autor	Livro	Ano de publicação	Autores dos textos críticos
Oscar Bertholdo	<i>Amadas raízes</i>	1992	Carlos Nejar
Jayme Paviani	<i>As palavras e os dias</i>	2002	Luiz Carlos Bombassaro Lígia Cademartori Magalhães AntonioHohlfeldt Dileta Silveira Martins Magda Elisabete Scotta
José Clemente Pozenato	<i>Mapa de Viagem</i>	2000	Donaldo Schüller Rita Terezinha Schmidt Guilhermino Cesar Eduardo Dall'Alba
Ary Nicodemos Trentin	<i>Barcas e Arcas</i>	1981	Cleudes Maria Piazza Ribeiro.
	<i>Dentro do Espelho</i>	2002	Donaldo Schüller Armino Trevisan AntonioHohlfeldt Cleudes Maria Piazza Ribeiro Bruna Cinti

Tabela 9 – Estudos que acompanham a edição fac-similar comemorativa dos quarenta anos de *Matrícula*⁴⁷.

Livro	Ano de publicação	Autores dos textos críticos
<i>Matrícula</i>	2007	Cecil Jeanine Albert Zinani
		Saete Rosa Pezzi dos Santos
		João Cláudio Arendt
		Suzana Pagot
		Maria da Glória Bordini
		Antônio Carlos Mousquer
		Flávio Loureiro Chaves
		Cinara Ferreira Pavani
		Regina Zilberman
		Douglas Ceccagno
		Alessandra Rech
		Flávia Brochetto Ramos
		Ilva Maria Boniatti
Eduardo Dall'Alba		

Apesar do pequeno número de textos de cunho crítico produzido pelos escritores do Grupo, essa característica é de grande relevância para a rede de relações internas do *Matrícula*. Se existe crítica, há reflexão acerca daquilo que está sendo produzido, fato importante para a constituição do sistema literário regional. No capítulo 2, foi possível observar que houve um aumento considerável, na década de 1970, de reportagens que

⁴⁶ Material organizado pela autora.

⁴⁷ Material organizado pela autora.

tratavam da produção literária serrana, assim como de notícias informando que estudos nessa área estavam sendo desenvolvidos, especialmente, pela Universidade de Caxias do Sul. Já em relação ao *Matrícula*, os próprios escritores realizaram análises sobre os poemas dos colegas de Grupo, dessa forma, incentivando a produção crítica serrana e a reflexão acerca do que estava surgindo no âmbito da literatura no Nordeste Sul-riograndense.

Destaca-se que, a partir dos anos 2000, os textos críticos aumentaram em número e em variedade de autoria. Ressaltam-se Donaldo Schüller e Guilhermino Cesar, da crítica gaúcha, que elaboraram reflexões para os poemas de Ary Nicodemos Trentin e José Clemente Pozenato. Já Oscar Bertholdo recebe o parecer de um membro da Academia Brasileira de Letras, Carlos Nejar, que não poupa elogios para os poemas do autor. Entre os principais trabalhos já citados, está a publicação do volume fac-similar⁴⁸ da antologia *Matrícula*, que vem acompanhada de um volume de crítica literária, além de entrevistas, dados biográficos e poemas inéditos.

Segundo Candido, o papel do crítico é o de expressar as suas impressões a partir da leitura realizada, dessa forma, deixando fluir a sua intuição e, ao final, apontando o valor do texto literário a ser absorvido pelos leitores. Ele ainda ressalta que “o crítico é feito pelo esforço de compreender, para interpretar e explicar; mas aquelas etapas se integram no seu roteiro, que pressupõe, quando completo, um elemento perceptivo inicial, um elemento intelectual médio, um elemento voluntário final” (CANDIDO, 2009, p. 33). Esses três elementos podem ser descritos através dos verbos perceber, compreender e julgar, como demonstra o autor. Então, é dado ao crítico o papel de conduzir a leitura ou ser uma possibilidade de interpretação do texto literário ao receptor.

Para Candido, existem alguns elementos que devem contribuir para a análise de um texto literário, auxiliando o crítico a não ser reducionista. O primeiro nível de compreensão de uma obra é a análise dos fatores externos (vinculam o texto ao tempo); o segundo nível de compreensão é o fator individual (caracteriza-se pela presença do escritor na obra literária); e, por fim, a análise do texto (contém os elementos anteriores e outros, específicos, que transcendem e não se deixam reduzir a eles). Conforme o autor, se o crítico não fizer uso desses três níveis de análise, ele poderá exercer qualquer função, menos a de crítico literário:

A sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz. No limite, o elemento decisivo é o que permite compreendê-la e apreciá-la, mesmo que não soubéssemos onde, quando, por quem foi escrita. Esta autonomia depende, antes de tudo, da eloquência do sentimento, penetração analítica, força de observação, disposição das

⁴⁸CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.) *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.

palavras, seleção e invenção das imagens; do jogo de elementos expressivos, cuja síntese constitui a sua fisionomia, deixando longe os pontos de partida não literários (2009, p. 35).

O escritor escreverá conforme o mundo social no qual está inserido; no entanto, ao passar as suas impressões e conhecimentos para o papel, esses sofrem uma interiorização e, dessa forma, não podem ser visualizados como uma cópia do real, mas como verossimilhanças à realidade. O crítico tem o papel de mediar para o leitor o texto literário, através da análise da obra, o que deve ser feito de forma muito criteriosa para que aquele não se torne psicólogo, biólogo, sociólogo etc. E, finalmente, é preciso que se perceba que a obra, antes de social ou mero documento da realidade, é arte, e a arte é a experiência da imaginação.

A partir da leitura da fortuna crítica do Grupo, elaborada neste capítulo, nota-se que, em sua maioria, as análises são realizadas com o intuito de compreender, interpretar e explicar os textos literários. Ao produzirem análises críticas sobre seus colegas, os escritores de *Matrícula* (1967), além de promoverem a produção crítica serrana, dão pistas aos leitores sobre como seus versos devem ser lidos. Porém, o mais importante de tudo isso é que seus poemas estariam ganhando visibilidade na Serra Gaúcha, enquanto houvesse leitura crítica sobre eles.

A fortuna do Grupo é composta, em grande parte, por autores que estão na Serra Gaúcha e em Porto Alegre. Então, constata-se que, no âmbito da crítica, o sistema literário regional não ficou com sua rede de relações limitada apenas à região física do Nordeste Sul-riograndense, mas sofreu um certo transbordo ao ampliar-se até a cidade de Porto Alegre/RS.

Conclui-se que a contribuição do Grupo Matrícula para a consolidação de um sistema literário na Serra Gaúcha iniciou através da rede de relações internas, na qual eles se articulavam enquanto poetas, críticos e editores. Ao mesmo tempo, as correlações do Grupo ganharam força e criaram uma rede de relações externas, que se estendeu à Serra Gaúcha e Porto Alegre, através das editoras de publicação, da participação em concursos literários e da fortuna crítica.

Entretanto, observa-se a concentração desses escritores em editoras da Serra Gaúcha, o que pode ser um sinal do rompimento ou do enfraquecimento de algumas relações do Grupo estabelecidas no passado com outros sistemas literários. Já no âmbito da crítica, observa-se significativa produção externa ao sistema literário serrano, de modo que se pode concluir que algumas relações dessa rede (externa) ainda perduram.

1
Muro,
vento,
a menina,
o mundo em gênese.
Onde semear o silêncio?
Regresso apressadamente
ao território humano.

2
Pousa em mim uma viagem.
Sou o próprio caminho.
Aceito tôdas faces
e continuo a cantar.

(DELMINO GRITTI, *Paisagem*. 1967)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como tema central a contribuição do Grupo Matrícula para a consolidação de um sistema literário regional na Serra Gaúcha. Inicialmente, acreditava-se que os cinco escritores haviam tido um papel pioneiro para a criação desse sistema literário, porém, através das pesquisas em jornais, constatou-se que, anteriormente ao Grupo, já existia um bom número de intelectuais envolvidos com a produção e a recepção literária serrana.

A publicação da antologia poética (*Matrícula – 1967*), então, insere-se em uma paisagem literária que está em fase de constituição. E, por ser considerada uma poesia inovadora, longe dos parâmetros parnasianos e simbolistas que, ainda norteavam alguns autores da época, o Grupo atrai o olhar dos críticos literários do Estado e de fora dele, de modo que a produção literária na Serra Gaúcha ganhou novos horizontes, além dos regionais.

Com uma proposta de análise a partir da sociologia da literatura, este trabalho não se concentrou no estudo de questões temáticas e estéticas do texto literário. Os elementos investigativos da pesquisa são externos à obra literária. Apesar de se voltar para elementos socioculturais que compõem a vida literária em uma região, não significa que uma abordagem que tenha como base teórica a sociologia da literatura não possa também contemplar elementos internos à obra.

Stüben (2013) destaca que tanto os elementos internos de um texto quanto os externos a ele, quando analisados em conjunto, possibilitam ao pesquisador perceber a consolidação/formação de uma paisagem literária regional ainda com mais clareza, do que se apenas fossem levados em conta aspectos externos ao texto. O trabalho em questão não contemplou os elementos internos da poesia do Grupo Matrícula, o que poderá ser desenvolvido posteriormente, tendo em vista os avanços já realizados.

Nas discussões teóricas do primeiro capítulo, teve-se o objetivo de superar o reducionismo geográfico ao qual o regional, muitas vezes, está diretamente associado. A partir da reflexão sobre a região, entendida como um constructo cultural, e da literatura regional, percebida sob o viés das regionalidades, pretendeu-se mostrar que as discussões acerca da região não se resumem apenas a problemas de território. Mais que isso, a região é

um conjunto de elementos culturais que formam uma rede de relações entre si, através das práticas de regionalidade.

O primeiro capítulo também recaiu sobre as questões do método escolhido para o desenvolvimento da pesquisa. Partiu-se do elemento mais amplo, o sistema literário, para se chegar ao sistema literário regional, tema central, já previsto inicialmente. Nessa etapa, ficou explícita a intenção de pesquisa e a maneira como ela foi realizada, através da busca de informações em periódicos que apresentassem informações relevantes para a verificação da paisagem literária serrana, além da busca de dados em obras que contemplassem tanto a poesia dos cinco escritores, quanto a fortuna crítica do Grupo.

No capítulo seguinte, o método foi colocado em prática para a coleta das informações encontradas e, principalmente, para a análise delas. Os dados foram apresentados para caracterizar a paisagem literária, entre 1950 e 1969, e para observar a sua consolidação, entre 1970 e 1980. Esse foi o momento da pesquisa em que apareceram as notícias sobre lançamentos de concursos literários e divulgação de seus resultados, publicação de livros, feiras do livro, saraus literários, clubes de leitura, o surgimento da Academia Caxiense de Letras, entre outros. Todas essas informações contribuíram verificar a paisagem literária da Serra Gaúcha, antes, durante e depois da publicação da antologia *Matrícula* (1967).

E, finalmente, no terceiro capítulo, a análise incidiu no Grupo Matrícula, com o objetivo de refletir acerca de suas contribuições para a consolidação do sistema literário regional na Serra Gaúcha. Questões como difusão e prestígio permearam todo o processo de produção desta dissertação, visto que a literatura regional, percebida como um sistema de determinações próprias, não poderia se afastar desses elementos considerados básicos para tal abordagem. À vista disso, abriu-se uma seção no capítulo para sondar com mais profundidade ambos os tópicos.

Tratar de obras e escritores em uma pesquisa que baseia suas análises nos estudos de sistema literário não é hoje tão comum, e são ainda menos frequentes aquelas que se concentram no âmbito regional. Entretanto, tal abordagem não exclui as demais (análises internas ao texto literário), sendo apenas uma possibilidade de averiguar o fenômeno literário através de seus contextos de produção e recepção.

As também conhecidas teorias sistêmicas da literatura, utilizadas nesta pesquisa, foram muito importantes para alcançar os resultados. Conforme Berumen (2005), tais teorias interessam pelas seguintes razões: rejeitam o domínio dos textos em todos os tipos de estudos literários; entendem a literatura como um sistema sociocultural e um fenômeno de caráter

comunicativo; consideram a literatura como um sistema inserido em um conjunto mais amplo de sistemas; definem o sistema literário como um complexo de atividades; admitem a literatura como uma prática cultural e, principalmente, porque consentem a literatura também como uma prática social e histórica em todas as suas instâncias (de produção, de mediação, de recepção e de transformação).

Apesar da descentralização do texto, ele é indispensável, para a composição do sistema. Há outros elementos que precisam ser levados em conta, além do produto, conforme Even-Zohar (1990): os produtores (poetas, romancistas, tradutores), as instituições (editoras, universidades, críticos), os mercados (livrarias, distribuidoras, bibliotecas), os consumidores (leitores) e os repertórios em comum (língua).

Ressalta-se, ainda, a importância de se estudarem os sistemas literários regionais, de modo que, por serem menores que um sistema estadual ou nacional, por exemplo, poderão ser contemplados nessas pesquisas escritores que jamais apareceriam em uma história da literatura nacional e/ou estadual. Tendo em vista a menor abrangência de um sistema literário regional, autores e suas obras que não receberam destaque em âmbitos maiores por questões de qualidade estética, notoriedade e, inclusive, territoriais, acabarão aparecendo e até recebendo o valor que, até então, não lhes havia sido atribuído.

A partir do momento em que começam a aparecer escritores e obras, revela-se também ao pesquisador a paisagem literária que está por detrás desses dois componentes (autores e textos) integrados ao sistema. Dessa forma, diante da grande quantidade de elementos que se articulam entre si, para se analisar uma paisagem literária em determinado tempo e espaço, é preciso verificar de que forma eles agem uns sobre os outros, formando, assim, o sistema literário regional.

Na pesquisa em questão, teve-se como ponto de partida a antologia poética do Grupo Matrícula, publicada em 1967, e, com base nesse acontecimento, deu-se início à investigação. Além do Grupo, a fundação da Universidade de Caxias do Sul e a criação do I Concurso Anual de Contos, Crônicas e Poesias, no mesmo ano, foram consideradas de grande relevância – fenômenos literários, conforme Even-Zohar (1990) – para a realização do recorte que resultou na constatação da vida literária serrana que se consolidou com o passar do tempo e no espaço.

Portanto, foi necessário estabelecer um período relativamente longo de trinta anos, entre 1950 e 1980, para visualizar a conformação de uma paisagem literária no Nordeste Sul-riograndense e a consolidação de um sistema literário regional, a partir das práticas regionais.

As práticas literárias são as ações dos indivíduos para promover a difusão e o prestígio da literatura na/da região. Isso pode ocorrer através da articulação e/ou do desligamento dos elementos, anteriormente citados, que compõem determinado sistema.

Distante de encerrar as discussões teóricas, chega-se à etapa final, ainda com muitas ideias que poderiam ser trabalhadas a partir da sociologia da literatura. Entretanto, tendo em vista os objetivos propostos e a insuficiência de tempo, não foi possível tratar de algumas abordagens que parecem ser relevantes para estudos futuros. Dentre elas, destaca-se a criação de uma história da literatura da Serra Gaúcha, que pudesse contemplar o maior número possível de escritores, tanto os já prestigiados quanto aqueles ainda não conhecidos. Obviamente, a catalogação desses escritores seria apenas uma etapa do trabalho, porque se acredita que seria muito importante para as histórias da literatura regional a contextualização dos diferentes momentos históricos e culturais, além, é claro, de fomentar reflexões acerca da difusão e do prestígio dessas obras e de seus autores.

Valdés, ao discorrer sobre os seus diálogos com Polar acerca da literatura latino-americana, na apresentação do livro *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas* (2000), destaca que, diante da nova proposta teórica – a compreensão da literatura como um sistema que contribui para a criação de histórias da literatura –, pode-se inferir que a literatura na América Latina

Está formada por vários sistemas literários que são parte da heterogeneidade étnico-social da América Latina, mas estes sistemas não são independentes: produzidos dentro de um processo histórico comum, relacionam-se entre si mediante vínculos de contradição que essa mesma história explica, e constituem, como conjunto, uma totalidade igualmente contraditória. É atributo do pensamento crítico determinar o nível de abstração que empregará para fixar os limites dessa totalidade, que podem ser os de uma nação, de uma região ou da América Latina íntegra; estabelecendo em cada caso a rede de contradições concretas que definem esse objeto e o modo como se transformam historicamente (POLAR, 2000, p. 11)⁴⁹.

Segundo Polar, a literatura é um sistema constituído por vários subsistemas que emanam através de relações contraditórias. Arendt (2012) acredita que, além das divergências, o acordo sobre os mesmos padrões também ocasiona o surgimento de novos subsistemas literários que poderão contribuir para a composição de determinada história literária regional.

A partir da pesquisa desenvolvida que revelou a paisagem literária da Serra Gaúcha, entre 1950 e 1980, ainda seria de suma importância um trabalho que se detivesse na leitura da paisagem literária da Serra, tendo em vista as décadas não contempladas nesta dissertação até

⁴⁹ Valdés é quem faz essa afirmação em nota de apresentação no livro de Polar (2000).

os dias atuais. Assim, seria possível observar como os elementos do sistema literário se articulam ao longo das décadas e quais as consequências disso na paisagem literária do Nordeste Sul-riograndense. Outro trabalho interessante poderia ser desenvolvido através de entrevistas com os escritores que residem na Serra Gaúcha e possuem livros ficcionais publicados, para, assim, também se verificar a vida literária serrana a partir da noção de sistema.

REFERÊNCIAS

Referências sobre o Grupo Matrícula

ARENDDT, João Claudio. Natureza, campo e cidade. In: CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 31-46.

BERGOZZA, Maria Angélica. *Água e fogo: uma análise da poesia de Jayme Paviani e Oscar Bertholdo*. Porto Alegre, RS, 1990. 113 f.: Dissertação (Mestrado em Literaturas da Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1990.

BERTHOLDO, Oscar. POZENATO, José Clemente. PAVIANI, Jayme. TRENTIN, Ary Nicodemos. et al. *Matrícula dois*. Caxias do Sul: Maneco, 1998.

BOMBASSARO, Luis Carlos. Antes da palavra... e um profundo silêncio. In: PAVIANI, Jayme. *As palavras e os dias*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 307-312.

BONIATTI, Ilva Maria. 40 anos de criação poética. In: CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 195-204.

BORDINI, Maria da Glória. A dimensão engajada da lírica de Oscar Bertholdo. In: CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 67-78.

CECCAGNO, Douglas. Tempo, Espaço e Espelho. In: CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 147-166.

CESAR, Guilhermino. Poesia de Qualidade. In: POZENATO, José Clemente. *Mapa de Viagem*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000. p. 191-195.

CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.

_____. Matrícula na obra de José Clemente Pozenato. . In: CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007a. p. 99-111.

DALL'ALBA, Eduardo. A poesia de José Clemente Pozenato. In: POZENATO, José Clemente. *Mapa de Viagem*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000. p. 205-208.

_____. As poéticas e a poesis do Matrícula. In: CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 205-229.

HOHLFELDT. Procedimentos técnicos que fazem da poesia de Jayme Paviani uma obra de arte. In: PAVIANI, Jayme. *As palavras e os dias*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002a. p. 327-344.

_____. A canção na Investidura. In: TRENTIN, Ary Nicodemos. *Dentro do espelho*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002b. p. 209-212.

MARTINS, Dileta Silveira. O espaço artístico na poesia de Jayme Paviani. In: PAVIANI, Jayme. *As palavras e os dias*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 345-356.

MAGALHÃES, Lígia Candemartori. Águas de colônia: a nostalgia da completude. In: PAVIANI, Jayme. *As palavras e os dias*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 309-312.

MOUSQUER, Antônio Carlos. *Matrícula: um grupo in (suspeito)*. Porto Alegre, RS 2004. 239 f.: Teses (Doutorado em Teoria Literária) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

_____. Oscar Bertholdo: poesia e existência. In: CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 79-97.

NEJAR, Carlos. O poeta-amigo Oscar Bertholdo. In: BERTHOLDO, Oscar. *Amadas Raízes*. Porto Alegre: Alcance, 1992. p. 9-10.

PAGOT, Suzana Maria Lain. *Sobre a poesia de Oscar Bertholdo*. Caxias do Sul, RS, 2004. 106 f.: Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) - Universidade de Caxias do Sul, 2004.

_____. Oscar Bertholdo transpõe a aldeia. In: CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 47-62.

PAVANI, Cinara Ferreira. A utopia na poética de José Clemente Pozenato. In: CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 113-128.

PAVIANI, Jayme. Duas palavras sobre a poética de Oscar Bertholdo. In: BERTHOLDO, Oscar. *Lugar*. Goiânia: Civilização Brasileira, 1976. p. 17-21.

_____. As palavras constroem a realidade. In: TRENTIN, Ary Nicodemos. *Alguma fala e outras tramas*. Caxias do Sul: EDUCS, 1984. p. 9-13.

_____. Nota editorial. In: BERTHOLDO, Oscar. *Bocca Chiusa*. Caxias do Sul: EDUCS, 1996. p. s/n.

_____. Poesia e existência na obra de Oscar Bertholdo. In: BERTHOLDO, Oscar. *Molho de Chaves*. Caxias do Sul: EDUCS, 2001. p. 11-16.

POZENATO, José Clemente. A claridade rompida. In: BERTHOLDO, Oscar. *Poemimprovisos*. Porto Alegre: Movimento, 1974. p. 11-20.

_____. Um imaginoso carpinteiro. In: TRENTIN, Ary Nicodemos. *Investiduras*. Porto Alegre: Movimento, 1976. p. 9-11.

_____. O silêncio e a fala das coisas. In: PAVIANI, Jayme. *O exílio dos dias*. Caxias do Sul: EDUCS, 1982. p. 9-19.

_____. Lonjuras. In: BERTHOLDO, Oscar. *O fazedor de lonjuras*. Caxias do Sul: EDUCS, 2011. p. 9-12.

RAMOS, Flávia Brochetto. Quem sou eu? Entre o local e o universal. In: CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 181-194.

RECH, Alessandra. Era uma vez um homem de óculos: a memória na poesia de Jayme Paviani. In: CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 167-180.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. Barcas e arcas para um novo Ulisses. In: TRENTIN, Ary Nicodemos. *Barcas e Arcas*. Caxias do Sul: EDUCS, 1981. p. 7-15.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repetição e diferença: a sutura da história. In: POZENATO, José Clemente. *Mapa de Viagem*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000. p. 201-204.

SCHÜLER, Donaldo. A poesia no Rio Grande do Sul. In: POZENATO, José Clemente. *Mapa de Viagem*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000. p. 196-200.

_____. A força heróica da poesia de Ary Nicodemos Trentin. In: TRENTIN, Ary Nicodemos. *Dentro do espelho*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 199-201.

SCOTTA, Magda Elisabe. A expressão poética na obra “Onze horas úmidas”. In: PAVIANI, Jayme. *As palavras e os dias*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 357-381.

TREVISAN, Armindo. Investiduras. In: TRENTIN, Ary Nicodemos. *Dentro do espelho*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 207.

ZILBERMAN, Regina. Metonímia e pós-modernidade: Barcas e arcas, de Ary Nicodemos Trentin. In: CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 129-146.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. A poesia Inaugural. In: CHAVES, Flávio Loureiro. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. (Org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 11-29.

Referências de aporte teórico

ARENDDT, João Claudio. Contribuições alemãs para o estudo das literaturas regionais. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, n. 17, p. 217-238, jul. 2011.

_____. Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais. *Revista Rua*, Campinas, n. 18, p. 82-98, nov. 2012.

BARCIA, Pedro Luis. Hacia um concepto de a literatura regional. In: RIVERO, Gloria Videla de. CASTELLINO, Marta Elena (Org.). *Literatura de las regiones argentinas*. Mendoza: Ed. da Universidad Nacional de Cuyo, 2004. p. 25-45.

BERUMEN, Humberto Félix. *La frontera en el centro*. Ensayos sobre literatura. Baja California: Universidad Autónoma de Baja California, 2005. p. 39-75.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 37. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

BRUSTULIN, Aline. ARENDT, João Claudio. “Eu nunca pensei em um público regional.” (Entrevista com o escritor José Clemente Pozenato). *Litteris*, nº12, setembro 2013, p. 315-331.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2000.

_____. *Formação da literatura brasileira*. 12. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2009.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura no Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

COSTA, Maurício Alves da. *Teoria do Polissistema: do folhetim ao blog, o polissistema literário brasileiro sob a interferência da internet*. Porto Alegre, RS, 2007. 184f.: Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

COUTINHO, Afrânio. *Antologia brasileira de literatura*. Rio de Janeiro: Distribuidora de Livros Escolares, 1967.

EVEN-ZOHAR, Itamar. The Literary System. In.: _____. *Poetics Today* (International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication). 11:1, p. 27-44, 1990.

HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas, *Antares (Letras e Humanidades)*, nº3, jan/jul 2010, Caxias do Sul, p. 2-24.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

JOACHIMSTHALER, Jürgen. A literarização da região e a regionalização da literatura. *Antares (Letras e Humanidades)*, Caxias do Sul, n. 2, p. 27-60, jul/dez 2009.

KARAM, Tanius. La comunicación literaria. Notas para un debate teórico. *Espéculo* (Revista de estudos literários), Madrid, nº 31, 2005. s/n.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989.

MURARI, Luciana. Um plano superior de pátria: o nacional e o regional na literatura brasileira da República Velha. *Tessituras, interações e convergências*. XI Congresso Internacional ABRALIC. São Paulo, 2008.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Orgs. Mario J. Valdés. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In.: ____ *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003. p. 149-157.

SANTOS, Rafael José dos. Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. *Antares*, Caxias do Sul, n. 3, p. 2-24, jan/jun 2009.

SCHMIDT, Siegfried J. "Systems Theory: A Vehicle to Cross Borderlines?" Concepts of Literary Theory, East and West. Ed. Han-liang Chang. Taipei: Bookman Books, 1993.

SCHÜLER, Donaldo. *Poesia modernista no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimento, 1982.

____. *Poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

STÜBEN, Jens. Literatura regional e literatura na região. In.: ARENDT, João Claudio. NEUMANN, Gerson Roberto. *Regionalismus (Regionalismos)*. Caxias do Sul: EDUCS, 2013, p. 37-73.

VILAR, Socorro de Fátima Pacífico. *Velhos objetos, novas abordagens: o jornal como fonte para a história da literatura*. Porto Alegre, RS. Projeto de pós-doutoramento. – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

Referências dos jornais

ACADEMIA caxiense de letras. *Pioneiro*. Caxias do Sul. p. 13, 25 de nov. 1967. (Autoria desconhecida)

ARTES. *Pioneiro*. Caxias do Sul. p. 25, 15 de maio, 1976. (Autoria desconhecida)

BRASIL também tem fome de livros. *Jornal de Caxias* (ed. especial). Caxias do Sul. p. 14, fev. 1975. (Autoria desconhecida)

CAPELARI, Diversino. Poesia e cinco poetas. *Pioneiro*. Caxias do Sul. p. 11, 22 de jul. 1967.

- CASSINI, Marta Maria. Enigmáticas ilusões. *Jornal de Caxias*. Caxias do Sul. s/p., jan. 1967.
- CAXIAS tem nova editora. *Pioneiro*. Caxias do Sul. p. 11, 20 de ago. 1966. (Autoria desconhecida)
- CHENIER, Carlos. Para minha morte. *Caxias magazine*. Caxias do Sul, p. 7, set. 1958.
- CLUBE caxiense de leitura. *Caxias magazine*. Caxias do Sul. p. 13, 14 de out. 1967. (Autoria desconhecida)
- CONSTANTINO. Poesia. *Nosso mundo*. Caxias do Sul. p. 5, jun. 1968.
- CRIAÇÃO literária calouro 76. *Jornal de Caxias*. Caxias do Sul. s/p., jan. 1977. (Autoria desconhecida)
- DESTAQUES da semana. *Caxias magazine*. Caxias do Sul. p. 13, 7 de maio, 1966. (Autoria desconhecida)
- EILERT, Roberto Cardoso. Estante. *Caxias magazine*. Caxias do Sul. p. 7, 3 de dez. 1960.
- ELABORADO o regulamento de concurso literário anual. *Pioneiro*. Caxias do Sul. s/p., maio, 1967.
- ESTANTE. *Caxias magazine*. Caxias do Sul. p. 9, 13 de ago. 1960. (Autoria desconhecida)
- ESTANTE. *Caxias magazine*. Caxias do Sul. p. s/n, mai. 1967. (Autoria desconhecida)
- FEIRA, do livro. *Caxias magazine*. Caxias do Sul. p. 11, dez. 1958. (Autoria desconhecida)
- FILHO, Mansueto Serafini. *Caxias magazine*. Caxias do Sul. p. 3, 13 de ago. 1960.
- JOTAQUÊ. Umas & outras. *Caxias magazine*. Caxias do Sul. p. 5, 27 de maio, 1967.
- LARANJEIRA. Crônica da cidade. *Pioneiro*. Caxias do Sul. p. 13, 29 de maio, 1971.
- LITERATURA brasileira. *Pioneiro*. Caxias do Sul. p. 13, 13 de fev. 1971. (Autoria desconhecida)
- LIVRARIA Rossi. *Caxias magazine*. Caxias do Sul. s/p., 24 de dez. 1966. (Anúncio publicitário)
- LIVRO. *Caxias magazine*. Caxias do Sul. s/p., 24 de jun. 1967. (Autoria desconhecida)
- MATRÍCULA. *Pioneiro*. Caxias do Sul. p. 10, 17 de jun. 1967.
- MEIRELES, Cecília. O motivo da rosa. *Pioneiro*. Caxias do Sul. s/p., jul. 1976.
- NOTAS e notícias. *Caxias magazine*. Caxias do Sul. p. 12, dez. 1958. (Autoria desconhecida)

- ____. *Caxias magazine*. Caxias do Sul. p. 7, out. 1958. (Autoria desconhecida)
- NOTÍCIAS. *Caxias magazine*. Caxias do Sul, p. 7, set. 1958. (Autoria desconhecida)
- ____. *Caxias Magazine*. Caxias do Sul. p. 7, set. 1958. (Autoria desconhecida)
- OLIVEIRA, Moacyr Mendes de. Contraste. *Caxias magazine*. Caxias do Sul, p. 7, set. 1958.
- ÓRFÃOS abandonados. *O tempo*. Nova Petrópolis. p. 2, fev. 1964. (Autoria desconhecida)
- OS poemas de Angelo Giusti. *Correio Rio Grandense*. Caxias do Sul. p. 7, 11 de fev. 1976.
- PANTE, Helena. Além do infinito. *Pioneiro*. Caxias do Sul. p. 43, 14 de ago. 1976.
- PINTO, Cyro de Lavra. Che Guevara. *Pioneiro*. Caxias do Sul. p. 7, 13 de ago. 1966.
- QUATRO faculdades funcionarão em Caxias. *Caxias magazine*. Caxias do Sul. s/p., dez. 1959. (Autoria desconhecida)
- SILVA, Elsa Hofstaetter. À Nova Petrópolis. *O tempo*. Nova Petrópolis. p. 9, jul. 1961.
- SKREBSKY, Lisete. João. *Nosso mundo*. Caxias do Sul. p. 5, jun. 1968.
- SOUZA, Telmo. Chimarrão. *Caxias magazine*. Caxias do Sul, p. 8, jul. 1959.
- TARDE demais. *O tempo*. Nova Petrópolis. p. 2, fev. 1964. (Autoria desconhecida)
- UM encontro literário este sábado na universidade. *Jornal Caxias*. Caxias do Sul. p. 6, 31 de mar. 1979. (Autoria desconhecida)
- UNIVERSIDADE de Caxias do Sul. *Pioneiro*. Caxias do Sul. p. 17, 18 de fev. 1967. (Autoria desconhecida)
- VENDEDORES de livros reclamam. *Correio Rio Grandense*. Caxias do Sul. s/p., 11 de fev. 1976. (Autoria desconhecida)

Bibliografia complementar

- BÁEZ, Ivete Jiménez. Literatura popular y literatura regional. In: Morales José Luis Martínez (Org.). *México: literaturas regionales y nación*. Ed. da Universidad Veracruzana, 1999. p. 19-29.
- BONNEVWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.
- CARDONA, Ferrán Archilés. Hacer región es hacer pátria. La región en el imaginario de la nación española de la Restauración. In: TORRES, Pedro Ruiz. (Org.). *La construcción de la*

identidad regional em Europa y España (siglos XIX y XX). Madri: Asociación de historia contemporânea, Marcial pons, ediciones de historia, S.A., 2006. p. 121-147.

CONFINO, Alon. Lo local, una esencia de toda nación. In: TORRES, Pedro Luiz. (Org.). *La construcción de la identidad regional em Europa y España (siglos XIX y XX)*. Madri: Asociación de historia contemporânea, Marcial pons, ediciones de historia, S.A., 2006. p. 19-31.

HEREDIA, Pablo. Regionalizaciones y regionalism en la literatura argentina. Aproximaciones a uma teoría de la región a la luz de lãs ideas y las letras em el siglo XXI. In: CASTELLINO, Marta Elena. (Org.). *Literatura de las regiones argentinas II*. Mendoza: Ed. da Universidad acional de Cuyo, 2007. p. 155-181.

KACHEL, Thomas. Nacionalidade e regionalidade: reflexões sobre pesquisas empíricas de construções nacionais e regionais nos estudos culturais. *Antares*, Caxias do Sul, n. 3, p. 45-62, jan/jun 2010.

MANSOUR, Mónica. Identidad regional e identidad nacional em la literatura mexicana. In: MORALES, José Luis Martínez. (Org.). *México: literaturas regionales y nación*. Veracruzana: Ed. da Universidad Veracruzana, 1999. p. 31-46.

MARTÍN, Pedro Tomé. PUIG, Andrés Fábregas. Introducción. In: ____ *Regiones y fronteras: una perspective antropológica*. México: El Colegiado de Jalisco, 2002. p. 7-12.

____. Las regiones desde la ecología cultural: problemas metodológicos. In: ____ *Regiones y fronteras: una perspective antropológica*. México: El Colegiado de Jalisco, 2002. p. 13-29.

MARTÍNEZ, Joaquín R. González Martínez. Regionalismo y universalismo a la hora actual del siglo XX. In: MORALES, José Luis Martínez. *México: literaturas regionales y nación*. Veracruzana: Ed. da Universidad Veracruzana, 1999. p. 47-58.

OROPEZA, Renato Prada. La literatura regional: el discurso histórico y el testimonial. In: MORALES, José Luis Matínez. (Org.). *México: literaturas regionales y nación*. Veracruzana: Ed. da Universidad Veracruzana, 1999. p. 59-70.

THIESSE, Anne-Marie. Centralismo estatal y nacionalismo regionalizado. Las paradojas Del caso francés. In: TORRES, Pedro Ruiz. (Org.). *La construcción de la identidad regional em Europa y España (siglos XIX y XX)*. Madri: Asociación de historia contemporânea, Marcial pons, ediciones de historia, S.A., 2006. p. 33-64.

VALLERIUS, Denise Mallmann. Regionalismo e crítica: uma relação conturbada. *Antares*, Caxias do Sul, n. 3, p. 63-80, jan/jun 2010.

ANEXOS

ANEXO A

Dados sobre os livros publicados pelos escritores do Grupo, após a antologia *Matrícula* (1967).

Autor	Livro	Ano de publicação	Editora	Nota de apresentação	Fortuna crítica	Outras informações
Oscar Bertholdo	<i>As cordas</i>	1968				
	<i>Corpobre</i>	1969				
	<i>O guardião das vinhas</i>	1970	Edição particular	José Clemente Pozenato		
	<i>A colheita comum</i>	1971	Bento Gonçalves/ Publicações 2001			
	<i>Poemimprovisos</i>	1974	Porto Alegre/ Movimento	Jayme Paviani	José Clemente Pozenato	Nota de Carlos Drummond de Andrade.
	<i>Lugar</i>	1976	Rio de Janeiro/ Civilização brasileira	Jayme Paviani		Prêmio do 1º Concurso Nacional de Literatura da Caxia Econômica Estadual de Goiânia.
	<i>Ave, árvore & tempo de assoalho</i>	1981	Caxias do Sul/ EDUCS			Jayme Paviani participa da comissão editorial.
	<i>Informe de ofício e outras novidades</i>	1982	Caxias do Sul/ EDUCS			Nota de Nelson Werneck Sodré.
	<i>Canto de amor a Farroupilha</i>	1984	Arte impressora Ltda (não informa a cidade).			
<i>C'antigas</i>	1986	Companhia de escritores (não			Publicação que integra as	

			informa a cidade).			comemorações dos 90 anos da Eberle S/A.
	<i>Arte & poesia</i>	1987	Publicação patrocinada por Plásticos Pisani S.A.			Publicação apoiada pela Plásticos Pisani S.A.
	<i>Momentos de Intimidade</i>	1989	São Paulo/ Edições Paulinas			
	<i>Amadas raízes</i>	1992	Porto Alegre/ Editora Alegre	Ademir Antonio Bacca	Carlos Nejar	Publicação apoiada pela prefeitura de Nova Roma do Sul
	<i>Bocca Chiusa</i>	1995	Caxias do Sul/ EDUCS	Jayme Paviani escreve a nota editorial		Há alguns comentários retirados de textos críticos na capa do livro.
	<i>Molho de Chaves</i>	2001	Caxias do Sul/ EDUCS	Jayme Paviani escreve a nota editorial.	Jayme Paviani	Jayme Paviani participa do conselho editorial.
	<i>O fazedor de lonjuras</i>	2011	Caxias do Sul/ EDUCS	José Clemente Pozenato.		
Jayme Paviani	<i>Uvas da consolação</i>	1972	Bento Gonçalves/ Publicações 2001/			
	<i>Onze horas úmidas</i>	1974	Porto Alegre/ Instituto Estadual do Livro			
	<i>Águas de colônia</i>	1979	Caxias do Sul/ Ed. da Universidade de Caxias do Sul			
	<i>O exílio dos dias</i>	1982	Caxias do Sul/ EDUCS		José Clemente Pozenato	Ary Trentin elaborou a capa.

	<i>Agora e na hora das origens</i>	1987	Sem nome de editora ou gráfica. Patrocinado pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul.	Victório Trez (prefeito municipal)		Prólogo escrito por Jayme Paviani e o livro é o vencedor do Concurso anual literário na categoria Obra Literária de 1986.
	<i>Poemas 1967-1987</i>	1990	Caxias do Sul/ Arte e Cultura			Possui trechos de comentários de críticos.
	<i>Antes da palavra</i>	1998	Porto Alegre/ Pyr edições			Livro dedicado ao poeta Oscar Bertholdo.
	<i>As palavras e os dias</i>	2002	Caxias do Sul/ EDUCS	Jayme Paviani	Luiz Carlos Bombassaro Lígia Cademartori Magalhães José Clemente Pozenato Antonio Hohlfeldt Dileta Silveira Martins Magda Elisabete Scotta	
José Clemente Pozenato	<i>Vária figura</i>	1971	Bento Gonçalves/ Publicações 2001			
	<i>Carta de viagem</i>	1981	Caxias do Sul/ EDUCS			
	<i>Meridiano</i>	1982	Caxias do Sul/ Gráfica da Universidade de Caxias do Sul	Mansueto de Castro Serafini Filho (prefeito municipal).		Obra vencedora do Concurso anual literário de Caxias do Sul – 1982.

	<i>Cànti Rùstegui</i>	1993	Publicação apoiada pelo Ecirs (Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul)			
	<i>Mapa de Viagem</i>	2000	Caxias do Sul/EDUCS	Apresentação do próprio poeta.	Donaldo Schüler Rita Terezinha Schmidt Guilhermino Cesar Eduardo Dall'Alba	Livro dedicado à memória de Oscar Bertholdo.
Ary Nicodemos Trentin	<i>Investiduras</i>	1976	Porto Alegre/Movimento	José Clemente Pozeanto.		
	<i>Barcas e Arcas</i>	1981	Caxias do Sul/EDUCS		Cleodes Maria Piazza Ribeiro.	
	<i>Alguma fala e outras tramas</i>	1984	Caxias do Sul/EDUCS	Victório Trez (prefeito municipal)	Jayme Paviani	Obra vencedora do Concurso anual literário de Caxias do Sul – 1983.
	<i>Dentro do Espelho</i>	2002	Caxias do Sul/EDUCS	Jayme Paviani	Donaldo Schüler José Clemente Pozenato Armando Trevisan Antonio Hohlfeldt Cleodes Maria Piazza Ribeiro Bruna Cinti Jayme Paviani	

ANEXO B

Quatro poetas da região do vinhedo preparam um novo livro: “Matrícula”⁵⁰

O livro se chamou “Matrícula” e em sua portada está claramente inscrito: “Antologia Poética do Grupo Reunião.” Um volume de capa rosa escuro, impresso na própria cidade de Caxias do Sul, na coleção “Livro Sul”. Era 1967, e nele figuravam com seus poemas Oscar Bertholdo, José Clemente Pozenato, Jayme Paviani, Ary Nicodemos Trentin e Delmino Gritti.

DEZ ANOS

Dez anos depois, os quatro primeiros que continuaram fiéis à poesia voltaram a reunir-se, na semana passada, para um longo depoimento público, em Caxias do Sul, em um auditório de pleno interesse, a respeito daquela primeira experiência. E depois, acederam em conversar com a reportagem do “Correio do Povo”, num bate-papo informal que teve a presença da “madrinha”, como é por todos considerada a professora Cleodes Ribeiro que coordenou na ocasião a edição, e recentemente o depoimento dos quatro poetas. Para ela, “apesar de todas as oscilações que o tempo provocou em cada um deles, trata-se de um grupo que nasceu grupo, com o devido resguardo da filosofia e de um traço fundamental de distinção de cada um. Não foi só a formação humanística que os reuniu, mas sobretudo as raízes que são comuns, traduzidas especialmente na paisagem, elemento que é, simultaneamente pano de fundo e paisagem a ser poetizada. Para muito, eles poderão ser regionais, mas isso em nada os circunscreve à região, que ultrapassam de muito. Desorganizadíssimos com grupo, minha tarefa foi realmente organiza-los, apenas, para a edição...”

DIÁLOGO

...e a partir daí, o diálogo estava encaminhado.

POZENATO – Não foi nada artificial, criado, a coisa aconteceu como acontece com um pão, quando a massa está bem feita. Quando se fala de grupo, então, há que distinguir este aspecto. Nós não tínhamos uma doutrina, não houve uma pré-organização.

BERTHOLDO – Não houve manifesto a apoiar ou sabotar qualquer coisa. Não somos vanguarda, somos, eu diria, a guarda. Não no sentido de sentinelas, mas no meu modo de ver, como pontas-de-lança: numa época em que todos pensavam em luxo, na queda da poesia, nós começávamos dizendo a poesia.

⁵⁰ O texto foi transcrito, pois não havia a possibilidade de digitalização da página do Jornal Correio do Povo. Entrevista concedida à Antonio Hohlfeldt, em 13 de dezembro, terça-feira, de 1977. p.17. Observa-se que os erros de digitação aparecem também no original.

PAVIANI – Creio que aqui vamos descobrir justamente nossa raiz comum de valores. Enquanto a sociedade de consumo vive da compra-venda, nós tínhamos uma outra preocupação, - que era a expressão mesma do mundo.

ARY – O que nos uniu e une ainda hoje como grupo foi o meio. É seta visão de mundo que temos, e em última análise, a própria atividade poética que desenvolvemos, apesar de tudo.

JAYME – Mas com tal fazer poético não queremos falar de regras, de mandamentos. Somos totalmente diferentes uns dos outros. Diria que o que une o grupo são justamente as diferenças, que consubstanciam nosso alimento.

O GRUPO

POZENATO – Já havíamos deixado o seminário, de onde todos somos originários. Mas eu e Jayme saímos, enquanto Ary lá permanecia e Oscar, já padre, começava seu trabalho em uma paróquia. Foi depois do convívio que nos reunimos. Surgiu a idéia de uma publicação. Precisávamos então de um nome para o grupo, mas qual? Surgiu Reunião, que era inexpressivo. No entanto, havia algo claro: queríamos construir alguma coisa. Lançamos então o primeiro “Matrícula”. Agora, dez anos depois, lançaremos o segundo.

PAVIANI – Lembro-me que houve uma reunião nossa na então Faculdade de Filosofia. Cada um tinha de trazer os seus poemas, que seriam lidos por todos os do grupo, e então escolhidos. O Delmino teve a função de editor, já que ele tinha maior prática do setor, estava ligado às Edições Paulinas, tinha até livraria aqui, onde muita gente de Porto Alegre até vinha comprar, devido à excelência dos volumes que possuía. Fizemos o lançamento, depois, com uma apresentação do Ernildo Stein, que dissertou sobre o poeta na sociedade, salientando que ele é aquele que fala aquilo que permanece (lembrando a Heidegger e Rilke). Este lançamento foi feito em Bento Gonçalves ainda e em Porto Alegre, inclusive com a presença de Guilhermino Cesar, o dia 17 de novembro de que nos deu muita força, era 1967. Além destes, também o Manoelito de Ornellas está presente. Pouco depois, fomos surpreendidos com uma excelente crítica de Nelson Werneck Sodré, na Revista Civilização Brasileira, em que o crítico dizia que no saldo poético do ano, uma raridade era o nosso livro, e tecia comentário sobre ele.

BERTHOLDO – Nós nem tínhamos sonhado com nada igual, nem estávamos preparados para isso.

POZENATO – Levamos um susto com aquela história, porque estávamos tão bem organizados que não havíamos enviado livro algum para crítico ou jornal.

PAVIANI – Já tínhamos publicado alguma coisa: o Bertholdo no Jornal do Dia, o Ary na revista “Nossa Geração”, e Jornal de Letras, eu no Correio do Povo, mas fora disso, éramos autênticos estreantes.

MATRÍCULA

POZENATO – Matrícula era a exploração da ambigüidade: ao mesmo tempo em expressava a escola, e nosso ingresso nela, era também a matriz de uma geração que queríamos começar. Creio que sobretudo por timidez e humildade não nos preocupamos em divulgar aquele primeiro livro. As críticas, por isso mesmo, nos pegaram de surpresa. Acreditamos na poesia, por certo, mas nunca tivemos a preocupação da badalação, de sua transformação em um valor absoluto, porque não forçamos nada. Hoje, por certo, todos valorizamos bem mais aquilo, do que na própria época em que as coisas aconteceram.

PAVIANI – Hoje nos damos conta da importância não para nós, para a poesia gaúcha, talvez: e depois, efetivamente, estamos bem mais entusiasmados com o que fazemos. Todos temos obras inéditas prontas para publicação, subimos o nível de consciência, realizamos aquilo que Sodré idealizava: cada um já teve um certo sucesso com os livros lançados, que dizer, pode-se dizer que já mostramos ao que viemos. Só o Pozenato é que acabou se dedicando mais à crítica literária do que à poesia, mas assim mesmo ele também tem um livro pronto.

ARY – Creio que realizamos a previsão de Sodré, embora muito devagar. E precisamos de dez anos para nos convenceremos disso.

CONSCIÊNCIA

PAVIANI – Nossa consciência em torno de nos mesmos nasceu à medida em que começamos a estudar os aspectos culturais da região, até então inteiramente descurados. Formos organizando pesquisas, com a Cleodes, o Pozenato, as conferências da PUC, depois a criação do ISBIEP (Instituto Superior Brasileiro Italiano de Estudos e Pesquisas), a promoção dos três fóruns, e enfim, a nossa própria descoberta. Foi quando me dei conta da fidelidade que todos nós havíamos guardado para com a cultura da região. Já tive alias com a oportunidade de chamar a atenção para este fato. Os próprios conflitos culturais existentes foram por nós expressos.

POZENATO – Trata-se de uma cultura cujos princípios acham-se mais implícitos no dia a dia do que explícitos, e no entanto ela é extremamente rigorosa marcada por uma ânsia de liberdade que gera a consciência. E enquanto a poesia brasileira optava por outras coisas, justamente nós optávamos pela paisagem, que não era apenas o aspecto externo, mas a

próprias consciência de nós mesmo, presente, por exemplo, na poesia do Oscar Bertholdo e do Ary Trentin, os dois poetas mais enérgicos de todos nós. Um elemento muito típicos desta poesia, por exemplo, é a ereção do mundo rural numa imagem de mundo verdadeiramente humano. Não há saudosismo neste posicionamento, porque desejar que a realidade urbana também se humanize que é o que acontece com os dois poetas, não é ser saudosista, como diz um poemas do Jayme Paviani: os pastores chegaram e apascentaram as máquinas. A pior experiência de nossa cultura é esta passagem da experiência rural para a urbana, e até mesmo esta contradição está expressa em nossa poesia.

PAVIANI – No mesmo esquema estão incluídos os chamados poemas de bairro do Pozenato. Em meio às vacas que ainda podem pastar nas ruas da cidade, surge o caráter nitidamente sociológico de sua poesia em nível de poesia. Não há apenas um esforço físico, para representar este mundo, mas também poético, e isso é que importa.

POZENATO – De um certo modo, a poesia de Drummond é isso. Ele rejeita não a cidade, como um todo, mas ele a verbera para que o boi tenha também lugar na cidade. Isso é o que nós expressamos.

ARY – Tenho um poema em que, a certa altura, digo: roça de cultivos tão raros, tão caros, referindo-me à cidade. É que cada um de nós tem maneira diversas de poetizar esta – mesmo realidade. Para nós, a realidade é percebida como uma realidade habitada pelo homem e seus problemas, e é do homem que nós queremos falar fundamentalmente.

SEM INGENUIDADE

PAVIANI – Daí que não podemos nos valer de uma linguagem ingênua, como se fez em certo tempo de nossa poesia. Temos que falar daquilo que é comum a todos os homens, e neste sentido buscamos a veiculação à melhor tradição da poesia ocidental, talvez devido à nossa formação no grupo, latim, nas leituras de Camões, Dante, etc. Isso marca muito, naturalmente. Por outro lado, formalmente falando, não buscamos o poema encantatório, e isso na época também constitui-se em novidade para o que se fazia então. No caso do Ary, por exemplo, pode-se ver que sua poesia, quanto à forma, não mudou muito de 1966 para cá, ela é fundamentalmente a mesma.

POZENATO – A tradição lusitana da poesia, aliás, é muito forte em todos nós. Não há marca de um poeta único, mas a poesia em língua portuguesa, de um modo geral marcou-nos profundamente, eu diria que em especial através de Jorge de Lima, Murillo Mendes e Carlos Drummond de Andrade, os poetas que mais líamos; Jorge acima de todos, Bandeira proibido

no seminário. Mas não o Jorge de Lima de “Orfeu da Conceição” e sim o último Jorge de Lima, o melhor.

BERTHOLDO – Num momento em que ninguém estava pensando muito em retomar esta problemática esquecida do ser humano, nós a assumimos de maneira até repetitiva, numa edição trabalhada e fiel às raízes, e com um horizonte bem amplo, que talvez por isso mesmo conseguiu sobreviver. Porque em geral a gente se deixa levar pela atualidade...

A PALAVRA

POZENATO – Porque em certos momentos, a vanguarda também é tradição, e vice-versa. Veja-se Eliot, que significou a recuperação de uma dicção poética tradicional e curiosamente cada vanguarda sempre se busca justificar apoiando-se justamente na tradição, até mesmo o Concretismo fez isso, com Souzaândrade, Mallarmé, Oswald, etc.

PAVIANI – De nosso fado, a preocupação maior foi tão somente a fidelidade à palavra. Note-se que hoje em dia o próprio Ferreira Gular faz isso, deixa a “vanguarda” para retornar à palavra.

POZENATO – A antologia que Heloisa Buarque de Holanda organizou com os poetas cariocas e paulistas mostra muito bem isso: retorna-se até mesmo ao ultradiscusso, sem qualquer policiamento. Porque se reconhece que um poema é feito com palavras e não com sinais de trânsito.

PAVIANI – E porque nunca nos preocupamos em lançar um livro por ano, e sim algo que permanecesse depois de publicado, é que também optamos pela caminhada calma.

BERTHOLDO – Particularmente, eu acho que aquele “Matrícula” primeiro mereceria ser republicado, porque nunca tivemos um produção sistemática de poesia, nem planos para tal. Foi tudo muito natural e por isso mesmo, salvo talvez eu, que devido ao prêmios, tive publicações no centro do país, os demais são quase inéditos.

NOVOS LIVROS

PAVIANI – Na verdade, estamos vivendo um período curioso aqui: todos nós nos convencemos de que é hora de publicar. O Ary tem dois livros prontos, o Pozenato tem um, eu tenho um ou dois, o Bertholdo continua editando firme, e eu acho que ele deveria inclusive de reeditar toda a sua obra publicada até agora...

POZENATO – Por outro lado, esta consciência adquirida nos levou a pensar em editar um “Matrícula” II, em que colocaremos poemas inéditos, numa espécie de retrato inteiro de cada um de nós. É que existem hoje certos indícios de que há um auditório bem maior para a poesia do que há dez anos atrás. E então enquanto alguns fazem força para se impor e nós

sempre conseguimos boa recepção sem nada disso, cremos ter chegado a hora de mostrar com voz maior o que fizemos e fazemos.

BERTHOLDO – Alguns filhos nascem com disritmia, outros não. Nossa linguagem hoje tem segurança, possuímos auto-análise mais profunda. Bons ou ruins, somos isso, e nada mais nem menos.

PAVIANI – O Ary sempre teve esta segurança formal desde que começou. O Bertholdo, quando fala que vai limpar um poema, eu já sei: ele compõe outro, inteiramente diferente...

BERTHOLDO – Acontece que quando eu trabalho um poema procuro colocar a coisa disritmada dentro do ritmo, e daí ela ode mudar um pouco...

ARY – Mas no fundo, não mudamos a matéria de nossos poemas, nosso filão. Mudaram alguns aspectos. Há uma dicção mais segura, claro, mais acuidade. E uma consciência que não se possuía dez anos atrás. Hoje sabemos o que fizemos ontem. O tema campo-cidade está maduro em todos nós.

INTUIÇÃO

PAVIANI – Na época fizemos tudo isso, muito intuitivamente.

POZENATO – Minha primeira poesia eu ainda não publiquei. Ela tinha um caráter essencialmente social, que depois se refletiria nos poemas do bairro que publiquei. Depois, ela se tornou mais enigmática, abordando mais as coisas e situações num sentido de crítica mais ampla. Tenho um outro livro pronto, “O cavaleiro da chuva”, que recebeu um prêmio em Florianópolis. Fora disso, tenho outras composições líricas tradicionais, até mesmo com um certo acento erótico... talvez uma tradição latina como a Cleodes costuma dizer. A poesia do Jayme Paviani, por outro lado, é essencialmente lírica. Em “Onze horas úmidas” ele reduz as propostas aos três versos essenciais de que fala o Quintana. Sua poesia é a notação de um instante em que fulgura o sentido de alguma coisa, e que só o poeta percebe. Só que o lirismo do Paviani se associa a uma consciência quase metafísica, já que ele tenta mostrar as experiências originárias, de gênese do mundo rural, nas raízes de onde vimos todos. A poesia de Oscar Bertholdo, enfim, é de um teor dramático muito grande, porque nele o homem está sempre em luta apaixonada. A poesia também é passional, seja na integração com o mundo ou no desvencilhamento de qualquer tipo de amarras, em especial aquelas da consciência mesma. A sua evolução tornou cada vez mais explícita tal dramaticidade, explodindo literalmente nos últimos livros. A poesia de Ary Trentin, de seu lado, é didática, por constituir-se numa espécie de lição sobre a condição humana. O seu tema é a finitude do homem sobre os limites do

homem. Por isso, sua forma é extremamente contundente, usada como denúncia e acusação desses limites, em certos momentos com uma veemência até retórica. A rigor, sua poesia não teve evolução. No último livro ele está tão integral quanto no primeiro, tanto é que um poema daquele tempo foi publicado agora, sob qualquer retificação e integrando-se perfeitamente no novo livro.

O INÍCIO

Oscar Bertholdo, indagado sobre como envolveu-se com a poesia, não soube responder. Pozenato revelou que foi no prédio mesmo do seminário que começou a pensar a escrever. Ary foi mais precoce: num exercício de criatividade literária, em classe, fez um poema e o professor gostou dele, lendo-o em aula. O jovem estudante deu-se conta então da facilidade que tinha para compor, e começou a escrever. Bertholdo volta atrás, lembra o passado: “Um caderno do meu irmão tinha alguns poemas compostos por ele. Lendo-os achei que também poderia fazê-los e comecei a trabalhar.”

AS FONTES

POZENATO – Creio que os livros do Sérgio Milliet, o “Panorama da Poesia Brasileira”; e o “Poesia e Liberdade”, do Murilo Mendes, nos marcaram fundamentalmente. Não que haja semelhanças entre o que eles faziam e o que nós fizemos. Mas foi a inspiração na maneira de pensar. Do que me lembro, o que mais me impressionou foi a fulguração visual das imagens do Murilo.

PAVIANI – Desde o início, tive a consciência da distinção entre o moderno e o tradicional. O livro de Sérgio Milliet foi fundamental para isso, e para todos nós, as aulas do professor Hilário Pandolfo, sobre literatura brasileira contemporânea, dadas no seminário.

BERTHOLDO – Para mim, além de tudo isso, a ligação com o Grupo Quixote, quando eu estava em Viamão...

No seminário, onde estamos todos reunidos para o encontro, o diálogo vai-se extinguindo. Soam, apenas, nas paredes vazadas pelos ecos, os nomes dos novos livros que cada um dos poetas termina de preparar. “Todas as Coisas” e “Águas de Colônia”, de Paviani; “Barcas e Arcas”, de Ary Trentin; os vários títulos de Oscar Bertholdo, todos já publicados, e “Cavaleiros da Chuva” e outros livros inéditos de José Pozenato... quatro poetas que apesar de todas as demais ocupações que os rodeiam permanecem sempre, e constantemente, poetas.

ANEXO C

Poesia sempre (Especial para o “Correio do Povo”)⁵¹

Há pouco quando falávamos de Gregório Maranhão, citávamos sua filha ironia, quanto à atitude de muitos críticos, que se colocam – diante do livro aberto (indefesa exibição de vísceras, as mais íntimas e de uma complicada anatomia espiritual), com a crueza de um inquisidor medieval... Não encontramos razões, às vezes, para as complicadas teorias, com que se procura, por exemplo, explicar o poeta e seu processo lírico, dando-nos a impressão de que, no jogo das palavras e das ideias, há de surpreender-se mais o próprio poeta, do que o leitor cauteloso. E quantos, ao final, se interrogarão: a poesia é um simples artifício cerebral, construída de rebuscadas intenções ou um clamor secreto e profundo da alma?

Creemos que Pedro Salinas disse tudo, quando julgou a missão do poeta: a de fazer comunicável aos outros a experiência da vida que constitui o poema. O poema é uma solidão. Sua peculiaridade consiste em achar-se na fronteira dessa insubordinável solidão da alma e a voz do anjo.

Nunca poderemos esquecer do gesto simples, ingênuo e humano, a um tempo, de um dos maiores poetas do Brasil, que no ler, num domingo, o rodapé inteiro de um jornal do Rio, sobre o seu último livro, exclamou, olhando-nos, espantado, entre os quadros que também pintava: – “Mas eu sou tudo isto e tudo isto eu quis dizer, de fato?”

É verdade que o poeta na sua “mediunidade”, com toda a oculta força de sua captação cósmica, ou senhor, como queiram, dos segredos “búdicos”, não tenha – na maioria dos casos – a clara consciência do quanto lhe brotou da alma em “trance”. Juana de Ibarbourou, na sua autobiografia lírica, conta, que no seu primeiro soneto – escrito aos 13 anos, em Cerro Largo, usara de um vocábulo que ela ignorava, por inteiro, e que só depois veio a sabê-lo do mais castiço castelhano, caído no verso com a mestria de um Gôngora.

Quem há de explicar esse mistério?

Creemos no pensamento de Lorca, quando lembra a palavra de Paul Valéry, de que o “estado de inspiração” não é o conveniente para escrever o poema. O “estado de inspiração” é um estado de recolhimento, mas jamais de dinamismo criador. Necessita-se repousar a visão

⁵¹ O texto foi transcrito, pois não havia a possibilidade de digitalização da página do Jornal Correio do Povo. Texto escrito por Manoelito de Ornellas, em 11 de julho, terça-feira, de 1967. p. 4. Observa-se que os erros de digitação aparecem também no original.

deslumbrada, para que a imagem se clarifique... Dizia o granadino, poeta dos ciganos, que nenhum grande artista pode trabalhar em estado de febre... Os místicos trabalham, trabalham, quando “o pombo inefável do Espírito Santo abandona o aconchego do ninho, para se perder nas nuvens...” Volta-se da inspiração, como se volta de um país estranho. E o poema resulta, então, a narrativa de uma espantosa aventura.

E diz o poeta dos ciganos: “a inspiração dá a imagem mas não dá as vestes...” E para vesti-la, há que se observar equânimemente, e sem perigosa paixão, a qualidade e a sonoridade das palavras...

Será que todos os críticos, com seus complicados sistemas técnicos, porém fugir, quase sempre, da fria análise para a visão desse intermúndio da realidade e da irreabilidade, às vezes semelhante a um Universo mitológico?

E quem sabe entender essa estranha Mitologia? E onde o fundo sentido interpretativo para a intimidade das metáforas que os deuses nos deixaram?

O próprio hermetismo de um poeta está mais dentro dele do que em sua poesia. Não é sua poesia que é hermética. É ele, o poeta que, numa luta íntima, procura ser claro e matizado, mas ressalta, da batalha, subjugado ao duro império dos símbolos e das imagens cuja transparência os vocábulos não conseguiram alcançar... e estes, os vocábulos, às vezes, passam mesmo a inexistir, pela carência de força, quando à desesperada busca da exata expressão. Então, sugerir passa a ser melhor do que expressar. E, no caso, de que valem as próprias palavras?

O poeta precisa sair de si mesmo e sentir-se entre os demais. Ultrapassa um novo pórtico, e descobre um novo mundo. E só então toma consciência de que é um homem entre todos os homens.

Mas “o homem é uma angústia de Deus”, diz Carlos Nejar...

Todas essas ideias nasceram com uma surpresa, em tumulto. E surpresa para quem tinha os olhos tristes, em busca de uma mensagem nova, de moços que viessem à maneira de arautos das justas medievais, fazendo vibrar, nos ares enregelados, suas fanfarras de ouro, anunciando um novo dia de festa...

Carlos Nejar, poeta grande de “Danações”, danações que vão sacudir a alma sonolenta dos que preferiram apaziguar-se aos moldes de um cômodo julgamento da vida que estamos vivendo (num dar de ombros que traduz a frase sufocada na boca farta: “e isso que me importa – Se eu sou feliz?”), trouxe-nos à mesa pesada de livros que nos chegam de toda

parte, um pequeno volume, de cor quase púrpura, com um desenho em negro, como um óvulo, quase informe, todo feito de uma promessa de vida, em gestação... Na sobrecapa, uma frase: “Coleção: Livro Sul. Título: *Matrícula*. Subtítulo: *Antologia poética do grupo reunião*. Autores: Oscar Bertholdo, José Clemente Pozenato, Jayme Paviani, Ary Nicodemos Trentin e Delmino Gritti. Como se vê, todos eles descendentes daqueles pioneiros toscanos que subiram às escarpas da Serra, para plantar, nas terras agrestes de tigres e pumas, um reino lilás, consagrado à alegria da vindimas de Baco... Bertholdo com 32; Pozenato com 29; Paviani com 27; Trentin e Gritti com 25 anos. Surgem juntos. Casaram suas poesias num volume, cada qual com sua voz própria, dono cada qual de seu estilo, senhor, cada qual de sua técnica. O livro não diz nada, no pórtico, assim como uma pretensiosa apresentação: “esta é a nova, a “novíssima” geração de poetas que Caxias presta o favor de entregar ao Rio Grande”. Nada. Tudo muito simples, sem cartaz, sem repicar se sinos, sem rojões. Simples mesmo.

Mas que festa de sensibilidade nestas páginas! Que descobertas surpreendentes a destes jovens, nascidos em Nova Roma, em São Francisco de Paula, em Flores da Cunha, em Gramado e Garibaldi... Uma geografia de Santos e Heróis. Pois aí tem o Rio Grande do Sul uma nova geração de poetas, de poetas de verdade, alguns, donos de uma força que se torna maiúscula, outros com impulsos que, às vezes, por serem cálidos, não conservam a temperatura normal do termômetro, e explodem em gritos de febre. Mas, quer na discrição do cântico ou na exacerbação do calor, todos eles permanecem dentro de uma harmonia tranqüilizante, sem que jamais sejam ultrapassadas as raias do equilíbrio emocional.

Há, entre elas, os mais maduros embora não se deva pensar nos “maiores”. Gostaríamos de pluralizar nosso entusiasmo, em palavras que não distinguem nomes. Mas é forçoso que se diga que Oscar Bertholdo – não por ser o “mais velho” (como cabe mal a frase entre jovens que chamaríamos de “meninos” pelo registro civil e homens pelo talento) mas por ser talvez o mais “experiente”, no painel que lhe cabe no grupo, ganha, às vezes, o destaque perceptível. Poderíamos dizer que todos os seus poemas, no livro, são bons. Mas, faculta-se ao comentarista, pelo menos, o direito à preferência. Ficamos com sua “Primeira Canção de muito perto” talvez por uma secreta identificação com o motivo...

“Sou aquele que esconde nos olhos
um jeito de menino que entenece,
tenho ternuras no peito
e um delicadíssimo desejo de não sei o quê.
Todos dias me prolongo

sangrando em límpida esperança,
tristeza é estar exausto
de escrever dos meus poemas.
Até o Anjo da Guarda, inconsolado
ficou triste. Bem quisera
pedir e adivinhar o quanto
perdi o ao longo dos caminhos.
Sei: o mundo me sonda os rins
e o ofício amargo de fazer poemas.
Mas em vão procuro
não ser tímido. Sinto-me
hostil e distante
de mim mesmo, de tudo.
Sou impaciente quando sofro,
jeito de menino me entenece.”

De Pozenato, entre os seus versos, queremos seu “poeminha barroco”:

“No arabesco da vida
onde o árabe, e o cavalo?
No labirinto do verbo
onde o lábio, e o verso?
No volutear da tristeza
onde a voluta, e o pássaro?
No fermentar do espírito
Onde o repouso, afinal?”

De Paviani, guardemos o motivo que este sim, podemos dizer é também nosso:

“Minha infância foi tão simples
como as coisas. Um flor
brotava na soleira da porta
para dizer-me bom dia.
Eu era feliz
O mundo estava completo.

Hoje, a presença dessa flor
 não sei em que soleira de porta.
 Só ficou na parede de minha alma
 a paisagem pintada
 quem sabe por quem...”

De Trentin, uma estrofe apenas, que é um impacto e que fica a ressoar, dentro de nós, como um gesto de angústia que surpreendêsemos na distância sem remédio:

“Marcamos nossa
 viagem para
 ontem. Agora
 estamos acabados.”

E, por fim, de Gritti, um verso que permaneceu na memória, assim como murmúrio de saudade:

“Volto anjo sem força,
 apenas a palavras
 que leva uma rosa.
 Nas mãos
 a única manhã.”

Explicá-los? Discuti-los? Mas quem conseguirá explicar um poema? Um quadro? Uma estátua? Quem poderá, como um Deus, usar da chave dos enigmas de cada alma, como a daquele claustro do Rei de Pilos?

Caxias acaba de dar ao Rio Grande do Sul uma nova geração de poetas. E o canto vem das alturas. E traz a palavra cristalina, que se esbate na lâmina de um céu que é dos mais profundos da nossa terra... Poesia, eis tudo.

Cantem, meus jovens poetas. Cantem, dentro da paisagem dessa Caxias de vinhas roxas, como as saudades. Cantem, perto do Céu. E peçam a todos os moços do Rio Grande e do Brasil que cantem, com vocês.

E que seus cânticos façam esquecer a ausência de pães nas mesas pobres, ó frio nos corpos nus e abafem, como corais altissonantes, com a veemência de clarins e a pureza de anjos, os longínquos canhões que trucidam vidas e sonhos, de moços como vocês... Cantem

como Perie, levando ao muro do fuzilamento, na França, pelos nazistas clamando, com a boca machucada onde se abria, para a morte, uma rosa escarlate.

“Vamos preparar uma madrugada que cante!”